

Costumes e Tradições do Povo **Yawanawá**



Organização dos Professores Indígenas do Acre
Comissão Pró-Índio do Acre

Costumes e Tradições do Povo Yawanawá

*contra-capa
parte interna*

→
*primeira
página
do miolo*



Organização dos Professores Indígenas do Acre
Comissão Pró-Índio do Acre

Costumes e Tradições do Povo Yawanawá

Presidente da república
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário-Executivo
Jairo Jorge da Silva

Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
Ricardo Henriques

Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena
Kleber Gesteira Matos

MEC/SECAD/DEDC
Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena
SGAS Av. L2 Sul – Quadra 607 – lote nº 50
2º andar – sala 209 – CEP 70200- 670 – Brasília – DF
E-mail: secad@mec.gov.br

Ficha Catalográfica

Vinnya, Aldaiso Luiz. Ochoa, Maria Luiza Pinedo. Teixeira, Gleyson de Araújo. (Orgs.)
Costumes e Tradições do Povo Yawanawá. Comissão Pró-Índio do Acre / Organização dos
Professores Indígenas do Acre. – Rio Branco, 2006.

180p., 23 cm

1. Terra Indígena – Amazônia. 2. Índios Yawanawá – História e Costumes – Amazônia. 3.
Índios – Arte e Cultura. I. Título.

CDD. 980.4109811



Organização dos Professores Indígenas do Acre
Comissão Pró-Índio do Acre

Direitos Autorais
Organização dos Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório-OAEYRG
Fone: (68) 3462-1019 • E-mail: oaeyrg@uol.com.br

Pesquisa

Aldaiso Luiz Vinnya
Fernando Luiz Nani Yawanawá

Escritores e Ilustradores Yawanawá

Maria de Fátima Sheki Teschke
Francisco Luiz Pãnhã
Leda Matilde Yawa Tume
Alderina Shaya
Inácio Veera

Narradores Yawanawá

Raimundo Luiz Yawanawá
Vicente Yawarani
Francisco Luiz Yawanawá
Raimundo Sales Yawanawá
Joaquim Luiz Taskã Yawanawá
Biraci Brasil Yawanawá

Organização

Aldaiso Luiz Vinnya
Gleyson de Araújo Teixeira
Maria Luiza Pinedo Ochoa

Editoração e digitação

Camila Cordeiro de Melo
Gleyson Teixeira de Araújo
Maria Luiza Pinedo Ochoa

Capa e contracapa

Fotos de Joaquim Luiz Taskã Yawanawá e Ingrid Weber

Revisão da Língua Portuguesa

Juliana Lofego

Colaboradores

Sandra de Sousa Luiz Yawanawá
Joaquim Luiz Taskã Yawanawá
Renato A. Gavazzi
Ingrid Weber
Ney José Brito Maciel
Terri Valle de Aquino

Projeto gráfico

GKNoronha

Apoio

Rainforest Foundation da Noruega
Secretaria de Educação do Estado do Acre

Realização

Organização dos Professores Indígenas do Acre
Fone: (68) 3223-3177 • E-mail: opiac@uol.com.br

Comissão Pró-Índio do Acre
R. Pernambuco, 1026 –Bosque – CEP 69907-580-Rio Branco – Acre
Tele/fax: (68) 3224-1426/9030 • E-mail: cpiacre@cpiacre.org.br

Índice

Apresentação por Aldaiso Luiz Vinnya Yawanawá	9
Os Yawanawá no rio Gregório: conhecendo um pouco dessa história (vários autores e narradores)	11
Quem é o povo Yawanawá	13
Entre o Tarauacá e o Liberdade	15
O chefe Tescon	18
O contato	20
O assassinato de Baxico	21
Antônio Luiz e os patrões	22
Os parentes Katukina	29
As diferentes origens das famílias que formam o povo Yawanawá	31
A chegada da PARANACRE	32
O encontro com o txai Terri	33
A visita a FUNAI em Brasília	34
Estes Índios são escravos da PARANACRE	35
A saída dos patrões	39
A cooperativa substitui o barracão	39
Novos tempos	40
Projetos econômicos e organização Yawanawá	41
Tudo está diferente (por Fernando Luiz Nani Yawanawá)	46
Histórias, roçados e saberes sobre as plantas (narrado por Raimundo Luís Yawanawá)	53
O contato com o povo Iri e a origem de alguns conhecimentos	54
História do povo sovina	56
A escolha do lugar para o roçado	57
A derrubada e a queima	58
Os plantios	60
Enquanto a roça cresce se faz cerâmica	63
A alimentação e suas dietas	64

A sabedoria e poder das plantas:	65	Arte, conhecimento e festa	119
O roçado, as plantas medicinais e a pajelança	70	(por Aldaiso Luiz Vinnya Yawanawá)	
Alimentação: preferências e regras	73	O ressurgimento da arte e a valorização de conhecimentos e práticas tradicionais	120
(por Aldaiso Luiz Vinnya Yawanawá)		Adornos	124
Comidas usadas pelos Yawanawá	74	Tipos de cocares	124
Bebidas apreciadas pelos Yawanawá	80	Colares	130
Carne de animais que os Yawanawá não comem	83	Brincos	130
Frutas que os Yawanawá não comem	83	Saia de casca de buriti e casca de tsaut ou vixu	130
Alimentos proibidos para crianças e adolescentes comerem	83	Pulseiras	131
Outras comidas que podem provocar doenças	86	Cestaria	132
Alimentos que crianças novas não podem comer	86	Tecelagem	133
Alimentos proibidos para mulheres grávidas	86	Cerâmica	133
		Armas	134
As caçadas	87	Pinturas corporais	135
(por Aldaiso Luiz Vinnya Yawanawá)		Cada Pintura e desenho tem suas representações	137
As caçadas	88	Cores	142
A formação dos caçadores Yawanawá	90	Festas e músicas	143
A preparação para a caçada	93	Música tradicional	145
Para que serve cada folha	94	Os tipos de música	146
As caças mais apreciadas	103	Brincadeiras	149
Caçadas noturnas	104	Educação tradicional e escolar do povo Yawanawá	161
Caçadas saindo de casa	104	(por Fernando Luiz Nani Yawanawá)	
		Como é a educação tradicional entre os Yawanawá	162
As pescarias	105	A conquista da terra e o surgimento da escola entre os Yawanawá	163
Tipos de pescarias	106	Educação tradicional e escola	164
		O que faz a escola diferenciada?	165
Casamentos e moradias	113	Histórias da floresta (vários autores e narradores)	167
(por Aldaiso Luiz Vinnya Yawanawá e Fernando Luiz Nani Yawanawá)			
Casamentos e moradias	114	Pós-facio (por Maria Luiza Pinedo Ochoa e Gleyson de Araújo Teixeira)	177
Um casamento ideal	115		
As famílias e suas moradias	117		

Apresentação



Aldayso Yawanawá e seu pai, Alderico Arara. FOTO INGRID WEBBER

Este livro surgiu de uma necessidade do meu povo de registrar depoimentos dos velhos Yawanawá existentes na terra indígena. É fruto de minhas primeiras obras e experiências pesquisadas na Terra Indígena do Rio Gregório, nas aldeias Tibúrcio, Escondido, Mutum, Nova Esperança e Matrinxã. Para que esse material realmente se concretizasse, fiz uma reflexão no centro de nossos terreiros, juntamente com as crianças e os anciões das aldeias, onde ali nos encontramos com os espíritos da floresta e dos nossos ancestrais para entoar nossos cânticos de festas tradicionais, rituais e cerimônias sagradas. As informações foram obtidas através de depoimentos e entrevistas com os velhos sábios e conhecedores da cultura e da história do povo Yawanawá, também de outros grupos étnicos (Shawanawa, Ushunawa, Iskunawa, Shanenawa e Kamanawa) que formam as comunidades da terra indígena. Este livro é mais um material de apoio para os professores Yawanawá trabalharem na sala de aula com seus alunos. Servirá também nas comunidades Yawanawá como um livro de pesquisa e leitura. Com ele, surgem novos horizontes para outras pesquisas com o povo e novas direções no trabalho escolar.

Costumes e Tradições aborda fatos e acontecimentos do povo Yawa, surgimento e fortalecimento das artes, dos rituais, dos mitos, das lendas, da pajelança, uso das plantas medicinais, cantos sagrados, caçadas e pescarias tradicionais. Nós, Yawanawá, ou qualquer membro que vem de outras famílias, temos certeza de que nossos valores culturais e espirituais devem ser transmitidos e ensinados aos nossos filhos e netos. Portanto, firmamos o nosso respeito à educação tradicional do povo Yawanawá, por acreditar no resultado deste material e no seu uso dentro da comunidade. Por isso, vamos dedicar e celebrar este livro em nome dos Yawanawá, em especial aos velhos das aldeias que são: o pajé Yawa e Tatá, Tũĩ Kuru; aos caçadores tradicionais Xinã Yura, Nixi Waka e Pana; as conhecedoras de cerâmica, Iskurunĩ, Yuva; e aos conhecedores das plantas medicinais ãũ Vavãwã Ũĩ Veru Rave Rave Itiru, Tsaka e Manoel Pequeno.

Aldaiso Luiz Vinnya

Os Yawanawá no rio Gregório: um pouco de história



Antiga aldeia do povo Yawanawá da Terra Indígena rio Gregório. FOTO TERRI AQUINO

Quem é o povo Yawanawá

Desde os tempos imemoriais, os Yawanawá o povo da queixada ocupam as cabeceiras do rio Gregório, afluente do rio Juruá, geograficamente pertencente ao município de Tarauacá, Acre. Sua população atual é de 636 pessoas e pertence ao tronco lingüístico Pano. As famílias estão distribuídas nas comunidades Nova Esperança, Mutum, Escondido, Tibúrcio e Matrinxã. As comunidades são formadas pelas famílias Yawanawá, Arara, Kãmãnawa (povo da onça), Iskunawa (povo do japó), Ushunawa (povo da cor branca), Shanenawa (povo do pássaro azul), Rununawa (povo da cobra) e Kaxinawá (povo do morcego). Os primeiros relatórios organizados pela FUNAI não apresentavam a existência do povo Yawanawá e nem de outras famílias. Mostravam apenas a existência das famílias Katukina. Somente no segundo relatório feito pela equipe da CPI/AC, em 1984, consta a existência do povo Yawanawá.

A língua predominante nas aldeias é o português. A língua Yawanawá, é falada apenas pelos anciões e alguns jovens da aldeia. Nas comunidades Tibúrcio e Escondido é falada a língua Kãmãnawa (Katukina) e Yawanawá. Na terra indígena tem uma comunidade reconhecida como Katukina que é falante somente da língua Kãmãnawa.

Yawanawá reunidos durante Festival de Cultura. FOTO: JOAQUIM TASHKA



Em seu contexto histórico, os Yawanawá já viviam com a família Iskunawa e Ushunawa. As famílias sempre foram um povo inseparável. Os Yawanawá viviam e trabalhavam nas colocações cortando seringa, servindo de caçadores para os patrões, e desenvolviam atividades domésticas nos antigos seringais. Portanto, viviam com os antigos patrões seringalistas, conhecidos por Abel Pinheiro e Antônio Carioca. Nessa mesma época, os Yawanawá se encontraram com os Katukina (Kãmãnawa) vindo das correrias da região do vale do Javari, no Amazonas. Os dois grupos mantiveram boas relações e fizeram casamentos. Também houve migração de alguns membros da família Arara dos rios Tejo e Bajé, Shanenawa do rio Envira e Kaxinawá do rio Tarauacá. E assim as famílias foram crescendo e os casamentos acontecendo.

Em 1977, foi feita a identificação da Terra Indígena do Rio Gregório. Ela foi demarcada em 1984, com a extensão de 92.860 hectares. Após a demarcação, as famílias formaram aldeias como a Nova Esperança, que foi a primeira. A segunda a ser formada foi a aldeia Mutum, depois a aldeia Escondido, e em seguida, a aldeia Tibúrcio. No ano de 2003, os Yawanawá pediram a ampliação de suas terras e incluíram as cabeceiras e afluentes dos principais rios e igarapés, cemitérios sagrados e lugares de caçadas tradicionais às margens das cabeceiras do rio Gregório, município de Tarauacá.

Em fins de 2004, um grupo técnico da FUNAI realizou os estudos de revisão de limites da Terra indígena do Rio Gregório. Nesse processo de reivindicação, o povo Yawanawá formou, em 2005, outra comunidade para ocupação de suas terras, chamada Matrinxã.

Em 3 de abril de 2006, com a publicação pela FUNAI do resumo do Relatório de Revisão de Limites da Terra Indígena Rio Gregório no Diário Oficial da União, esta terra indígena passou a ter uma superfície de aproximadamente 187.400 hectares e perímetro de 239 quilômetros.

Aldaiso Luiz Vinnya

Entre o Tarauacá e o Liberdade

O povo Yawanawá, desde o conhecimento da pessoa mais velha, que foi o velho Antônio Luiz, sempre viveu na cabeceira do rio Gregório, no igarapé Palheral. Essa foi a primeira aldeia que o velho Antônio Luiz na sua infância conheceu, quando tinha oito a doze anos de idade. O velho Antônio Luiz contava que quando ainda ali viviam os seus pais e parentes, como tios e primos, andavam pela cabeceira do rio Tarauacá e o Riozinho da Liberdade. Na cabeceira do rio Tarauacá viviam os nossos parentes Kaxinawá de hoje.

Outros parentes que viviam no alto rio Gregório, mais especificamente nas cabeceiras do igarapé Paturi eram os Iskunawa, que, por causa das mudanças de locais de moradia foram também denominados como Katuquina de Feijó e atualmente são conhecidos como Shanenawa. Outros povos, que não existem mais, eram o Papavô, os Neanawa (povo jacamim) e os Paranawa (o povo que enganava).

Para o lado do Riozinho da Liberdade viviam os Shãwanawa e os Rununawa. O velho Antônio Luiz contava também que Shãwanawa e Rununawa se entendiam muito bem com Yawanawá e que os Rununawa eram mais ricos em conhecimentos.

Yawanawá do rio Gregório na antiga aldeia Caxinauá.



Sobre esse passado, o seu Raimundo Luiz, filho do velho Antônio Luiz, nos conta:

No Riozinho da Liberdade, no Seringal Forquilha, moravam dois povos que eram os Rununawa e os Shawanawa. Do Forquilha para cima era dos Rununawa e os Arara tomavam conta do resto do rio. No igarapé Besta morava os Sainawa (. Eles moravam também dentro do igarapé Miolo, um afluente do Riozinho. Esses Sainawa não tinham quase ligação com os Yawanawá. Quem tinha eram os Rununawa, porque o afluente do Forquilha, chamado Carrapateira, é ligado com o Gregório.

Naquele tempo, nessa região viviam só os índios mesmo. Antigamente, os Rununawa e os Shawanawa faziam grandes festas e iam buscar os Yawanawá. A gente fazia isso também com o povo do rio Tarauacá, que eram os Kaxinawá. Quando convidavam para uma festa, iam representantes de muitos povos nawa, ou pano. Era uma mistura. danada Muita gente. Faziam aquele convite grande. Aquela aliança foi muito segura. Por causa dessa aliança fizeram muita troca de mulher, para unir mais.

Antigamente era difícil ficar muito tempo em um lugar certo. Passavam dois a três anos num local e depois mudavam. Nesse meio vieram os peruanos. Nesse tempo, o caucho dava muito como seringa também. Aí os peruanos vinham tirar caucho. Chegavam, faziam tapiri e os índios vinham, topavam com os caucheiros. Os índios pegavam as coisas, derramavam farinha, e as coisas que tinham lá carregavam tudo. E os peruanos diziam: - vamos matar os índios. Pegavam o rastro até encontrar e faziam fogo, matavam. Esses conflitos e massacres realizados pelos caucheiros peruanos ficaram conhecidos como o tempo das correrias.

Sobre os Rununawa e os caucheiros peruanos o velho Raimundo Luiz ainda conta:

Antes dos brancos foram os caucheiros peruanos os primeiros a chegar. Então os peruanos mataram muitos índios e quando os peruanos toparam os Rununawa muito deles se entregaram para saber quem eles eram e porque souberam que eles tinham muitas coisas de admiração, como terçado, faca, machado, machadinho. Metade ficou guardada e outra metade como se fosse para morrer. Quando se entregaram, os peruanos respeitaram. Ensinaaram a atirar de rifle e montaram um exército na mata. E os levaram para guerrear com outros povos. Os peruanos começaram a matar os Yawanawá. Aconteceu isso na cabeceira do Gregório. Então, nossos parentes fugiram entre as águas do Tarauacá e Gregório.

Raimundo Luiz e Tapu Yawanawá. FOTO: TERRI AQUINO. ANO: 1983



O chefe Tescon

Dentro do Riozinho da Liberdade quem mandava era um chefe que os patrões brancos conheceram como TESCON. Ele tinha mãe Arara e pai Rununawa.

O velho Antônio Luiz contava que esse Tescon foi assassinado pelo próprio cunhado, que era uma liderança que comandava outro grupo da mesma etnia. A morte dele foi por causa de uma mulher que gostava muito de mentir, contava coisas que não eram verdade.

O chefe Tescon estava pescando quando essa mulher saiu para outro lugar, logo onde o cunhado de Tescon vivia. Quando chegou lá, contou que Tescon estava pescando para deixar para sua mulher e depois vir acabar com o grupo de seu cunhado. Então esse cunhado ficou com muita raiva e resolveu juntar a sua turma para acabar com o grupo do Tescon antes que ele viesse. Juntou seus guerreiros e foram. Quando chegou lá, Tescon não sabia de nada e o recebeu muito bem. Passaram a noite e, no outro dia, quando estavam colocando o leite de assacu no lago para matar o peixe, o grupo descontente o atacou e o próprio cunhado matou Tescon covardemente. O lago onde tudo ocorreu fica na boca do igarapé Forquilha, afluente do Riozinho da Liberdade. O lago ficou conhecido como Lago do Tescon. Os velhos até hoje contam o que o velho Antônio Luiz falava sobre essa história.

Era um tempo onde havia muitas trocas de mulheres entre os Yawanawá, os Rununawa, os Shãwanawa, os Iskunawa, Ushunawa. Havia alguns desentendimentos, mas não era guerra para acabar com esses povos, sempre havia festa entre eles. O que mais fazia raiva a um grupo era quando se pedia uma mulher em casamento e o outro grupo não aceitava. Então, era planejado um extermínio do grupo, daí era feita uma guerra. Outra coisa que foi muito grave na convivência dos povos indígenas naquela região das cabeceiras do rio Gregório e do Riozinho da Liberdade foi a vinda dos peruanos para tirar caucho. Mataram muitos de nossos parentes com armas de fogo, nesse tempo de correrias.

Raimundo Luiz conta ainda a história da morte do chefe Tescon de modo diferente, falando quais seriam os motivos para o seu assassinato e a de outros homens Rununawa.

Os Arara e os Rununawa começaram a trocar mulheres entre si. Os Arara ficavam com as mulheres dos Rununawa e os Rununawa ficavam com as dos Arara. Mas eles não souberam tratar as filhas dos Arara. Eles começaram a judiar, a maltratar, fizeram muita coisa ruim, espancaram muito. As mulheres chegavam na aldeia de seus parentes muito ensanguentadas, umas pegavam tiro e depois os maridos iam buscar. Até que, com essa arrumação, os Arara foram perdendo a paciência. Então eles estudaram como deviam atacar os Rununawa. Brigando mesmo, sem fazer traição, sabiam que não venciam. Então eles inventaram de fazer um marisco grande em um lago na boca do Forquilha. E fizeram o convite para o chefe Tescon e sua turma. Juntaram leite de assacu que é para matar peixe.

Esse marisco foi feito só para traição. Na hora que o peixe estava morrendo, todo mundo desceu para pegar peixe, mas nenhum Arara desceu. Na hora que o pessoal estava todo preocupado em pegar o peixe, desarmado, os Arara pegaram as armas e mataram eles do barranco. Mataram uma aldeia toda. Só não mataram as mulheres e crianças, que foram depois incorporados ao povo Shawanawa.

O contato

Entre os caucheiros peruanos que chegaram, havia um homem chamado Baxico, que veio da cabeceira do rio Juruá. Matava muitos povos e só ficava com as mulheres e alguns homens para serem os seus guardas ou capangas. O peruano Baxico era muito cheio de precaução e tinha muitos guardas que o vigiavam para ninguém o matar. Só vivia em casa. As mulheres davam comida na boca dele e outras o abanavam. Assim, ele vivia dando ordem para seus capangas matarem os índios daquela região. Algumas nações indígenas viviam descontentes, mas não podiam fazer nada, porque não tinham condições de enfrentar bala com flecha, não tinham condições de lutar de igual para igual. Com isso, os índios perderam muito. O velho Antônio Luiz contava que naquela época era pequeno e que só andava segurando na mão de sua avó, com medo.

Ainda nessa época, chegou à aldeia dos Yawanawá um homem chamado Ângelo Ferreira, que vinha subindo o rio Tarauacá, e muitos índios de várias etnias vinham com ele.

Quando Ângelo Ferreira chegou, os Yawanawá estavam derrubando os paus de seus roçados. Os índios que estavam com Ângelo, estavam ali para pedir que os povos indígenas daquela região, onde os Yawanawá viviam, não fizessem guerra contra ele. Quem falava pelo Ângelo eram os índios que estavam com ele. O velho chefe não quis confiar no grupo de pessoas que estava com Ângelo Ferreira, mas um Katuquina falou que Ângelo não era homem que estava fazendo o mal, que era homem de paz, homem que estava para ajudar, não era homem que estava fazendo guerra contra o nosso povo. Então, quando o velho chefe Yawanawá escutou isso na língua, pediu que todos se sentassem para escutar o que estava sendo falado por uma pessoa que sabia nossa língua. O rapaz Katuquina repetiu as mesmas palavras. O velho chefe disse ao jovem: - só vou acreditar que ele é homem de paz se ele tomar um rapé comigo. Ângelo Ferreira aceitou, para mostrar que era real tudo o que o rapaz estava dizendo. Quando o velho deu a primeira soprada no nariz de Ângelo, ele caiu e começou a tremer. O velho disse: - ele chefe bom, mas não tem costume de tomar rapé. O chefe pediu que o levassem para dar um banho e, depois, mandou preparar muita comida. Depois que comeram, Ângelo Ferreira começou a falar e o rapaz Katuquina traduzia. Quando o chefe falava, o rapaz fazia a tradução também. Assim se entenderam. E logo o povo indígena ficou sabendo que os homens brancos que estavam matando seu povo eram os caucheiros peruanos. Não eram os seringalistas e seringueiros brasileiros.

Desde esse tempo, os Yawanawá foram convidados a viver mais perto de outros povos como os Sainawa, como os Iskunawa e outros.

O Assassinato de Baxico

Logo depois do contato com Ângelo Ferreira, o chefe Yawanawá avisou o grupo vizinho, que eram os Rununawa. O que foi muito bom, porque um dos capangas de confiança do peruano Baxico era um índio Rununawa, que ficava na porta do quarto, com rifle na mão para não deixar ninguém entrar.

O chefe Rununawa e o chefe Yawanawá mandaram chamar o índio capanga que nunca mais tinha visitado os seus parentes, Ele aceitou com muita alegria. Mas, quando o Baxico, ficou sabendo dessa visita, mandou outro capanga peruano para saber do que iam conversar. Aconteceu que o peruano não sabia falar a língua indígena e nem entendia o que o capanga índio falava com seus parentes. E o capanga Rununawa traduzia errado para o seu companheiro peruano. Os dois parentes pediram que ele matasse o Baxico, que há muito tempo vinha matando os índios.

– Vou dizer para vocês, eu sou um dos capangas de Baxico. Ele confia em mim porque o chamo de pai. Como posso fazer para atirar nele? - Perguntou o índio capanga.

Os dois deram uma instrução:

– Tu chega bem cedo e não mostra tristeza na sua cara, sempre mostra que você está contente. Deixa todos saírem para o trabalho e sempre fala alguma palavra que dê segurança a ele, dizendo essas palavras para ele escutar. Na hora de meio dia, quando não tiver ninguém, põe o rifle para cima e atira entre os dois olhos dele. Ele não vai nem se mexer. No caminho de volta, o capanga peruano foi perguntando e o capanga índio foi traduzindo tudo ao contrário do que havia conversado com seus parentes.

Então, o capanga índio fez tudo do jeito que tinha sido instruído pelo seu parente chefe. Na hora de meio dia, quando as mulheres estavam dando de comer, ele falou as bonitas palavras. O capanga índio percebeu que Baxico tinha ficado bastante desconfiado com as palavras que havia dito e resolveu não falar mais nada. O rapaz arribou o seu rifle e disse as últimas palavras: - se alguém tocasse pelo menos a mão no meu pai, eu faria assim. E deu um pulo para cima com a boca do rifle, quando baixou a boca do rifle já foi atirando. Foi no mesmo lugar onde os dois chefes haviam pedido. Tudo isso aconteceu porque Ângelo Ferreira tinha dito que os peruanos estavam matando todos os índios. O velho Antônio Luiz falava que depois mataram todos os caucheiros peruanos do Baxico.

Antônio Luiz e os patrões

Depois que Ângelo Ferreira amansou os Yawanawá, passaram a ter ele como um pai. Deram para Ângelo um menino Yawanawá com nome de Txima, que foi levado para ser ensinado. Passados alguns anos, Ângelo Ferreira trouxe Txima de volta para a aldeia. Dessa vez ele já tinha sido batizado, e o seu nome agora era João Txima.

João Txima, depois da sua volta, passou a ser o novo líder do povo Yawanawá, porque ele sabia falar o português e sabia negociar. Ele era o responsável pelos negócios entre os Yawanawá e o Ângelo Ferreira.

Seu Raimundo Luiz nos fala sobre o que aconteceu depois da morte do patrão Ângelo Ferreira:

Nessa época, mataram Ângelo Ferreira. Não foi índio, não. Foi outro patrão do rio Tarauacá que o matou por causa de disputa de um seringal no Paranã Apuanã. Os Yawanawá voltaram a ser “brabos” de novo. Veio um bocado de Rununawa que tomou as armas dos caucheiros. Eles aprenderam a atirar de rifle. Aí a guerra começou. Esse povo que era guarda-costas dos peruanos, inventou de matar os peruanos. Tirava a arma deles e se vestia com as roupas deles. A guerra durou muito tempo. Só na cabeceira guerreava. Os Yawanawá viviam nas fronteiras e quem dava as notícias eram os Kaxinawá que moravam às margens do rio Tarauacá. Nesse meio tempo, já tinha outro branco dentro do Gregório. Era o Abel Pinheiro.

Antônio Luiz começou a cortar seringa para João Txima muito jovem. Nessa época, João Txima já trabalhava com outro patrão, o cearense Abel Pinheiro, no seringal Marinha, que fica na boca do igarapé Kaxinawá, afluente do rio Gregório, onde hoje fica a sede velha do seringal Caxinauá.

Depois de trabalhar como seringueiro para João Txima, o velho Antônio Luiz começou perceber que estava sendo enganado por ele. Então, resolveu fazer seu negócio por conta própria. Convidou os seus primos Luiz Quati (Yawa Kashashu), João Ferreira (Yawa Tenu Kuni, irmão de Quati), Teixeira (Yawa Pana Hãĩ) e Chico Caboclo (Varĩ Txanu) para formar seu grupo, para não depender mais do João Txima.

A aldeia de João Txima ficava no Vari Shununia, que os patrões e seringueiros deram o nome de Maloquinha. E depois de Antônio Luiz ter se dividido com João Txima, que era Iskunawa, ele veio fazer nova aldeia na cabeceira do igarapé Palheral, que em Yawanawá chama-se Kupaya Rehuki.

O Antônio Luiz era filho de pai Ushunawa. A mãe dele era Yawanawá verdadeira e seu nome era Yawa Piapanama. Agora, o pai de criação dele era Rununawa, em português era Tuchau Maroca. Os primos que ele chamou eram seus parentes próximos. Eram seus primos por parte de sua mãe.

Com a saída de Abel Pinheiro do seringal Marinha para Cruzeiro do Sul e a divisão de Antônio Luiz com João Txima Iskunawa, teve a chegada dos Carioca como novo patrão. Pouco tempo depois, Txima morreu.

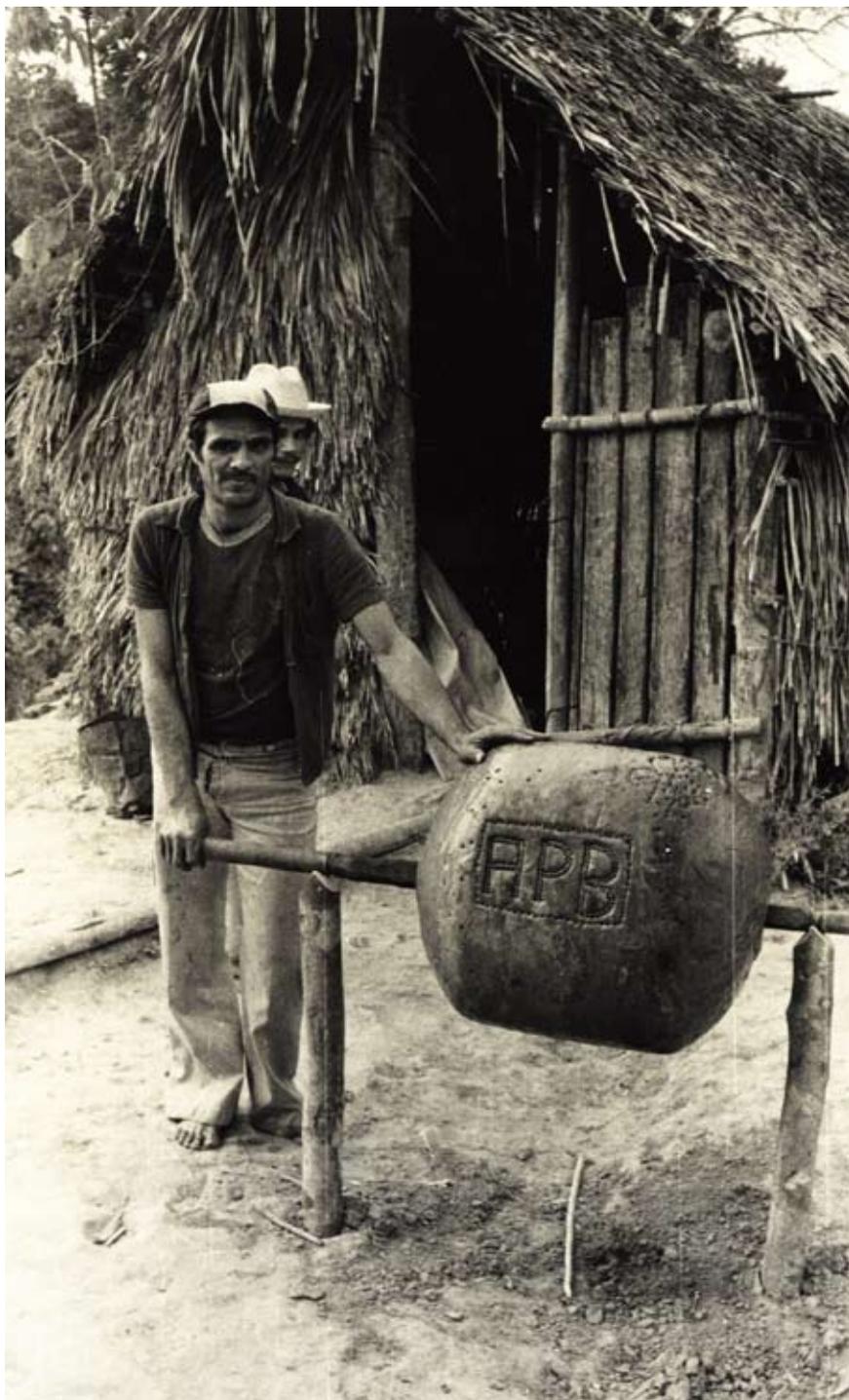
A chegada dos Carioca no seringal Marinha, onde mandava Abel Pinheiro, foi muito agressiva. Os capangas dos Carioca chegaram como exército, com fardas e armados com rifles e fuzis. Chegaram atirando, matando a criação e ameaçando Abel Pinheiro para “sair ou morrer”. E Abel, que era um homem muito passivo, pediu calma. Falou para a família dos Carioca que iria sair sem nenhum problema, mas que desse um tempo para ele reunir sua freguesia e saber quem iria com ele e quem iria ficar.

Abel Pinheiro mandou uma pessoa à cavalo para avisar a todos os fregueses. Esse mensageiro já dava o recado certo de quem iria embora com Abel e de quem iria ficar com o Antônio Carioca, o novo dono do seringal.

Os que iriam ficar vinham para receber o novo patrão. Quem iria com Abel Pinheiro queimava a casa e atirava na bacia, na panela. Eles traziam suas coisas, já prontos para ir embora junto com Abel Pinheiro. Assim, foram todos da parte do Abel para Cruzeiro do Sul pelo grande ramal que ligava o rio Tarauacá ao rio Juruá, a mando do Ângelo Ferreira. Abel Pinheiro começou sua viagem no Santa Pelônia, onde passava esse ramal velho, com seus fregueses, cavalos e bois. Até hoje não tivemos notícias suas.

Os Cariocas não quiseram ficar onde Abel morava e mudaram o nome de Marinha para seringal caxinauá, onde abre o Gregório e o igarapé Caxinauá.

O contato de Antônio Luiz com a família Carioca ocorreu depois de ter mudado para cabeceira do igarapé Palheral. Antônio Luiz e Luiz Quati, seu primo e companheiro de infância, imaginaram fazer o primeiro contato com os Carioca. Vieram os dois da aldeia para perto, para ver como seria o meio mais fácil de amansar os brancos. O nome do igarapé é Nũũ Peushe (o Pato das Asas Brancas) e fica na velha sede do seringal



Seringueiro Yawanawá do rio Gregório com péla de borracha - detalhe para as iniciais do patrão "Abel Pinheiro". FOTO: TERRI AQUINO, ANO: 1983

Caxinaué. Os dois tiveram a idéia de levar alguma coisa para agradá-los, e levaram alimentos conforme a tradição Yawanawá.

Então, os dois foram caçar de flechas sem espingardas, no barreiro do igarapé Extrema. Lá estava um veado despercebido comendo o barreiro. Antônio Luiz muito cauteloso foi devagarzinho e deu uma flechada nele. O veado correu e caiu. Chamou o seu primo Quati, muito alegre, por ter matado o veado. Agora a caça não é mais o problema. O problema era ter que levar para o homem branco que nunca tinham visto e conversado muito menos.

Eu imagino a coragem que os dois jovens Yawanawá tiveram. Chegar na frente de gente estranha sem nunca ter visto. Devia ter uma coragem, uma necessidade muito grande.

Então, Antônio Luiz contara que colocou o veado morto na vara, ele atrás e o primo dele na frente.

Chegaram ao barracão, colocaram em cima do assoalho da casa do patrão Antônio Carioca, isso sem dizer nada, e ficaram vendo como os homens brancos iriam receber eles. Muito alegre, o patrão sem falar, deu uma cuia cheia de farinha para os dois e deu mais uma faca. Eles acharam que tinham sido bem recebidos e desse dia em diante começou o contato de Antônio Luiz e Antônio Carioca. Mais para frente, Antônio Luiz foi batizado e chamou o Antônio Carioca para ser seu padrinho. Assim se tornou uma liderança muito forte para sua família.

Com o passar do tempo, Carioca chamou o velho Antônio Luiz para perto dele. Foi aí que Antônio Luiz se mudou da cabeceira do Palheral para a sede do seringal Caxinaué. Os brancos moravam de um lado do rio e o velho Antônio morava do outro lado com o seu povo.

Seu Raimundo Luiz assim conta sobre esse ocorrido:

Eles não sabiam o que era farinha. Conheciam macaxeira e banana, mas farinha não. Depois o patrão mostrou como era para comer, mas não comeram não. Naquele dia o chefe, o Carioca, o Antônio Carioca, rapaz novo, chegou só com o macaco. O Carioca deu uma faquinha tinchete para eles. Eles ficaram alegres com a faquinha. Com três dias, foram de novo, mataram outro veado. O carioca não estava e tinha ido caçar de novo. Com poucas horas o Carioca chegou. Ele andava com faca de bainha. Tirou do cinturão e deu para meu pai e deu outra faca para o primo dele, Quati. Nesse dia, eles passaram a noite inteira cantando, pois tinham ganhado um terçado de bainha. No outro dia, bem cedinho, os pais foram rodear o barracão para ver se os brancos tinham matado eles dois. Eles moravam lá acima, na colocação chamada Maloquinha, no seringal Caxinauá. Os pais choraram de alegria e viram aquela faca de bainha. A mãe abraçou chorando de alegria. Todos vinham ver como aconteceu e quem eram os nawá. “Eles não fazem nada, a gente só não entende”. Antônio Luiz com o tempo disse “eu mesmo não fico aqui não. Eu vou para lá onde eu estava. Lá no meu tapirí”. Aí ele veio. A mãe mais o padraço vinham de dois em dois dias olhar. Eles tinham ganhado terçado, machado, ganhou uns pratos, canecos, tudo desenhado e esmaltado. Quando os pais viram isso, disseram – “meu filho, metade da comunidade veio e metade ficou lá”. Quando Antônio Luiz começou a negociar com os brancos, seus parentes ficaram com grande respeito. Os brancos só conheciam ele, não falavam com outro povo não, só tinham confiança no Antonio Luiz. Essa grande confiança foi que ele conquistou.

Todo ano, Antônio Luiz fazia limpeza de ramais para carregar borracha das colocações, e também fazia roçado para Antônio Carioca.

Seu Vicente Yawaraní conta:

O velho chefe Antônio Luiz botava a gente para trabalhar. O patrão só falava com o chefe. Roçamos ramal ali do seringal Caxinauá. Ali foi tudo serviço de índio. Abria estrada de seringa, tinha mateiro para abrir estrada. Tinha freguês que cortava seringa na colocação. O patrão falava com o chefe para mandar roçar a estrada, aí o chefe levava. Quando terminava as três estradas, o chefe pagava na hora. Era muito bom o tempo que o velho era vivo. O velho fazia muita farinha, muito gramixó (açúcar mascavo). A mercadoria o patrão trazia para ele já separada. Ele vendia farinha, gramixó, e o patrão trazia tecido e todo tipo de mercadoria, nesse tempo era legal mesmo. Trazia de tudo. O patrão não enganava ele, porque o pobre não sabia tirar conta nem sabia ler. E o patrão era padrinho dele, o Antônio Carioca.

O nosso povo trabalhava na seringa. Outros abriam ramal, varadouro de colocação e de escoamento da produção de borracha, trabalhava no roçado com o patrão como diarista. A seringa era o meio de subsistência. Mas sobrava um tempinho para fazer nosso roçado e pescar. A gente não dedicava nem 100% para o patrão nem para o nosso serviço. Porque se trabalhasse só para o que é nosso, ia faltar as coisas em casa, não tinha crédito e nem direito de comprar mercadoria. Eles abriam estrada de seringa e ramal, porque só os índios sabiam explorar a mata bruta, explorar um rio para outro, ramal grande, ponte grande, trabalho braçal.

Nani Yawanawá e velho Yawarani dando entrevista. FOTO: INGRID WEBBER



Antônio Carioca levou Antônio Luiz para Manaus, mas antes ele, com a ajuda de seu povo e de alguns brancos, teve que tirar 200 toras de aguano, segundo conta o velho Vicente. Antônio Luiz quando foi para Manaus, passou um ano nessa viagem para ir e voltar. Com esse trabalho de tiragem de madeira, ele comprou chapéu, sapato, roupas, perfumes, talco, mala, baú, facas, pratos, panelas, colheres, peças e fardos de roupas, qualidade de roupas para mulheres, fitas para enfeites das roupas de todas as cores, grades de cachaça Cocal, cachaça Jararaca, uma frisqueira de 20 litros, chinelos de sola, cinturão de couro. Essas mercadorias foram trazidas em troca de 200 toras de aguano de 5 metros de comprimento. Com trabalho de ramais e roçado Antônio Luiz nunca iria para Manaus. Conseguiria só mesmo fazer troca com coisas básicas da casa e de sua família.

O velho Vicente se lembra que presenciou Antônio Luiz e seus primos tirando toras de aguano com machado. Quando iriam embolar as toras, iam homens, mulheres e crianças. Mas Antônio nunca trabalhava em dia santo, ele era muito festeiro, mas não dançava.

Antônio Luiz foi batizado em Manaus e seu padrinho foi Antônio Carioca e a sua madrinha Nossa Senhora da Conceição. Foi quando pediram que ele nunca trabalhasse em dia santo e cumprisse todas as regras de dia santo como era para ser.

Antônio Luiz nunca abandonou a sua cultura só para fazer o que era do branco. Todos ainda hoje falam que esse foi o homem que soube dominar os dois lados, tanto a cultura vinda de fora como a cultura dos Yawanawá, que era a cultura do seu povo.

Em alguns momentos Antônio Luiz era muito carrasco. Mas a bondade, a forma dele agir, cobria os seus defeitos. Assim ele viveu a sua vida. Ele sabia sentir junto o problema de qualquer pessoa, ajudava a resolver o problema junto com a pessoa e se afetava quando alguém tirava o bem estar de outro.

O velho Antônio Luiz chegou a dar a sua mulher para o bem estar de uma pessoa, os seus primos ou sobrinhos. Assim ele dominava os homens mais ruins do seu tempo.

Seu primeiro casamento foi com a avó materna do pajé Tatá. Quando o tuxaua Maroca estava morrendo, fez um pedido para que Antônio Luiz ficasse com a própria mulher dele, para ela não sofrer muito. Então, em troca de ter criado Antônio Luiz, o velho queria que ele ficasse com sua mulher, que era para criar também a filha do tuxaua Maroca.

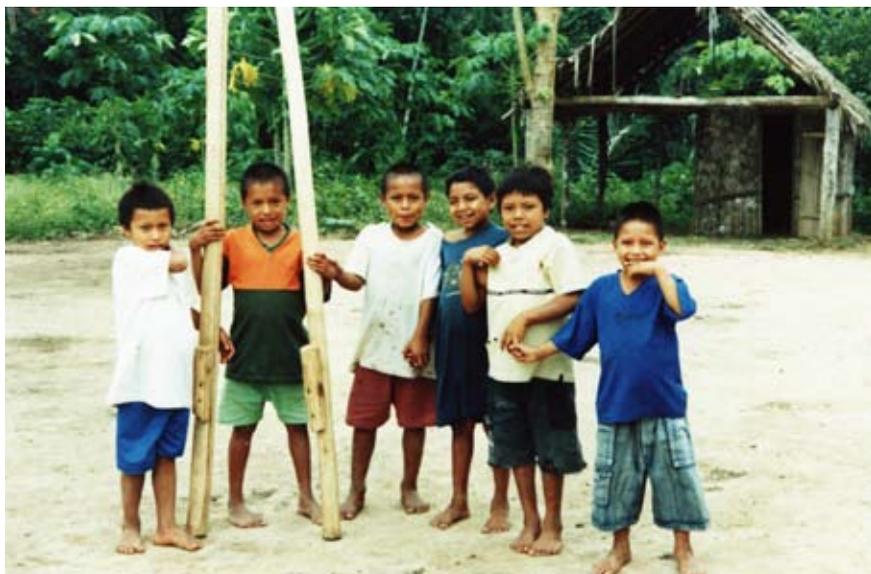
O segundo casamento foi com a avó do Biraci, uma mulher Iskunawa por nome Tsaka Yũãya. Essa mulher Antônio Luiz achava muito bonita e ela já tinha marido, não tinha como casar com ela. Então Antônio Luiz se reuniu com os primos para fazer guerra para tomar as mulheres dos Iskunawa. Mas Antônio Luiz já tinha a sua preferência por Tsaka Yũãya, que em português se chamava Carmina. Ela já tinha um filho, que foi o pai do Biraci, o velho Dionísio. Então quando Antônio Luiz matou o pai de Dionísio, ele tinha mais ou menos uns 5 ou 6 meses de idade. Depois Antônio Luiz criou o Dionísio como seu próprio filho. Carmina morreu mais tarde de parto. O terceiro casamento de Antônio Luiz, foi com Angelica Katukina do clã Kamanawa. Ela é mãe do velho Raimundo Luiz, o velho Luiz, o Chicó e outros velhos Yawanawá.

O terceiro casamento de Antônio Luiz, depois de ser viúvo duas vezes, foi com Angélica Katukina.

Os parentes Katukina

Seu Francisco Luiz conhecido como Chicó, filho do velho Antônio Luiz e dona Angélica Katukina, fala sobre os Katukina que vivem no Gregório e o parentesco que eles têm com os Yawanawá:

A matriz dos Katukina daqui é a parte Kamanawa. Eles foram morar lá perto da aldeia do papai. Mamãe tinha o marido dela e ela falava que não era daqui, morava do outro lado do rio Juruá. Morava na cabeceira do Boa Fé. Depois moraram no seringal Guarani e também no igarapé Miolo. De lá, uma vez papai foi fazer uma viagem até o porto de Manaus com um seringalista que chamava Antônio Carioca. Papai viu aquele bando de caboclo lá. Ele tinha vontade de conhecer, mas passava direto. Antônio Carioca falou: “Eu trouxe esse caboclo para te conhecer.” Esse cara era irmão da minha mãe. Quando ele voltou, falou que tinha um patrão muito bom, que não era caboclo igual a nós. Mas ele era bom, vamos morar com ele. Aí veio o pessoal todinho dela, morando aqui e acolá, mas quando ele convidou moraram no igarapé Tauari. De lá foram para o São Vicente, vieram morar na boca do igarapé Matrinxã e nas cabeceiras também. Daqui que eles foram morar com papai. Era por volta de 1920 a 26, por aí. Eu não tinha nascido. Foram morar lá com papai. Era muito



Meninos Katukina na aldeia Mutum - Terra Indígena do rio Gregório. FOTO: TERRI AQUINO

As diferentes origens das famílias que formam o povo Yawanawá

Sobre essa questão de saber quem somos de fato, eu posso dizer que eu não me sinto mais um Katukina ou um Arara. Falam sempre que os Yawanawá foi um povo bem briguento contra os outros grupos nawa. Eles formavam briga, saíam da comunidade deles e invadiam outras comunidades, matavam os maridos e levavam as mulheres e as meninas, os machos eles matavam tudo. Então, nessa situação, todos os outros grupos foram massacrando os Yawanawá, foram acabando com eles e no final sobrou poucos Yawanawá. A partir daí começou a vir outros grupos, que passaram a formar essa comunidade. Foi quando meu avô que era Ushunawá, e era chefe dos Yawanawá, se juntou com minha avó, Angélica, que era Katukina. Os Katukina estavam também numa correria, os peruanos estavam tentando escravizar eles pra trabalhar no caucho à força. Começaram a fugir e vieram do igarapé chamado Atalaia, depois saíram no Rio Branco, depois no Tauari e de lá veio um grupo ver esse grande chefe. Foi quando meu avô pediu que viesse morar com ele. Quando eles chegaram, meu avô se juntou com a minha avó e a partir daí meu tio que era Arara veio visitar também esses Yawanawá. Chegou, gostou e trouxe as irmãs dele. Os meus avós já tinham vários filhos, e eles se juntaram com as irmãs de meus tios e os irmãos dos meus tios se juntaram com as filhas do meu avô. Houve uma troca. Então, outras famílias também foram se juntando com outras mulheres de outros grupos, como Shawanawa, Rununawa, Shanenawa, Iskunawa e Kaxinawá. Todos eles vieram de outros rios das redondezas das cabeceiras do Rio Gregório (Riozinho da Liberdade, médio rio Tarauacá,, Bajé, Tejo) e foram formando esta comunidade. Apesar de terem sido vários grupos, que vieram aqui, onde estava esse pequeno grupo Yawanawá, que passaram a ser conhecidos também como Yawanawá. Na verdade, os Yawanawá de hoje foram incorporando todos esses grupos nawa.

Aldayso Vinnya Yawanawá

Katukina e moraram no Paturi. Depois vieram morar na aldeia Mutum, onde hoje mora o velho Raimundo Luiz. O Mutum era uma aldeia Katukina também. Um bocado começou a morar no Sete Estrelas, trabalhando com branco também. Minha mãe começou a gostar do papai. Ele juntou os capangas dele e foram buscar a mamãe. Ficaram brigando. Os Katukina então ficaram espalhados no igarapé Burra, no Sete Estrelas, no igarapé Apiuri. Depois alguns saíram do Sete Estrelas e foram para beira da BR – 364. A terra deles mesmo era o Sete Estrelas e a Burra. O Mutum e este lugar aqui, Matrinxá é deles. Mamãe ficou com papai. Toda a família da mamãe é Katukina. Agora Yawanawá puro é pouquinha gente. Ali no Sete Estrelas é tudo parente dela.

A chegada da PARANACRE

O velho Raimundo Luiz fala do tempo em que os seringais do rio Gregório foram vendidos para a empresa PARANACRE- Companhia Paranaense de Colonização Agropecuária e Industrial do Acre, no início dos anos de 1970, e o que aconteceu depois.

Eu sofri muito. Trabalhei tanto quando a terra foi comprada. No tempo do Carioca, tudo era seringal e a gente considerava, não mexia com os fregueses. Nós fazíamos tudo que a gente quisesse. A terra não era terra era seringal, não importava terra, importava a seringa. Mas quando a terra foi comprada ninguém acreditou. Então veio aquela gente estranha de batelão e de helicóptero. A terra foi comprada e os donos vieram visitar. Nesse dia eu criei coragem de conversar. Fui ao batelão e falei com seu Brito e ele disse: “Nós compramos a terra, mas quem resolve é o doutor Ernesto e o seu Nilo”. Aí eu fui lá, conversei e perguntei a ele: “Agora essa terra todinha é nossa?” Ele disse: “Vocês não têm direito”. Aí perguntei: “Eu não tenho direito nem do tamanho do meu terreiro?” Ele disse: “Não”. No momento eu perguntei como é que a gente vai viver. “Vocês vão viver para pagar a renda da terra. Vocês vão fazer uma derrubada, plantando capim, milho, arroz, feijão, legume que dá um ano para outro e só. Não vão plantar banana não, ou outras coisas. Vocês não vão mais pescar, envenenar a água, nem caçar com cachorro e nem derrubar madeira nenhuma, árvore nenhuma, sem nossa permissão. Não podem botar roçado sem nossa permissão” Disse para ele: “Como é que a gente vai viver?” Ele respondeu: “Olha na cidade tem muita gente que nunca matou caça e nem faz roçado. Não vive? Porque vocês não podem viver também? Vocês têm que aprender a criar porco, a criar galinha, criar pato para poder viver. Não botem roçado se não for com nossa permissão”. A comunidade ficou com medo, uns quiseram fugir. Como é que iam viver desse jeito. Felizmente eu agüentei mal naqueles anos. Aí eu comecei a trabalhar fora do comum. O gerente começou a perseguir. Nesse meio eu fui a Tarauacá, fui para Rio Branco, não sabia nem o que era FUNAI.

O encontro com o Txai Terri

Raimundo Sales também lembra dessa época e conta como os Yawanawá descobriram que podiam lutar por aquela terra onde viviam.

A gente foi descoberto pelo Txai Terri. Apareceu um sujeito da banda do Tarauacá. Era o Terri que vinha do Jordão, em visita aos Kaxinawá, com quem mantinha contato a mais tempo. Aí ele saiu no seringal Caxinawá. Descobriu a gente. Informou que nós éramos índios com direito igual aos outros índios. Direito à assistência e a nossa terra. Existia um órgão chamado Funai que foi criado pelo governo federal para a questão indígena. E a gente passou a ter informação melhor e a reivindicar nossos direitos. Nós, então, desabafamos um pouco para ele sobre a situação que a gente vivia. Eu lembro que o tio Luís deu uma entrevista dizendo assim que nós éramos escravos da PARANACRE, a firma que tinha comprado grandes extensões de terra no Acre, fazia pouco tempo. O Terri usou essa frase para colocar no jornal O Varadouro, de Rio Branco. Era aquela vida praticamente como escravos, sem direito a nada. Os novos patrões da Paranacre impediam a gente de caçar, pescar, colocar roçado, uma serie de restrição e a gente tinha que obedecer. Não sabia usar nenhum argumento e achava que aquilo era o certo. O Terri chegou e esclareceu muita coisa importante. Então começou a nossa luta pela demarcação de nossas terras. Através do Txai Terri a Comissão Pró-Índio do Acre passou, então a apoiar nossa luta.

Txai Terri Vale de Aquino.
FOTO: DJACIRA MAIA



A visita a FUNAI em Brasília

No início da luta pela terra uma das ações realizadas pelos Yawanawa foi mandar seus representantes a Brasília, acompanhados de outras lideranças indígenas do Acre para reivindicar a terra junto a Funai. Seu Raimundo Luís nos fala um pouco sobre esse acontecimento.

Tem uma lei de índio que tá lá. Eu vi um bocado de índio rapazinhos. Fui conhecer esse direito nosso. Nessa época me tomaram borracha, que estava no São Vicente. Minha mãe estava doente e eu queria pagar uma passagem de avião e tive que fazer quase uma tonelada de borracha. Ele disse que não comprava minha borracha e nem deixava eu vender. Fui bater campo para fazer farinha para o Gaudêncio, para conseguir ir a Rio Branco. Cheguei lá, o Sueiro já tinha me visto e me apresentou para o Terri que me levou para o jornal Varadouro. Eu falei umas verdades, chorando e emocionado. Eu estava tão com medo que não sabia com quem estava conversando. Me disseram que tinha que ir lá na raiz, em Brasília. “Vai lá, lá que está o negócio” Não conhecia nada. Me deram uma colher e eu sofri muito, porque não sabia comer no avião e era quente, me sujava, passei mal. Cheguei no aeroporto e um rapaz de nome Renato veio me pegar e me deixaram na casa do índio. Encontrei vários índios Shukuru-Kariri. No outro dia os Xavantes me levaram no prédio da FUNAI. Neste dia eu encontrei o Alceu Cotia que já tinha andado pela nossa área em 1976 e eu nem sabia que ele era da FUNAI. Conteí minha situação todinha para ele. No outro dia eu pedi para falar com o presidente da FUNAI. Eu não sabia falar e o Alceu me ajudou muito, explicando que eu queria terra demarcada.

Estes índios são escravos da PARANACRE

A seguir apresentamos a notícia e entrevista que saiu no jornal O Varadouro de Rio Branco no ano de 1981, início da luta pelos direitos dos povos indígenas do Acre. A notícia e entrevista foi realizada pelo antropólogo Txai Terri com lideranças do povo Yawanawá.

Dentro do imenso latifúndio de 463 mil hectares de terras que a PARANACRE alega ser proprietária no rio Gregório, município de Tarauacá, existem cerca de 300 índios lauanauá e Katukina vivendo uma situação de verdadeira escravidão.

São índios que não tem direito a nada, nem sequer à área onde sempre viveram e morreram seus antepassados. Como seringueiros, são duplamente explorados: nos altos preços das mercadorias adquiridas nos barracões da PARANACRE, e no baixo preço de sua produção de borracha. São também obrigados a pagar a renda de estradas de seringa existentes dentro de sua terra, além de também pagarem a “tara” e outras “comissões” para os gerentes da Paranacre, empresa de propriedade do Café Cacique, Viação Garcia e outros, todos de Londrina, no Paraná. Trabalhando como peões, recebem uma baixa diária de 250 cruzeiros, quando uma lata de leite em pó, de 400 gramas, custa 500 cruzeiros nos depósitos da Paranacre.

A Ajudância da FUNAI no Acre é omissa, apesar das denúncias já apresentadas pelo chefe lauanauá, Raimundo Luís. Os missionários norte-americanos das Novas Tribos do Brasil, que vivem há seis anos entre os índios do Rio Gregório, só se preocupam com o proselitismo religioso, pregando o evangelho do “deus branco”, enquanto desconsideram as festas e rituais tradicionais dos índios, chamando-os de “coisas do diabo”.

Através do Varadouro, as lideranças indígenas lauanauá do Rio Gregório, pedem o decidido apoio da opinião pública acreana, no sentido de garantir a demarcação de uma área de terra, para que eles possam viver mais dignamente - como gente, como índios, como um povo distinto do nosso.



Varadouro- Como é a vida de vocês aqui no Rio Gregório?

Luís Iauanauá- A nossa lei aqui é trabalhar e viver no cativo, como antigamente vivia no tempo dos patrão cariú. Ainda hoje nós vive esta vida como escravo da Paranacre. Aqui os índios corta seringa e faz serviço de empeleitada para a firma da Paranacre. Nós abre colocação no bruto, roça as estradas de seringa, faz barraca e defumador, bota roçado pra nós e pros gerentes da firma, broca e derruba a mata, roça ramal e varadouro, faz ponte no igarapé pro comboio passar. Tudo que ta aberto neste seringal Caxinauá e Sete Estrelas, foi feito com os braços dos índios Iauanauá e Katukina do Rio Gregório. E acabá, os gerente da Paranacre, não dá valor a nosso serviço. Paga pouco e muitas veis não paga todos os dias de serviço que a gente faz.

Gilson Iauanauá- Aqui todos os índios paga renda das estradas de seringa, paga tara de borracha, paga comissão do comboio. Não se perde um. Tem muitos índios cortando seringa aqui e nunca o comboio leva mercadoria pra nós. Quem quiser é que leve nas costas.

Antonio Luis Iauanauá- Os gerentes aqui da Paranacre nunca dão valor ao nosso serviço. Ainda faz é empatar de vender mercadoria pra nós. Eu sempre faço esse serviço de empeleita pra eles e agora to com quase três meses que não compro nada no barracão, porque seu Antonio Bento que é gerente da Paranacre, não me vende mais nada. Quem ajuda nós aqui vendendo alguma coisa, é o Luis Antonio, que é um seringueiro, é um pobre também que nem nós. Ele vende sal, querosene, alguma outra coisinha que a gente precisa.

Gilson Iauanauá- Os gerentes da Paranacre não dá valor ao nosso serviço aqui. Eu trabalhei 22 dias pro seu Antonio Bento, gerente aqui do seringal Caxinauá, e ele só me pagou 16 dias. Então eu perguntei prá ele: o senhor não vai me pagar os meus 22 dias? Ele me respondeu: pago não! Nunca vi um homem trabalhar 22 dias seguido. Eu fui lá e disse umas palavras prá ele: Seu Antonio Bento, então os meu dias o senhor vai parir. Por causa disso, ele não me vende mais nem uma caixa de fósforo. Ele ainda mandou procurar outro rumo. Mas ele sabe muito bem que nós somo morador antigo daqui. Aqui é a nossa terra!

Varadouro- A gente sabe que a Paranacre tem aqui 463 mil há de terras. E vocês não tem direito a nem um pedaço de terra?

Arnaldo Iauanauá- A Paranacre comprou essa terra com nós tudim dentro. A firma devia deixar a nossa área de terra prá nós viver. Comprou a nossa terra e nós não tem direito a nada. Quando o seu Ernesto, fiscal da Paranacre, andou por aqui, o Raimundo Luis, nosso chefe, perguntou prá ele: Seu Ernesto, e nós? A firma Paranacre comprou esse Rio Gregório todinho, com nós tudo dentro? E nós não tem direito a nossa terra? O seu Ernesto foi e respondeu pro Raimundo: Quem é que compra uma terra prá dar? Disse desse jeito, na cara dele. Aí o Raimundo ficou pensando...

Luís Iauanauá- A Paranacre comprou esta terra, mas sabendo que nós vivemos de geração, aqui neste Seringal Caxinauá do Rio Gregório. Nascemo e se criemo aqui. Esse campo daqui da sede do Seringal, é tudo feito pelos braços do papai e dos índios velhos que trabalhavam para os cariú. E o papai morreu à mingua, como um cachorro. E nunca foi enxergado pelos patrões e pela Funai. Entonce o que é que nós vamos fazer quando o fiscal da Paranacre falar desse jeito como ele falou pro nosso chefe?

Raimundo Luís- Nós índios daqui do Rio Gregório consideramos esse Seringal Caxinauá e Sete Estrela, como nossa terra. Mas a firma Paranacre diz que a terra é deles, que eles compraram do Altevir Leal. Entonce quer dizer que o Altevir Leal vendeu a terra com nós tudim dentro? Eu digo isso porque quando nós fala aqui do nosso terreno, os gerentes da Paranacre diz que nós não tem terra aqui. Comparação: se tem gado da firma invadindo nosso roçado e nós fala prá ele que tem gado invadindo o nosso lado, acabando com nosso roçado, ele vai e diz: vocês aqui não tem terreno. Tudo aqui é da firma. A terra é da firma. Entonce nós não tem direito a nossa terra? Nós tamo aqui servindo de escravos da Paranacre. Quem manda é a Paranacre e a Funai não faz nada. Nós aqui não manda nem na nossa barraca que tamos morando, de jeito nenhum. O povo diz que os índios tem direito no pedaço de terra, entonce a gente tem que falar prá conseguir os direitos da nossa terra.

Varadouro- E a FUNAI? O que ela tem feito para ajudar a vocês a garantir a terra de vocês?

Arnaldo Iauanauá- Aqui nunca apareceu ninguém da Funaia prá tirar o nosso terreno. O índio vivendo nessas cabeceiras de Rio, nessas fronteiras, nunca é enxergado pela Funaia. A gente vive assim absoluto, como um bicho qualquer. Nós somos os esquecidos da Funaia. A Ajudância da Funaia de Rio Branco, vive enganando o nosso chefe Raimundo Luis. O chefe da Funaia, Benamour, nunca faz nada por nós. Ele diz que a Funaia não conhece os índios daqui. Mas a obrigação dele é conhecer nós aqui.

Raimundo Luis- O seu Benamour disse prá mim que ele não tem ajuda comigo, porque ninguém conhecia nós aqui. Já tem duas vezes que eu vou a Rio Branco tratar da minha saúde e caçar os direitos da nossa terra, mas o Seu Benamour sempre diz que ele não resolve nada. Que esse negócio de nossa terra, só em Brasília que resolve. Então eu pedi a ele permissão prá ir prá Brasília, e ele diz que o Delegado Apoena de Porto Velho não deixa, que a viagem é muito caro. Ele diz que vai telefonar prá Brasília e não telefona, depois me manda de volta prá minha aldeia prometendo que vai me ajudar. Eu fico então pensando: por que um homem desse não fala logo a verdade? Porque uma autoridade dessa anda mentindo para um índio velho? Pelo que o Seu Benamour tá fazendo comigo, eu não sei responder para o meu povo. É uma grande vergonha que ele tem feito comigo. Uma grande desanimação para o meu povo. Será que a Funaia tá combinada com a Paranacre?

Varadouro- E esses missionários norte-americanos das Novas Tribos do Brasil, o que eles têm feito por vocês?

Gilson Iauanauá- Do meu conhecimento, esses missionários americanos só dá remédio prá nós, mediante dinheiro. Remédio prá nós só se for vendido. Eles não se importa com a situação de cativo que nós estamos vivendo aqui na Paranacre. Só se importa em pregar o evangelho prá nós. Fala muito do deus branco deles, mas sobre a nossa terra eles não ajuda não. Os cariu invadiram a nossa terra, mataram muitos índios nas correrias, roubaram nossa terra. Agora vem esses americanos prá roubar o nosso espírito. Ele diz que as nossas festas do cipó, que o nosso mariri, que o nosso pagé, é tudo coisa do diabo.

Jornal O Varadouro (agosto/setembro – 81)

A saída dos patrões

Quando a nossa terra foi identificada e delimitada pela FUNAI em 1981/82 a gente tinha muita vontade de fazer a constituição brasileira valer, dando nosso direito e reconhecendo nosso território. Aí a gente disse “Agora nós vamos tirar os patrões”. Eu pedi apoio da Comissão Pró Índio, do CIMI, da FUNAI. E nós fomos dizer para os patrões que a terra é nossa “e agora vocês saiam daqui”. Aí nós expulsamos não só os patrões e seringueiros do seringal Caxinauá, mas junto com os parentes Katukina, fomos também ocupar a outra sede, que era a do seringal Sete Estrelas. Retiramos todos os brancos destes dois seringais. Aí ocupamos definitivamente todo o território.

Biraci Brasil

A cooperativa substitui o barracão

Era necessário que os jovens ficassem à frente da luta pelos direitos de reconhecimento de nossa área indígena. Existia a dificuldade que os velhos não falavam muito bem o português. E a gente teve um pouco de estudo. Os mais jovens já tinham ido a escola dos brancos, um pouco com os missionários das Novas Tribos, um pouco também com os seringalistas. Tinha a escola dos patrões no seringal Caxinauá, depois completamos com a dos missionários. Em comparação com os nossos velhos, os mais jovens tinham mais facilidade de falar o português, assimilar os problemas e buscar soluções. Então nessa época os jovens passaram a tomar a frente da luta com o apoio dos velhos. Foi quando nós descobrimos que a gente tinha direitos à terra assegurados pela Constituição e pela Lei 6001/1973. Até então a gente não sabia. Por parte dos patrões, eles faziam questão de manter a gente sempre desinformado. Não queriam que a gente soubesse de nada.

Raimundo Sales e Velho Raimundo Luís. FOTO: TERRI AQUINO



Participando das primeiras assembléias indígenas promovidas pela Comissão Pró-Índio do Acre/CPI-Acre e pelo CIMI no inícios da década de 1980, o povo Yawanawá passou a lutar com mais firmeza, força e vontade pela demarcação da nossa terra. A CPI-Acre ajudou também, a criar a nossa cooperativa, que seria o primeiro passo para gente sair da dependência do barracão dos nossos antigos patrões do seringal Caxinauá. Então com essa ajuda, a gente passou a ter autonomia e mercadoria própria. Em vez de trabalhar para os patrões, a gente começou a trabalhar na seringa por conta própria. As coisas foram aos poucos ficando mais forte e a gente teve muito apoio na época também do CIMI e de vários companheiros, como o Macedo, o Txai Terri, o Anselmo Forneck do CIMI e o Dr. Oswaldo Cid que era então chefe da Ajudância da FUNAI. À época quando invadimos junto com os nossos parentes Katukina as sedes dos seringais Caxinauá e Sete Estrelas para retirarmos a borracha de saldo que tínhamos nos barracões, quase houve um sério conflito armado com os gerentes da fazenda Paranacre que administravam esses dois seringais. Por conta disso, e consequentes pressões dos donos da Paranacre, o Dr Oswaldo Cid foi mandado embora da FUNAI no Acre nesse mesmo ano de 1983. Havia do outro lado do rio muitos seringueiros armados com o patrão e do nosso lado muitos Yawanawá e Katukina, unidos e armados com espingardas. A FUNAI fez uma compra de arma para gente. Foi a primeira vez que os Yawanawá viram armas novas. Houve esse episódio que quase que terminava em sangue. Mas vencemos essa luta. Por conta da nossa resistência aos gerentes, administradores e seringueiros brancos da Paranacre, a FUNAI finalmente demarcou a nossa terra em 1984. Foi a primeira terra indígena que foi oficialmente demarcada no Estado do Acre.

Raimundo Sales

Novos tempos

Muitas mudanças aconteceram na vida dos povos Yawanawá e Katukina quando passaram a viver libertos do cativeiro dos antigos patrões de seringais e dos donos da Paranacre. A primeira coisa que se pôde sentir era que a terra estava demarcada e ninguém podia mais deixar essa terra para ir para outra terra. A segunda coisa é que ninguém mais é mandado pelos patrões. Agora temos direito de administrar o nosso povo, e a nossa terra. Agora temos o nosso próprio governo que é representado pela Organização dos Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG).

Projetos econômicos e organização Yawanawá

Desde o tempo do velho tuxaua Antônio Luiz, nosso povo trabalhou no seringal Caxinauá. Quando começamos a negociar a criação de nossa área com a FUNAI, pensamos que ali poderíamos viver com fartura, cortando seringa, plantando nossos roçados, caçando e pescando. A partir de 1985, com o início da crise na economia da borracha, nosso principal produto de comercialização foi perdendo valor para comprar as mercadorias e os instrumentos de trabalho que precisamos para viver na floresta. Por falta de alternativas, negociamos com a FUNAI um grande projeto madeireiro e pecuário. Quando vimos a destruição que estávamos fazendo em nossas matas, abrindo ramais, tirando madeiras de lei e espantando as caças, resolvemos empatar a continuação desse projeto. Essa situação de dificuldade por que passava nosso povo se agravou ainda mais em 1991, com o Plano Collor, quando os baixos preços da borracha descapitalizaram nossa cooperativa e nos deixaram na mão de marreteiros e regatões.

Urucum no galpão da cooperativa Yawanawá. FOTO: JOAQUIM TASHKA



Em 1993, criamos a Organização dos Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG). Através dessa organização, nossas lideranças têm representado politicamente o nosso povo e conseguido recursos necessários para a diversificação das atividades produtivas e a melhoria dos programas de educação e saúde em nossas comunidades. Estas iniciativas têm sido feitas através de parcerias com entidades indigenistas, humanitárias, ambientalistas e empresas privadas preocupadas com as questões indígena e ecológica.

Nesse mesmo ano, iniciamos o projeto de implantação e plantio consorciado de urucum, pupunha, castanha e outros na nossa principal comunidade, a Nova Esperança em parceria com a AVEDA, empresa norte-americana de cosméticos. Com parte dos 50 mil dólares recebidos nos últimos três anos, construímos a aldeia Nova Esperança e plantamos 16 ha de urucum. Temos procurado enriquecer nosso urucunzal com castanheiras, pupunheiras, guaraná, mogno e outras espécies de madeira de lei. Compramos barcos e motores novos, ferramentas, mercadorias, combustíveis e uma máquina descachopadeira, para produzir matéria prima de melhor qualidade, que passamos comercializar com a AVEDA e outras indústrias do sul do país. Hoje em dia, enfrentamos o desafio do armazenamento do urucum, do seu beneficiamento local e da abertura de mercados para vários produtos derivados, como a bixina e o colorau. Negociamos com a AVEDA termo de compromisso que assegure a incorporação de valor cultural aos nossos produtos, bem como a valorização de nossa imagem e identidade, especialmente quando usadas para divulgar produtos da empresa. Um exemplo é o batom Uruku, que foi comercializado com grande aceitação em lojas de cosméticos e salões de beleza nos Estados Unidos.

Junto com as associações Kaxinawá do Rio Jordão e dos seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá, em 1994, a OAEYRG firmou contrato com a empresa Couro Vegetal da Amazônia S.A. (CVA), buscando uma nova alternativa para o beneficiamento e a comercialização da borracha de nossos seringueiros. Reabrimos colocações e estradas de seringa e, com assessoria da CVA, treinamos nossos próprios técnicos, construímos estufas secadoras e defumadores e produzimos 4.800 lâminas de couro vegetal.

Para compreender algumas das melhorias que essas iniciativas de nossa Organização têm trazido para o nosso povo Yawanawá, chamo palavras do cacique Biraci Brasil, Nixiwaká:

“Dois anos atrás, quem esteve visitando os Yawanawá sabe que nós estávamos muito desestruturados socialmente. A migração de pessoas de nossa comunidade estava crescendo muito para a cidade e para trabalhar nas fazendas. Depois que nós iniciamos esses dois projetos, urucum e couro vegetal, a comunidade voltou toda para nossa aldeia, onde estávamos montando nossa sede. Nosso pessoal está se sentindo orgulhoso de ver que aquilo é deles mesmos, de ver que nós estamos construindo os nossos galpões de madeira serrada. Ver o nosso couro vegetal e o nosso urucum, faz a gente ficar mais feliz e se unir mais com nossas famílias”.

“É pondo em prática essas experiências que nossa Organização tem dado os primeiros passos de sua existência. Há muito que ser feito para fortalecer essa nova forma de representação política e de governo de nosso povo e, principalmente, para criar alternativas econômicas duradouras numa conjuntura tão ruim da economia do Acre.,” complementa Joaquim Tashkã, presidente da OAEYRG.

Antigo barco da Organização Yawanawá. FOTO: INGRID WEBBER, 1998



Papo de Índio
FRANZ VON SIEBOLD DE AQUINO • FRANCISCO PEDRETTA ILLICIANO

Com apoio de forças espirituais da floresta, os Yawanawá lutam pela revisão de limites da Terra Indígena Rio Gregório

JOAQUIM TASHKÁ YAWANAWÁ

Peço licença para reabrir o papo neste novo ano de 2006, contando para vocês que acabo de retornar de uma longa viagem às aldeias Yawanawá do rio Gregório. Uma viagem de muita inspiração e renovação espiritual, que me fez refletir muito sobre o mundo em que vivemos e os propósitos do Criador ao nos colocar na vida.

Passei quase dois meses entre os meus parentes, inclusive o natal e o ano novo, junto com minha esposa Laura e duas filhas, em um grande mariri e em um forró a céu aberto no terreno da aldeia Nova Esperança. Para aqueles que pensam que a vida na aldeia é monótona e que "programa de índio" é muito chato, só posso dizer que estão redondamente enganados. Nas nossas aldeias pulsam, sim, muita alegria e muita vida!

O que mais me marcou nessa viagem, foi justamente acompanhar um pequeno grupo de homens e mulheres Yawanawá, que se isolou na floresta da antiga moradia de nosso povo chamada **may raka**, que significa, literalmente, "o lugar onde a terra dorme". No início do século passado, os seringueiros brancos batizaram aquele nosso lugar de seringaí Caxinauá, imaginando que ali habitassem os Kaxinawá, ou Huni Kuin.

Fazia 15 anos que eu não visitava aquele lugar sagrado para o nosso povo. Fiquei muito emocionado ao voltar à terra onde nasci. Conheço todos aqueles cantos e, até hoje, eles fazem parte dos meus sonhos.



Crianças Yawanawá da aldeia Nova Esperança são o futuro da TI Rio Gregório (2006)

Revi momentos de minha infância. Fechei meus olhos e os vi passar como as águas do rio. Foi uma emoção imensa visitar um lugar que é considerado uma importante referência de nossas antigas tradições. Ouvir meu pai, Raimundo Luis, contar a história daquele lugar foi ainda mais emocionante.

Rare e jibóia: seres sagrados da floresta

Logo na minha chegada, viem me dizer que o cacique Biraci Brasil Nixiwaka, junto com um pequeno grupo de homens e mulheres Yawanawá, já estavam me esperando naquele lugar sagrado. Todos eles faziam a dieta de "rare" (uma planta sagrada

do nosso povo). Atravesssei o rio e fui direto onde eles já estavam me aguardando. Chegando lá, todos estavam de cabeça baixa e em silêncio profundo. Com uma voz serena e tranquila, Nixiwaka disse: - "Mã yuveki nukuare" ("encontramos o pajé, que já está aqui nos esperando"). Olhei do seu lado direito e, para minha surpresa, vi uma grande jibóia de terra firme ("runuwá") enrolada num arbusto. Nessa hora, meu pai chegou junto com nossos dois pajés, Tatá e Yawarani. Com aquele seu sorriso largo, que lhe é peculiar, foi logo dizendo: - "ah, logo hoje que mataram uma anta, porque não amanhã?" Disse isso em tom de brincadeira, porque a jibóia, na nossa tradição, é um pajé muito poderoso e representa o espírito da sabedoria e da ciência do Uní (Ayahuasca). Quando a gente se encontra com uma jibóia, temos que passar um dia inteiro sem comer e sem tomar água.

Nixiwaka queria saber se o grupo que ia fazer o "juramento ao rare" poderiam também fazer o "juramento à jibóia". Nossos pajés Tatá e Yawarani responderam-lhe que não, porque "a dieta seria muito restrita e eles poderiam não suportar". No entanto, todos que estavam presente naquele círculo poderiam fazer "ruwa waki" ("uma promessa à jibóia"). Explicaram ainda que eles pedissem qualquer coisa que gostariam de realizar na vida. No entanto, alertaram sobre a dieta que teriam de fazer, que basicamente consiste em "não comer nada doce, não comer carne de caça grande e não manter relações sexuais durante um mês inteiro". Isso é para demonstrar respeito à jibóia, um dos

poderosos seres da floresta. Cumprindo bem essa dieta, a resposta dos nossos pedidos viria através de um sonho com a jibóia.

O sonho da jibóia

O meu sonho, que mais me pareceu uma miração, descrevo a seguir. No dia 3 de janeiro de 2006, sonhei que estava do **runuwá** (jibóia). Sonhei que estava em algum lugar, que parecia uma casa de cura. De repente chegou uma pessoa que todos pareciam estar esperando. Chegou um homem negro, de altura mediana, de aparência serena, vestido com uma bata branca. Ele se aproximou para fazer uma limpeza na minha casa. Isso mesmo, eu estava em casa! De repente, meus valores e idéias sobre crenças espirituais resistiram e rejeitaram suas curas. Quería antes saber sobre sua verdadeira identidade. Lutei muito para saber quem era realmente essa pessoa. Pude olhar em seus olhos e ver a sua cara. Meu sexto sentido dizia que ele era um espírito muito forte que foi enviado pela jibóia, ou então pelo "rare", não pude saber ao certo. No entanto, minha falta de fé e meus valores religiosos sobre essa entidade, fizeram-me lutar com ela. Aquele homem negro tinha vindo em paz. Logo se transformou numa grande cobra e me disse: - "não divide de mim, não brinque comigo, por que me chamou se não acredita em mim?" Despertei com um grande grito, que acordou toda a vizinhança. Até os cachorros latiram assustados com o meu grito.

Depois desse sonho, fui me juntar ao grupo que, desde início

de dezembro de 2005, havia iniciado a reclusão espiritual no antigo seringaí Caxinauá. Quería acompanhar de perto o tratamento da minha filha, que também estava isolada na mata, nas proximidades da sepultura do meu avô, o famoso tuxaua e pajé Antonio Luis.

Depois de fazer minha promessa ao "runuwá" (jibóia), aquela tarde para mim tornou-se serena e tranquila. Só ouvia o canto da nambu galinha, cortando o silêncio da floresta.

Descoberta do pé de rare

Até aquele momento, nunca tinha visto um pé de "rare", a planta mais sagrada e poderosa da floresta para nosso povo. Crianças e mulheres não podem tocá-la nem passar por perto. Ela é tão sagrada que ninguém fala nada, apenas observa para aprender. Quando o meu pai, Raimundo Luis, o Nixiwaka e os dois pajés me convidaram para conhecê-la, foi uma emoção muito grande, pois até então não tinha tido oportunidade de apreciá-la assim tão de perto. Nixiwaka apenas apontou com o dedo, falando bem baixinho: - "rare é aquela planta ali, ela é a ciência maior da espiritualidade de nosso povo; daqui não podemos passar, é o limite até onde podemos chegar perto; aquela plantinha é como se fosse o nosso Deus".

Bom, não vou relatar tudo agora para vocês, porque não tenho espaço suficiente neste papo. Apenas adiantei alguns aspectos sobre o shamanismo Yawanawá, que será aprofundado em novo filme que estou produzindo sobre esse importante costume de nosso povo. Aguardem!

Demarcação dos novos limites da TI Rio Gregório: prioridade do povo Yawanawá para 2006

Depois de quase dois meses no Gregório, participando de rituais com a minha comunidade e dando posseguimento às atividades dos projetos da organização Yawanawá, elaboramos um cronograma de ação para o novo ano de 2006. Nele, nossa prioridade é a agilização do processo de revisão de limites da TI Rio Gregório, hoje em curso na FUNAI. A retomada das cabeceiras do rio Gregório é a questão que hoje mais preocupa os 620 Yawanawá, pois ali estão importantes recursos naturais e cemitérios tradicionais, que foram deixados de fora quando da demarcação da nossa terra em 1984.



Papo de Índio

Caçador Moderno

Como um bom caçador moderno, ao invés de usar arco e flecha para matar caça, tenho procurado utilizar o computador e o poder da palavra, para comunicar e articular as demandas dos Yawanawá a uma ampla rede de aliados e simpatizantes de nosso povo, hoje espalhada pelo mundo. Assim, voltei à cidade com a missão de novamente erguer a bandeira de luta do povo Yawanawá pelos quatro cantos da

terra, em defesa da revisão de limites de nossa terra. Meu avô costumava dizer "Quem quer, vai. Quem não quer, manda". Como o interessado no caso somos nós, vamos publicamente divulgar nossas demandas, indo até as últimas consequências para ver a nossa terra revisada. Nesta semana, enviamos ao presidente da Funai uma carta solicitando providências para agilizar o processo da revisão dos limites de nossa terra. A carta está abaixo. Junto, segue um

mapa dos novos limites de nosso território, mapa este que foi produzido pelo GT da Funai que realizou os trabalhos de campo para fundamentar essa revisão.

Os Yawanawá e o Governo da Floresta

Para finalizar, gostaria ainda de comunicar que os Yawanawá estão muito contentes com o apoio que têm recebido do governador Jorge Viana. Ele tem honrado seus compromissos

com nosso povo. Numa reunião realizada no dia 26 de janeiro de 2006, ele reafirmou o seu compromisso de apoiar não somente o povo Yawanawá, mas também as famílias de não-índios que vivem nos trechos de florestas por nós reivindicados como parte de nosso território tradicional. Assim, poderemos firmar uma verdadeira aliança dos povos da floresta, que funcione efetivamente naquela região, por meio da qual índios e brancos se ajudem mutuamente. Por meio

de uma parceria com o governo, estamos estudando formas de reassentar essas famílias de branco, criando condições para que elas continuem vivendo perto de nossos limites, preservando, assim, alianças antigas que temos com elas, mas cada qual estando em seu lugar. Além disso, ouvimos que o governo levará as nossas demandas à FUNAI e à empresa TINDERACRE, de forma a encontrar meios de concretizar, de uma vez por todas, a sonhada revisão de limites de nossa terra.

Carta da Organização Yawanawá solicita urgência na revisão da TI Rio Gregório

Terra Indígena do Rio Gregório
 Aldeia Nova Esperança, 22.01.2006
 Ao: Senhor Presidente da FUNAI
 C.c: Diretor da DAF (Diretoria de Assuntos Fundiários da Funai)

Pela presente carta, nós da Organização de Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG), organização que representa o povo Yawanawá, reivindicamos urgência no encaminhamento dos procedimentos administrativos para a revisão de limites da Terra Indígena Rio Gregório (TIRG), cujo relatório foi encaminhado para análise à Coordenação Geral de Identificação e Delimitação no mês de setembro de 2005.

Sr. presidente, nos trabalhos anteriores dedicados à regularização fundiária da TIRG, quando aqui estiveram os antropólogos Alceu Cotia Mariz, em 1977, e Arthur Nobre Mendes, em 1982, cada qual a seu tempo constataram a presença dos Yawanawá nas cabeceiras do rio Gregório: como o último afirma "o alto rio Gregório constitui, portanto, região de posse imemorial de diversos clãs nawas, entre os quais os Yawanawá" (Proc. FUNAI/BSB/2613/82, fl. 141).

Contudo, o momento histórico em que se deram tais estudos, quando ainda era incipiente a política indigenista no estado do Acre (final da década de 70 e início de 80), quando o órgão indigenista desconhecia a história específica dos povos, pois ainda não tinha mantido qualquer relação com os grupos Yawanawá e Katukina; além de pressões da PARANACRE, grupo econômico que se dizia "proprietário" de nossas terras imemoriais e exigia a diminuição da área reconhecida, levaram a consolidar por pouco mais de duas décadas uma área bem menor que aquela que seria de direito dos povos Yawanawá e Katukina, não incluindo nos limites reconhecidos a cabeceira do Rio Gregório, imprescindível para a garantia e manutenção da qualidade ambiental de nossa terra; além de deixar de fora locais históricos importantes, inclusive cemitérios de parentes antepassados.

Com o objetivo de reparar esta situação e buscando nossos direitos, solicitamos a revisão de limites. Cumprindo com suas obrigações legais, a FUNAI constituiu um Grupo Técnico, através das Portarias 1358/PRES/FUNAI e 1372/PRES/FUNAI, para revisar o limite da Terra Indígena Rio Gregório. Tal GT realizou pesquisa de campo ao longo de 45 dias no ano de 2004, finalizando os trabalhos com a entrega do relatório em setembro de 2005.

No entanto o andamento do processo não teve continuidade, continuidade

esta que se faz urgente, pois as demandas ambientais, demográficas e sócio-econômicas reais de nosso povo exigem isso. Atualmente vários processos demandam que se siga a regularização fundiária de nossa terra. No centro destes processos estão os asfaltamentos da BR-364, que irão impactar diretamente nossas terras, como demonstra os estudos de impacto ambiental desta rodovia e a aquisição de antigas terras da PARANACRE por novos grupos econômicos.

Além dessa agenda negativa, o governo do estado do Acre está promovendo a constituição de instrumentos de gestão ambiental de nossa terra indígena, fazendo o etnozoneamento completo da TIRG, a ser iniciado agora no mês de fevereiro. Para isso, a definição dos reais limites é uma exigência, pois dará segurança tanto a nós Yawanawá e aos nossos parentes Katukina, com quem compartilhamos a

Joaquim Tashká e sua esposa Laura Soriano, no lançamento da grife Yawanawá em Rio Branco



terra, quanto também aos ocupantes do entorno.

A definição da área se faz necessária para que não haja conflitos entre as partes envolvidas, aliás, como já ocorreu com parentes Katukina que foram brutalmente agredidos, sendo um assassinado em

novembro do ano passado, quando houve também uma morte de branco devido a questões relacionadas com a terra.

Posto isto, nós do povo Yawanawá, neste momento em que a política indigenista territorial está sendo contestada, voltando à tona o argumento de antigos inimigos da causa indigenista: "muita terra para pouco índio", quando o número de assassinatos de índios cresce por questões territoriais, gostaríamos de reafirmar que a TIRG é um território tradicional e imemorial Yawanawá, território este reconhecido por todos na região, sendo direito e dever nosso ocupá-lo, pois é a garantia de nossa autonomia social e econômica.

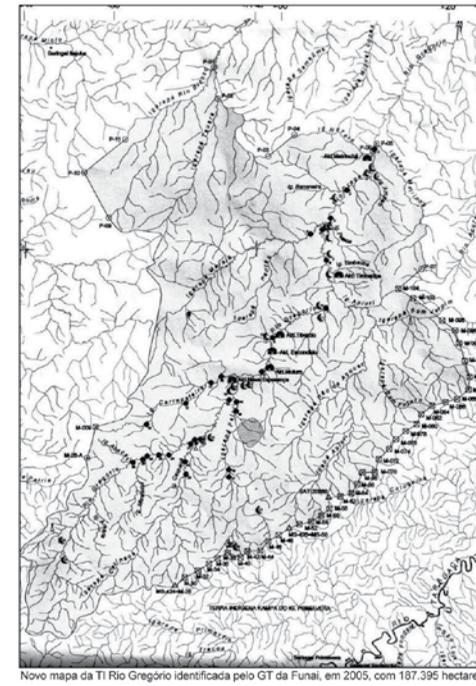
Também é dever da FUNAI, que representa o indigenismo estatal, compor as condições para que esta ocupação seja reconhecida. Por isso o que nós queremos, com apoio de lideranças políticas do nosso estado do Acre, é apenas que sejam cumpridos satisfatoriamente os princípios constitucionais. Solicitamos a continuidade ao procedimento administrativo, com a publicação do resumo do relatório e do mapa no Diário Oficial da União e do Estado do Acre, para que se abra o prazo do contraditório e possamos reafirmar nossa posição de defesa de nosso território para desta forma, ambos, Estado nacional e povos indígenas, garantam os deveres e os direitos presentes na Constituição Federal de 1988, que por meio do seu Capítulo VIII, Artigo nº 231, assinala que aos índios serão reconhecidos (...) os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Não tendo mais nada para o momento, despendimo-nos cordialmente no aguardo de uma resposta breve e imediata.

Atenciosamente,

Joaquim Luiz Yawanawá

Coordenador da Organização Yawanawá e Presidente da Cooperativa Yawanawá



Tudo está diferente

Antigamente tudo era diferente para os índios Yawanawá.
Os índios caçavam, pescavam e não tinham terra demarcada.
Hoje já está diferente, os índios Yawanawá não podem mais caçar, pescar
fora das suas terras demarcadas.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente os índios Yawanawá moravam
todos juntos num Kupixawa só.
Hoje já está tudo diferente.
Cada família em suas casas.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente os Yawanawá não tinham rádios,
toca fitas e nem rádio de comunicação.
Hoje já todos os índios compram, usam, gravadores e toca fitas.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente os índios Yawanawá não dormiam
na cama nem nas redes industrializadas.
As redes eram feitas por mão própria, confeccionados com fibras de
tucum e algodão
Hoje todos os índios já usam e compram redes e cobertores.
Tudo já mudou, tudo já está diferente.

Antigamente os índios Yawanawá não tinham motores
e nem o conheciam.
Para viajar de barco só usavam remo e varejão.
Hoje já tem motores yamar, moto-serra.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente os índios Yawanawá não falavam
a língua portuguesa, todos falavam língua nativa.
Hoje já está tudo mudado.

Os jovens, as crianças
falam a língua portuguesa.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente os Yawanawá usavam somente arcos e flechas para caçar.
Hoje já mudou, os índios já usam espingarda e munição para caçar.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente as mulheres Yawanawá faziam muitos vasos de barro.
Hoje os vasos todos são de alumínio, de plástico, etc.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente as caças eram mais fáceis de matar:
veado, porquinho, anta, tudo era fácil.
Hoje cachorros, armas de fogo, fizeram
a maior desgraça, distanciou tudo.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente tudo tinha controle.
Hoje em dia tudo está mudando.
O verão não chega mais no mês esperado,
as flores não chegam mais junto.
Quando o verão vai, as flores vem chegando.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Os rios mudaram muito.
Onde na década de 30 chegavam barcos que carregavam
40 toneladas de borracha,
hoje até para chegar barcos de 10 toneladas é difícil.
Para perceber que tudo mudou, tudo está diferente,
o rio não tem mais grandes volumes de água, ficou raso.
Tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente, na época do verão, os índios Yawanawá
faziam as caçadas, as pescarias, era tudo junto.
Mas hoje tudo é individual, cada pessoa vai para qualquer
direção que quer. Por isso eu digo:

tudo mudou, tudo está diferente.

*Antigamente tinham muitos tracajás no rio Gregório.
Se arrancava covas de ovos de tracajá com facilidade.
Hoje não se vê mais nem a trilha.
Tudo mudou, tudo está diferente.*

Antigamente os índios Yawanawá não sabiam o que era aposentadoria do INSS.

*Hoje vão a cidade, os velhos se aposentam, ficam preocupados e vivem viajando no trecho da aldeia à cidade, quase não tendo mais tempo para fazer as suas atividades na comunidade.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente as mulheres faziam muita caiçuma de macaxeira, caiçuma de milho.
Hoje não querem nem ser índias.
Hoje só querem fazer café.
Tudo já mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente um grupo era comandado por um só chefe.
Hoje em dia, se tem 10 pessoas morando numa colocação, já querem formar uma comunidade independente do chefe.
Por isso, eu digo:
tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente o chefe tinha de 3 a 6 mulheres para cuidar do povo e fazia as suas obrigações com facilidade.
Hoje, as mulheres do chefe, em vez de cuidar do povo, fazem espantar todo mundo.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os índios Yawanawá não se preocupavam com o desenvolvimento e nem com projetos econômicos na aldeia.
Hoje já sentem a necessidade de eles próprios trabalharem*

*para o desenvolvimento da comunidade.
Hoje já está mudado e tudo está diferente.*

*Antigamente os índios Yawanawá davam conselho aos seus filhos e filhas.
Hoje se as filhas e filhos fazem algum erro, são apanhados pelos pais e começa o desrespeito.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente um grupo indígena não se dividia por qualquer besteira.
Hoje as coisas dos nawá ficou tão forte dentro dos grupos indígenas que hoje só basta um chefe não dar um bom dia para o seu parente que a divisão está feita.
Por isso eu digo:
hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente não tinha eleição para escolha de chefe, mas hoje tem eleição.
Tudo é na base do nawá.
Hoje está mudado.
Tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os genros do povo Yawanawá tiravam lenha para as sogras e sogros, caçavam, pescavam para os sogros.
Hoje em dia se casam como os nawás e não têm aquele grande respeito como antigamente.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os índios Yawanawá não sabiam ler nem escrever, mas eram mais educados e tinham mais respeito.
Hoje quase todos sabem ler e escrever.
Mas a ignorância ficou maior.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os índios mais velhos acreditavam
nas crenças do seu povo.
Mas hoje falam que tudo é mentira.
Hoje se baseiam mais nas coisas escritas na Bíblia
e esquecem que os nossos antepassados viveram sem conhecer esse livro
sagrado.*

*Eu não estou dizendo que o que está na Bíblia são mentiras, não é isso.
Hoje as pessoas usam mais a Bíblia para falar
da vida dos outros e discriminam outras crenças.
Hoje usam a Bíblia para aprender a ser pão duro.
A ignorância ficou maior às custas da Bíblia.
Por isso digo: hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente as mulheres Yawanawá não usavam
bermudas e nem calças de homem.
Antigamente as mulheres vestiam casacos
e saias compridas cobrindo o joelho.
Mas hoje as mulheres estão muito mais parecidas
com homem de que com mulher.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os índios Yawanawá não tinham nenhuma preocupação.
Só viviam de caça e da pesca e fazendo as suas festas.
Hoje em dia quase não têm mais tempo nem para caçar
e nem pescar porque há muito trabalho.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente as mulheres indígenas não namoravam
os nawás (brancos) com medo de pegarem doenças.
Hoje as mulheres indígenas casam com os nawá (brancos), pegam
doenças graves que nem os pajés curam e nem os médicos sabem que
doença é.
Por isso eu digo:
hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente as crianças indígenas não passavam
na frente dos mais velhos, não davam gargalhadas
na frente dos mais velhos,
não cuspiam na frente dos mais velhos.
Hoje é diferente, hoje as crianças usam e abusam dos velhos.
Por isso eu digo:
hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente os pais indígenas chamavam
seus filhos com nomes próprios.
Mas hoje os nomes indígenas foram trocados por João,
Raimundo, Manoel, Zé e Napoleão.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

*Antigamente todos trabalhavam sem pensar em dinheiro.
Hoje quando dá o primeiro dia de trabalho
já é para receber dinheiro.
Hoje os olhos ficam grandes e os braços se encompridam.
Tudo só é grana.
Hoje se não for com dinheiro nada se pode fazer.
Por isso, eu digo tudo mudou e tudo ficou diferente.*

*Antigamente os sobrinhos indígenas chamavam
os tios de Kukā, mas hoje só é tio, tio!
Hoje as crianças indígenas se esqueceram de falar Kukā,
porque a palavra Kukā é para ser chamada
de maneira muito respeitosa.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

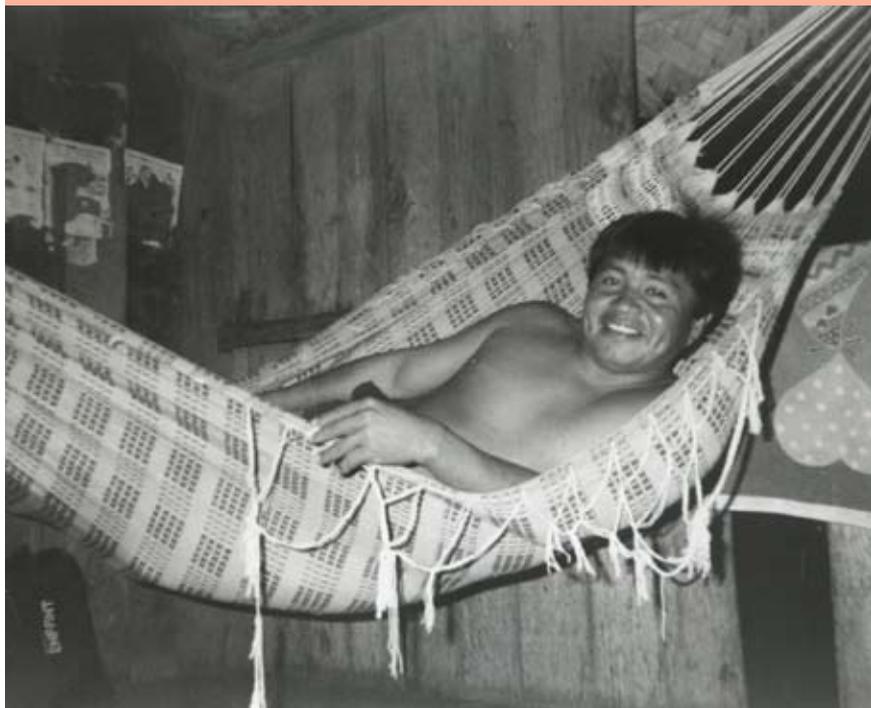
*Antigamente os velhos chegavam a idade de 80 a 110 anos,
hoje em dia quase não estão chegando nos 50 anos.
O tempo está mudado, o tempo velho não volta atrás.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.*

Antigamente os homens indígenas se casavam,
tinham muitos filhos, filhas e era difícil se deixarem.
Mas hoje as coisas mudaram, deixar mulher virou moda.
Hoje tudo mudou, tudo está diferente.

Antigamente tudo era diferente.

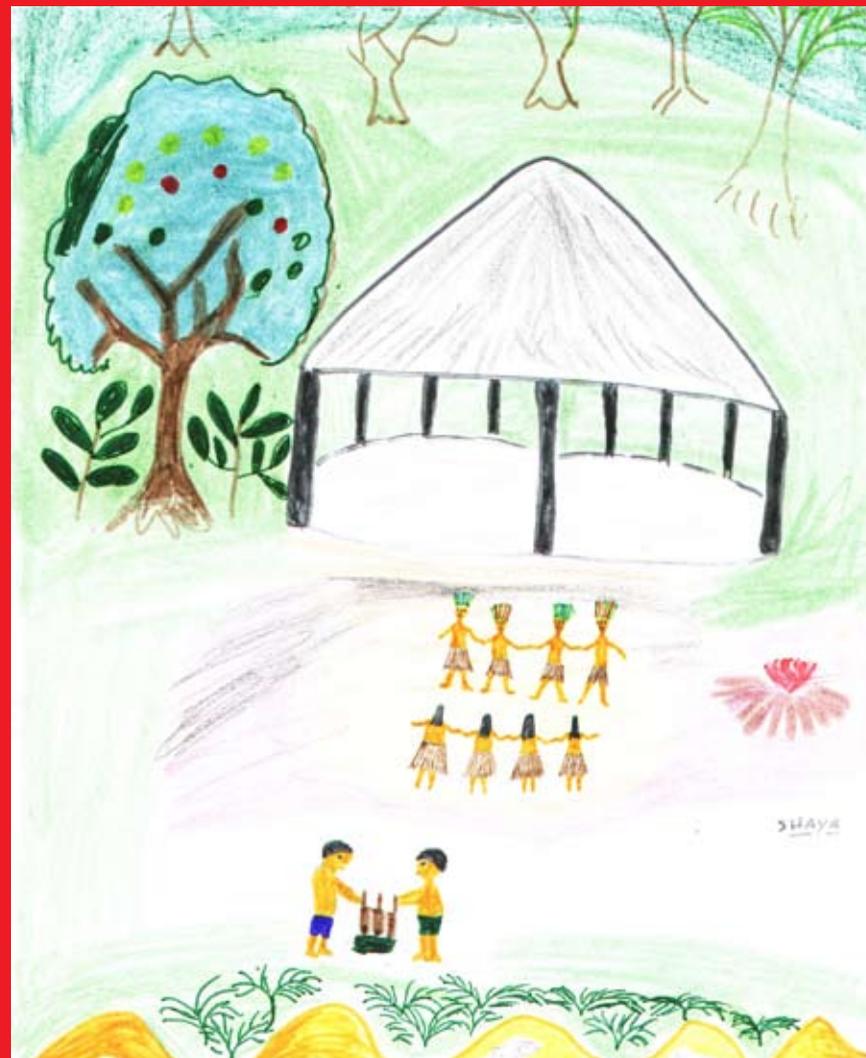
Tudo era fácil e tudo era difícil.
Hoje as coisas mudaram muito.
Cada macaco no seu galho.
Por isso, continuo dizendo
tudo mudou, tudo está diferente.

Nane Yawanawá
10 de maio de 1997



Nani Yawanawá. FOTO: INGRID WEBER

Histórias, roçados e saberes sobre as plantas



AUTOR: SHAYA YAWANAWA

O contato com o povo Iri e a origem de alguns conhecimentos

O povo Yawanawá plantava para poder comer no ano seguinte, o roçado vai dar de um ano para outro. Nós plantamos o milho neste ano para comer no próximo ano, leva um ano para dar. Isso é o que fazia o nosso povo, sem ser do Iri. Então você plantava o roçado e ia para outro lugar, onde tem fruta, onde tem alguma coisa para comer, até quando aquele milho amadurecer, algumas roças, as bananas.

Mas o roçado do povo Iri dava com dois meses, três meses. Muita coisa se pegou do povo Iri, como milho que com três meses já está bom de comer. Tudo foi do Iri, tudo facilitou o povo Iri aos seres humanos indígenas. Só o povo Iri que fazia esse milagre.

Nossa história conta que o povo Iri era uma tribo que morava longe, muito longe, mas nós ouvíamos como eles falavam. Eles falavam e parecia que estavam pertinho. Só que a gente não conseguia falar com eles, a nossa voz não ia lá. A língua era a mesma, nós entendíamos tudo. Quando alguém queria procurar eles, seguia aquela voz do povo Iri, que tão pertinho parecia, mas não se conseguia chegar onde eles estavam, pois no meio do caminho acabava a comida e morriam. Assim aconteceu durante muitos anos.

Mas o povo Yawanawá estava com muita vontade de conhecer aquele povo Iri, e fizeram o seguinte: no primeiro ano abriram uma grande trilha e armazenaram muita comida. No próximo continuaram abrindo a trilha rumo àquelas vozes e armazenando mais comida. Não tinha erro nenhum, pois a voz era tão clara que facilitava o caminho. No terceiro ano eles alcançaram o povo Iri. O povo que estava chegando não sabia como ia ser acolhido, não sabia se ia ser atacado.

O povo Iri ficou muito feliz com a chegada dos outros, não atacaram. O líder do povo recém-chegado queria conhecer pessoalmente o líder do povo Iri que durante muitos anos eles escutaram. Foi aquela voz que levou eles até lá mesmo.

Foram muito bem-vindos, muito bem tratados. Mas como já tinham encontrado, eles queriam partir para outro lugar. Na saída deles, pediram algum presente:

“Me dá a sua flecha que quero levar de presente”.

Mas o Iri era um povo de milagres, não era um povo que fazia as coisas.

Era uma aldeia muito grande, tudo era limpo, onde todos os terreiros e casas estavam emendados. Cada terreiro tinha um pé de pupunha, muito alto. Então, como aquele povo que visitava estava pedindo flechas de presente, o que o povo Iri fez foi o seguinte, bateram no terreiro e caíram flechas de todas as qualidades daquelas pupunhas. Como as flechas caíram desde o alto, as pessoas que embaixo esperavam deram um pulo e as flechas bateram no chão. Aí o povo Iri ficou com raiva:

“Você me pediu presentes e depois não quis pegar” – e chorou de raiva.

Depois de muito insistir, conseguiram ter mais uma chance de ganhar aquelas flechas. De novo bateram no chão e bem devagar caíram as flechas desde do alto da pupunha. Aí pegaram as flechas e disseram que iam embora.

A nossa história conta que o povo Iri mudou tudo, passou no ar e mudou tudo, até a direção do rio. Antigamente, nesse lugar tinham muitos bichos que comiam gente, feras. Nós chamamos mapinguari. Quando Iri mudou, tudo mudou. Também tinha, xinuá, um macaco que nem homem, também mudou com Iri. Iri virou, mudou e levou tudo o que tinha com eles na terra.

Por isso que nós ficamos nesse lugar, que não tinha nada, pois quando Iri mudou, levou tudo. Antes de ir, antes de mudar ensinou, depois ninguém sabe mais deles, passaram no ar.

O Iri antes de virar ensinou tudo, ensinou como fazer o roçado, deixou o machado e o fogo. Esse fogo pode se acabar, mas ele não vai se acabar se você plantar algodão e urucum. O fogo do Iri não acaba, só acaba se você quiser. Se faltar fogo nós fazemos, é o conhecimento que o Iri deixou para nós, para isso que plantamos o algodão e urucum no roçado.

Então, o que é que Iri deixou para nós até hoje dia? Deixou o machado que nunca acaba, e esse fogo que também nunca acaba.

O urucum serve para pintar, desenhar, para limpeza do corpo e como remédio. O algodão é para vestuário, dormida. Mas o mais importante é a segurança do nosso fogo.

História do povo sovina

Tinha outro povo também, uma tribo com nome Yuaxikunawa. Esse nome significa pessoa que não dá nada a ninguém. Eles dão de comer, você recebe bem, você come bem, mas para plantar não, para plantar eles não dão.

Eles são pessoas que sovinam, pessoas que não dão. O povo queria pegar banana, roça ou milho para plantar mas eles não davam. Você pedia e eles torravam milho e davam:

“Vai plantar”.

Você pedia um filhote de banana e não arrancavam, toravam no meio e davam um pedaço para você plantar. O milho estava torrado, também não prestava. E a macaxeira, você pedia um galho de roça e eles metiam no fogo tudinho:

“Aqui para vocês plantarem”.

Você indo na casa deles, era recebido bem e comia bem, mas para plantar não davam nada.

Então, eu me pergunto: porque o pessoal não roubava à noite?

Não, porque cada pé de roça, cada pé de milho, cada pé de banana, tinha surucucu, a cobra mais venenosa. Cada galho de roça tinha aquela caba mais valente, mais perigosa, que ferrava nos olhos e ninguém podia mexer. Só eles mesmos que podiam tirar, ninguém mais tirava. Se você matasse as cobras elas nasciam de novo. Além disso, toda a área do roçado estava coberta por araras, aquele pássaro que avisa:

“Ah ah ah, uma pessoa! Entrou uma pessoa”!

Nessa época sofreu muito o índio, mas Iri não. Iri facilitou a vida dos índios, ensinou fazer o fogo. Iri fazia o machado, mas não ensinou fazer machado. Iri fez tanto que espalhou na face da terra, mas não era qualquer pessoa que tinha o machado. O povo não podia fazer o machado que Iri fazia, era um machado que nunca acabava. Quando a pessoa morria, o outro recebia. Não era todo mundo que tinha machado, alguns tinham machado, outros não. Quem não tinha convidava os que tinham para fazer roçado naquela vida muito difícil.

A escolha do lugar para o roçado

Na hora de fazer o roçado escolhemos a terra segundo a qualidade do solo. Escolhemos onde é bom para plantar a cana, os legumes... Não vamos plantar roça naquele lugar onde é muito duro de arrancar, a terra não é boa. Então naquela terra vamos plantar cana ou vamos plantar banana. Para saber se a terra é boa tem que olhar o dia todo, furando a terra, tem que ver quantas terras tem, se é um baixo. Se for meia terra, pega mais fogo. A terra plana não é boa para tocar fogo, porque o fogo fica baixo, não corre. Agora, em meia terra, meio subindo, corre bem. Por isso que nós olhamos bem a terra, para escolher a melhor terra.

Quando você reconhece aquela terra boa, tem que marcar do tamanho que vai ser. Para marcar já vamos roçando, construindo aquela trilha grande com dois ou três metros de largura. A marcação dura dois dias e vai dando forma ao roçado. Depois faz aquela trilha no meio, que é para as pessoas andarem para trás e para frente a toda hora, para receber a caçuma, para receber a comida, para carregar a água. Então a época do roçado para nós é muito animada.

Em terra de areia o que é mais fácil de plantar é a roça, para comer, para caçuma, que fica muito fácil de arrancar porque a terra não é muito dura e a roça também é mole. A roça para farinha é dura, mas para caçuma é mole. Por isso que escolhemos a terra boa, para arrancar mais fácil depois.

A banana dá de qualquer jeito e em qualquer terra. Em terra preta nós plantamos banana e cana, porque não é muito bom para plantar roça. É duro demais. Na terra vermelha plantamos cana e banana também. Só dá isso mesmo, nem batata dá. A batata gosta da terra arenosa.



Roçado Yawanawá. FOTO: TERRI AQUINO

A derrubada e a queima

Antigamente, para botar um roçado não trabalhava uma só tribo, ajuntavam duas tribos. Faziam uma grande festa, iam muitas meninas, muitas mulheres bonitas, para ver se os caras eram bons de machado. Os homens trabalham muito para botar um roçado grande, todos eles queriam ganhar menina, queriam ganhar mulher. Aquele povo trabalhava para admirar, derrubava roçado, aqueles paus grandes, com um machadinho. Tinham um jeito de trabalhar, eram profissionais. Não era qualquer um que era bom de machado.

Levantavam o roçado, depois tocavam fogo e faziam aquele caminho, uma estrada ao longo do roçado, do tamanho do roçado, atravessando ele. A estrada dividia o roçado grande em dois, onde os paus ficavam ao lado. Em tempo de roçado, convidavam todas as mulheres, todas as meninas bonitas, todas as mulheres gestantes. Levavam muitas mulheres gestantes para tocar fogo no roçado, até no tempo do meu pai era assim. Também iam os homens escolhidos, rapazes fortes, espertos.

Naquele roçado também se cantava. Tinham cantigas, um tipo de oração para dar muito cogumelo, que saía nos paus. Era um tipo de cogumelo que servia para comer e saía depois da oração, depois das cantigas.

Se você leva a mulher gestante, o fogo quer queimar a criança que está na mulher gestante, aí dobra o fogo. A mulher gestante tem que estar no meio só para enganar o fogo. Quando vê que o fogo está chegando mesmo, ela corre. Por isso a mulher gestante está, para controlar o fogo. O que acontece: as mulheres velhas que são profissionais para cantar, junto com as mulheres gestantes, que ficavam na frente, cantavam assim:

“...Queima, queima,
queima fogo, queima
Para nascer cogumelos
O fogo alabare
O fogo tem de rodar
Risca aqui assim como



quem risca a terra
com bico de tucano
O solo transforma
como se fosse um quatipuru
Aquele fogo se transforma
como quatipuru rodando...”



Tapu Yawanawá no roçado plantando milho com isperl Aldeia Kaxinawá do rio Gregório.

O fogo é muito forte para devorar os paus, tudo vai devorar. E naquilo transforma os cogumelos, com uma qualidade boa para nós comermos. Essa é uma tradição nossa antes de plantar no roçado.

A trilha no meio do roçado serve para a mulher andar dentro, a mulher andar bem à vontade. Quando o fogo chegava bem forte, elas corriam. A trilha era para animação do roçado. A trilha era feita antes da queimada, ficava limpinha com os paus ao lado, do tamanho do roçado. Naquela trilha iam as mulheres gestantes e as outras para fazer a oração. Era uma coisa muito importante a queima do roçado. O nosso roçado não é como do branco que não tem trilha, o nosso tem que ter uma trilha bem feita.

Hoje em dia, não tem mais aquela cerimônia para botar o roçado, com a participação das mulheres gestantes, as cantigas, o trabalho comunitário. Mas eu já disse para os meninos, para os meus filhos, que nós não podemos perder a nossa tradição. As mulheres gestantes têm que participar, mesmo que não estejam fazendo aquela cerimônia, aquelas cantigas dos cogumelos. Porque a maioria das mulheres não conhece as músicas. Agora, para as mulheres gestantes eu explico para o que é. Isso até hoje em dia, nós não perdemos, não.

Os plantios

Assim tocamos fogo em nossos roçados. Ai pronto, tocou fogo e enquanto não chega a primeira chuva não se planta roça. Assim que tocar hoje, logo amanhã, antes de esfriar a terra, tem que plantar o algodão que se aproveita da terra quente. E tem que plantar nos dois lados da trilha. Temos que desenhar a trilha com o algodão. Agora a roça não, ela vai ser plantada após a primeira chuva.

O roçado é muito grande, a trilha também é muito comprida, não esqueça que o roçado foi feito por duas tribos que se juntaram. Planta até um ponto o algodão, depois desse ponto planta urucum, também nos dois lados da trilha. O urucum para nós é como a roupa.

Depois começa plantar xiri, uma espécie de batata para comer, também nos dois lados da trilha. Após o xiri plantamos *iuve*, que é como chamamos o cará. Também plantamos *siu*, outro tipo de inhame. Ai plantamos *pua*, que é o inhame. Tudo isso vai plantando nos dois lados. Daí para frente vai plantando também ananá ou abacaxi e depois cana.

Antigamente, o índio não fazia o canavial, plantava nos dois lados para a cana atravessar a trilha, aí todo mundo pisa em cima das canas e pode ver que aquele dono é um trabalhador. A cana não é plantada separada, como mostra do trabalho tem que ser plantada nos dois lados da trilha. Plantando desse jeito, em tempo de roçado, quem vai visitar pode ver que é uma fartura. Depois também vai ser plantado o mamão, até terminar.

Agora batata não, batata é uma partida. Batata você pode botar aqui e lá, porque a batata é doce, não faz parte da trilha. Por isso que tem um lugar separado, pode ser até misturado com as roças.

Bem, agora, enquanto chegava a chuva, os índios ficavam encostados esperando a anta, faziam um tapiri grande, lá no meio do roçado.

Quando não chovia, estavam encostando as roças. As mulheres decidiam que tipo de roça plantar em cada lugar do roçado, por exemplo:

“Essa terra daí quero para fazer caiçuma, fica fácil para eu pegar a roça, fica mais perto para carregar” – diziam as mulheres para seus maridos.

Qualidades que eram plantadas para fazer caiçuma: *ushihatza*, *txatxihatza*, *huanihatza*. A cor é uma só, mas a folha é diferente. Planta uma qualidade, depois planta outra qualidade, agrupadas entre aquelas da mesma espécie, vai dividindo tudinho.

Depois de terminar aquilo, vamos plantar roça para comer. Tem uma qualidade de roça que você come com três meses, é muito ligeiro, passando um ano já apodrece. Tem que comer bem verdinho, bem ligeiro. Tem outro tipo de roça para comer com seis meses, outra para comer com um ano. Qualidades da roça só para comer: *iusajauhatza*, *iupihatza*, *tsesihatza*. Essa roça é uma roça que quase não tem raiz.

De primeiro, só tinha roça para comer e para caiçuma. Também tinha outra espécie de roça para fazer massa, mas não massa para fazer farinha, nem beiju, era uma massa para fazer mingau, para tomar junto com carne de caça ou peixe.

Mas como vamos plantar roça, se não temos enxada, não temos nada? Tínhamos *mite*, como se fosse um cavador, e aquilo não é só para uma vez, é para a vida toda. Tira a pupunha, abre a pupunha e ele faz um cavador. Não é cavar como com a enxada, não é só cortar e jogar, eles fazem aquela cavação, bem grandão, aquela covona bem grande, eles botam até 8 pedaços de roça no mesmo buraco.

Não é qualquer pessoa que faz esse trabalho de cavar, é um profissional. São pessoas que trabalham muito, enchem a mão de calos, mas não escapam do trabalho. É como na época do roçado, convidam outras pessoas para trabalhar, convidam mulheres e meninas bonitas para os homens trabalharem mais animados. O homem não agüenta esse trabalho sem a presença das mulheres que dão coragem para ele trabalhar até fazer todas as covas. No meio dessa animação, dos namoros, o homem não sente nem fadiga, nem fome.

As mulheres plantam as roças, trazem muita alegria. O trabalho das mulheres era plantar. Os homens semeavam, os homens cavavam com aquele cavador. Lá no final da trilha, também tinha muitos homens, muitos velhos contando histórias, muitas mulheres fazendo caiçuma e muita comida.

Para plantar o milho, após plantar todas essas qualidades de roça, a mulher escolhe o lugar onde vai ser plantada cada qualidade de milho. A mulher diz assim para o seu marido: “Eu quero milho para caiçuma, eu quero tanto neste canto, daí para frente eu quero milho comum. Milho amarelo, *sukikaia*. Tem um milho que nós chamamos *rusaki*, é bem vermelho. “Também quero esse milho aqui mesmo. Logo ali, quero aquele milho pretinho, *kamaesaki*. No outro lado eu quero *hunaitzu*, um milho muito bom de comer, muito mole”. A mulher escolhe o lugar e a qualidade, aí plantava.

Plantavam aquele roçado, mas o que acontecia? Depois do roçado faziam um grande convite. Esse tipo de roçado era de um líder.



Velho Gatão Yawanawá plantando banana junto com sua esposa Nixi, na antiga aldeia Kaxinawá.

FOTO: TERRI AQUINO E ANTÔNIO MACEDO

No tempo do meu pai, não só o líder tinha direito a fazer o roçado, quem quisesse podia fazer. Esses grandes roçados não eram para mulheres preguiçosas. Eram para mulher que trabalha, que ajuda ao povo e a comunidade, que ajuda ao líder. Mas mulher que não trabalha, tem um roçadinho velho com qualquer coisa.

Depois desse milho, plantam banana também. As bandas de banana eram plantadas dentro da roça, misturado com roça. Quando vai comendo as roças, a banana vai ficando. A mulher disse:

“Olha, eu quero toda essa banda de banana, banana para tomar caiçuma. Agora esta outra banda daqui eu quero para fazer mingau, aquela banana grande. Agora que nós já temos nossos filhos, também vou querer banana para as crianças”.

Bananas que as crianças gostam: *paxixipi*, *huixipi*, *xauaxipi*, *soumania*.

Nós também plantamos o feijão indígena, chamado *hiusu*, e o branco chama fava. Nós não plantamos uma partida, plantamos naquele tronco grande que fica depois da queimada. E o feijão sobe muito, enrama muito. Em cada tronco plantamos *hiusu*. Tem três qualidades, *huakahiusu*, *iusihiusu*, e *usuhiusu*. Esses feijões indígenas nós perdemos, enjoamos, pois não era

muito gostoso de comer. Acabamos porque nós mesmo queríamos. Também tínhamos roçado da praia, só no verão, onde plantávamos o amendoim. Hoje em dia não temos mais amendoim, já perdemos todas as espécies. Agora vamos recuperar pegando o amendoim dos Kaxinawá.

Naquela trilha grande que atravessa o roçado pelo meio, nós construíamos uma casa grande para botar o milho dentro, para armazenar o milho, muito milho. A casa fica cheia de milho, tudo bem arrumado, lá no meio do roçado. Quando o milho está bem loteado, aí desenha. Escolhe aqueles milhos brancos e desenha. Depois, quando alguém chegar, sempre pergunta: “quem foi que desenhou?” Porque fica muito bonito. A mulher não precisa ir pegar o milho no roçado, já está pronto na casa do milho, que pode agüentar sem estragar até dois ou três anos.

Quando cortam muitos cachos de banana e não querem levar até a casa de uma vez, deixam naquela mesma casa do roçado. Naquela casa as mulheres fazem a comida nos convites grandes, fazem muita caiçuma, é uma casa muito animada. Ali dentro está tudo o que tem no roçado. Às vezes, elas fazem muita comida e deixam lá, tem muito vaso e muito material. Quem for trabalhar no roçado, tem tudo, além de muita banana e muito milho.

Enquanto a roça cresce se faz cerâmica

A mulher fazia a cerâmica com a ajuda dos homens. Tem um tipo de árvore, mae, que você tira a casca dela. Se não tiver pertinho, o marido, vai na procura e gasta um ou dois dias. Carrega a casca para perto de casa. Aí a mulher vai tocar fogo e deixa virar cinza. Ela mesmo vai tirar o barro e quando a casca queimada já estiver pronta a mulher diz:

“Eu quero uma casa, uma casa para fazer cerâmica, tudo cercado para que as crianças e cachorros não possam entrar dentro. Porque vamos trabalhar com uma coisa muito fina, muito mole”.

Tudo ficava no chão. Hoje não, hoje já é diferente. Lá na casa da cerâmica iam as mulheres velhas e as novas que queriam aprender. Faziam panelas de todos os tamanhos, para cozinhar carne ou peixe, e as maiores eram para fazer a caiçuma. Quando o barro estiver seco, de cor branca, aí pede para o marido:

“Eu quero queimar.”

Nesse dia tem dois ou três homens tirando lenha para queimar a cerâmica. E quando estão queimando a cerâmica tem que cumprir uma dieta. Quem vai trabalhar na cerâmica, um dia antes do trabalho não pode dormir com sua mulher. O mesmo líder pede para as pessoas que vão trabalhar na queima da cerâmica para não dormirem com as mulheres, têm que dormir separados. Se os homens dormirem com as mulheres, a cerâmica não vai prestar, vai rachar, vai quebrar. Para não acontecer isso, não dormiam com as mulheres. As mulheres que iam mexer na cerâmica também não podiam dormir com os seus maridos.

Depois de queimar a cerâmica até esfriar não podiam beber água, tinham que agüentar a sede, até a cerâmica esfriar. Quem mexeu, quem trabalhou, quem tirou a lenha ou pegou a casca tinha que fazer a dieta. Com duas varas grandes viravam as cerâmicas, pegavam e as colocavam em um canto, para esfriar. Depois de esfriar é quando vão tomar banho e beber água.

Enquanto a roça estava crescendo, elas faziam a cerâmica. A roça está nascendo, está crescendo e aproveitavam o tempo para fazer a cerâmica. Tinha cerâmica velha, usada, mais não agüentava a roça nova, para isso precisavam de cerâmica nova.

A alimentação e suas dietas

O índio Yawanawá planta ananá, abacaxi, mamão, banana, cana e outros alimentos doces, não para se alimentar bem, planta mais para a mulher, para as crianças. Quando um rapaz chega à idade de dez anos ou mais, não come mais doce porque ele vai aprender a matar caça. Se comer doce não fica muito bom para matar caça. A pessoa que come doce fica com natureza de mulher, fica como a mulher para aprender as coisas só com brincadeira, sorrindo. Não é sincero, não é mais sério.

A mulher vai aprender fazer cerâmica, paneiro, esteira, peneira, desenho e outros tipos de trabalhos tradicionais de mulheres. As meninas, quando chegam na idade de dez anos, podem comer doce mas nunca o primeiro cacho da banana, nem o primeiro abacaxi, a cana, se não for seca, também não. Isso é para não ficar grávida antes da idade. A criança que come a primeira fruta de mamão, vai ficar gestante antes de tempo. Se ela chupa cana sem ninguém ter tirado, vai ficar gestante antes da idade. Se comer a primeira fruta de abacaxi, vai ficar gestante rápido demais. Até com 12

anos está gestante, com muito perigo para ganhar nenê. Os pais têm que ter cuidado para não dar o primeiro cacho ou fruta às suas filhas. Desse jeito os pais controlam as meninas, e estas podem comer coisas doces.

Quem come o primeiro cacho são as velhas, as criancinhas também podem comer. Os meninos também podem comer, só até essa idade de aprender a caçar, depois vão tomar mingau de milho ou de macaxeira, que são azedos. Alimentam-se mais com azedo que com o doce. O doce fica para as mulheres, crianças, velhas e qualquer pessoa comum. Porque nem todo o mundo é preparado para ser pajé, para ser matador de caça, para aprender alguma coisa. Os pajés não comem essas coisas doces para não serem fracos. O doce não faz a pessoa ficar forte. O poder da palavra, o poder de rezar, o poder de curar, se você come doce não valem nada. Você pode até saber, mas não vai ter poder de curar. No lugar de comer doce, você come pimenta forte. Come também uma batata amarga que tem no mato. Quando vai tomar caçuma de banana tem que misturar com outro alimento que não seja doce. Essa é a dieta que fazem os pajés, eles não provam o doce. Comem huakekara, xiri (batata), milho, se alimentam com azedo e amargo. Só para ter poder. Se você descasca uma banana madura e coloca na boca, vai ficar como uma mulher, mulher não tem poder.

A sabedoria e poder das plantas:

O algodão

O algodão não é só para o fogo, o algodão também tem poder. Ninguém pode deixá-lo perto da rede onde você vai dormir, pois o algodão avisa o que vai acontecer, em sono ou mesmo em visão. O que o algodão avisar não é mentira, vai acontecer. O que é que ele avisa? Se você deixar perto da sua rede, na hora que você vem acordando, ou também em sono, o algodão começa chorar com a voz de criança ou voz de mulher. Se vai morrer uma criança, o algodão no choro está dizendo que a mulher está lamentando a morte do seu filho. Se vai morrer uma mulher ou um homem o algodão também vai chorar. O algodão faz esse tipo de mistério.

As mulheres que trabalham com o algodão, depois do trabalho têm que coloca-lo longe da dormida, porque quando está longe não tem esse poder. Só acontece isso se ele ficar perto de onde você dorme e sempre à noite. Essa visão só se vê à noite. O algodão faz isso só quando é algodão, transformado em rede, vestuário, em linha da flecha, com as coisas feitas pelo algodão, não acontece.

O algodão também tem outro significado na nossa cultura. Quando uma pessoa está doente há um ano, dois anos, quando não tem mais jeito para ficar bom, quando a família está enjoada e abandona o doente, aí o doente pede:

“Tira minha vida, eu não quero mais viver”.

A morte não vai ser realizada batendo com um pau, nem botando veneno. Tem pessoas, homens e mulheres, que sabem como tirar aquela vida. Marcam uma hora e passam o capucho do algodão no rosto da pessoa que quer morrer. Fazem tipo uma limpeza. Nessa limpeza o algodão carrega o espírito da pessoa doente como uma mãe carrega seu filho na tipóia. O algodão se transforma em pessoa, pega o espírito do doente e sai do corpo.

Os pais proibem que as meninas novas pisem no capucho de algodão onde estão trabalhando. Precisam ter cuidado porque quando elas vão ganhar nenê, podem ganhar duas ou três crianças. Como os capuchos de algodão, uns emendados aos outros, do mesmo jeito acontece na barriga das mulheres.

A pimenta

Tem várias histórias diferentes sobre a pimenta. Com qualquer pimenta, também aquela de uso alimentar, pode saber qual vai ser a tua sorte. É uma brincadeira séria que o povo Yawanawá usa para saber com quem vão casar.

Quando você pega uma pimenta, com os olhos fechados ou de noite, depois olha para ela e vai saber como vai ser a tua mulher. Se você pegar aquela pimenta madurinha quer dizer que vai casar com mulher madura. Se pegar uma pimenta verde isso quer dizer que vai casar com uma moça. Se um rapaz tirar uma pimenta velha vai casar com uma velha. Isso para nós é verdade, nós fazemos a brincadeira da pimenta mas é sério.

A doença da pimenta é outra coisa. Também diz o que vai acontecer. Quando uma pessoa é marcada pelo pajé ou por um velho para morrer é outro tipo de doença. A transformação da pimenta em sono descobre o que ele sonhou. Nós, Yawanawá, sabemos que a doença vai aparecer em nosso corpo, eu sei que a doença vai aparecer no meu corpo. Qualquer pessoa que teve o sonho, precisa conhecer o sonho. Nós estudamos muito o sonho, para saber se é doença ou não. A transmissão da doença pode ser da pimenta, do tabaco ou doença que é transmitida por algum objeto seu (saliva, ponta de cigarro, pêlo...).

Quem pega a doença da pimenta sonha com uma casa de marimbondos que vai te ferrar todinho. Você também vê no sonho quem mandou a doença para você, se ele está achando graça enquanto você está sofrendo as ferradas. Mesmo que a pessoa tenha morrido, depois de um tempo outra pessoa pode receber a doença.

O tabaco

A doença do tabaco – este tipo de doença está associado com carrapatos. Colocam o tabaco na mão e assopram no rosto. A visão de que os carrapatos estão te ferrando aparece em sonho. A doença do tabaco vai ser transformando em reumatismo. Você não vai morrer, só vai sofrer de reumatismo. A doença da pimenta e do tabaco nem dono tira.

O povo Yawanawá também plantava tabaco nos roçados. Meu pai plantava e usava o tabaco. Queimava cerâmica grande e botava a folha de tabaco naquela quentura. Depois secava até ficar como um beiju e guardava. Quando queria moer botava no fogo e ficava bem sequinho. Ele moía em um vaso próprio para moer. Depois guardava misturado com a cinza de uma casca de árvore que pegava do mato. O rapé é feito assim, até hoje em dia.

Não se pode usar qualquer tipo de tabaco. Tem que saber que tipo usar, pois o tabaco dá o poder de fazer o bem ou mal.

A sabedoria do povo Yawanawá está no roçado, ou seja, no cipó, na pimenta, no tabaco e no *xupa* (um tipo de ayahuasca já extinto), que sempre foram plantados nos roçados dos pajés Yawanawá. O roçado Yawanawá, além dos alimentos, também tinha esses outros elementos.

O pajé nunca deixou de plantar no seu roçado, tabaco, pimenta e cipó. Nesse roçado do pajé não podia entrar qualquer um, nem podia olhar qualquer um, pois alí estava a sabedoria. Só podiam entrar as pessoas achegadas ao pajé e em companhia dele.

O primeiro tabaco foi perdido, depois foi encontrado de novo por uma visão, por isso que o tabaco está plantado no roçado no maior segredo. O tabaco dá o poder da sabedoria e de fazer o mal. Ele é muito forte, muito poderoso. Os índios Yawanawá para conhecer esse poder pegavam a folha do tabaco verde, esquentavam na cerâmica quente, espremiavam aquele suco do tabaco em um vaso, um litro mais ou menos, e tomavam o suco puro de uma vez só. Tomavam de uma vez para conhecer o poder do tabaco. A pessoa fraca provocava logo. A mais forte agüentava duas horas. Quando o suco de tabaco está dentro do estômago, eles sentem coisas

ruins, eles estão agoniados, estão sentindo os problemas e com aquilo estão estudando, buscando o poder e fazendo a transformação de fazer o mal. Quando mais ele bebe e agüenta no estômago é para fazer o mal. Nesse tempo todo ele está estudando e adquirindo o poder do tabaco.

Também tomam muito tabaco em pó, rapé, dando um para outro. Eles agüentam, a pessoa fraca provoca, mas eles não. Eles buscam pressão e com aquela pressão forte estão estudando para buscar o bem e o mal.

A pimenta também é da mesma forma. Machucam a pimenta em um vaso grande e com pouca água. Tem que ser pimenta bem madura, muito ardente. Depois bebem de uma vez dois ou quatro litros e, ao final, enchem a boca com a pimenta em pó e agüentam aquele ardor. É aí quando estão estudando o poder que a pimenta tem de fazer o mal.

O cipó

O cipó também tem a sabedoria. O cipó leva ao outro mundo. O pajé vai cantar para ele poder pegar a sabedoria. O cipó não traz sozinho a sabedoria, tem que ser com a ajuda do pajé. Com o tabaco e a pimenta a sabedoria chega sozinha.

Com o cipó acontece o seguinte: quando está no outro mundo o pajé, que tem conhecimento, vai cantar colocando as mãos na tua cabeça. Vai assoprar, vai te tocar, vai te passar a sabedoria que está chegando do cipó.

O *xupa* (um tipo de ayahuasca) é o rei da sabedoria. Hoje não existe mais, extinguiu-se. Meu pai viu a pressão do *xupa*, era uma folha que ralavam e ferviam até que ficava como um doce. A pessoa só chupava com o dedo, só duas vezes.

O *xupa* serve para maldizer outro povo, aquele que está em transe pode amaldiçoar outro povo. É uma coisa real, como acontece com o algodão. A pressão pode agüentar dois ou três dias. Se o homem fugir ele vai para o mato, não machuca, não pisa espinho, nem come, nem bebe, nem dorme. Por isso existem aqueles que ajudam a segurar a pessoa para que ela fuja. Mulheres e crianças não podem ficar perto, só os homens escolhidos para segurar.

Aqui também o conhecimento chega através das músicas e dos pajés.

Os roçados dos pajés eram diferentes, eles plantavam esses elementos para ter o conhecimento e o poder. Na hora de plantar eles conversavam com a pimenta, o tabaco, o cipó e o *xupa*. Qualquer um pode plantar também, mas não vai ter poder.



Pé de cipó da mata. FOTO: TERRI AQUINO E ANTÔNIO MACEDO

O roçado, as plantas medicinais e a pajelança

Dentro dos roçados Yawanawá não tínhamos só roça ou banana, ou seja, só alimentos. Nós plantávamos cipó. Não só os pajés, qualquer pessoa pode plantar o cipó. O dia que a sua mulher ficar doente, você tem de onde tirar, pode mandar alguém. Mesmo que você não saiba, não deixe de plantar cipó.

Também plantamos saco, que é um tipo de planta para os pajés usarem contra as dores. É uma batata cheirosa, eles mastigam um pouco e colocam aquilo aonde está a dor e assopram. A força daquela batata é usada para tirar a dor, aquela batata tem poder. Não é batata para comer, é batata para curar. Quando está tomando cipó tem de usar essa batata cheirosa, para mudar a pressão, a miração. Quando cheira aquela batata muda a miração. Aquela batata tem uma música, uma cantiga de reza, para mudar a miração.

Também plantamos uma outra folha cheirosa para tomar cipó, chamada manin, É para curar. É usada por pessoas que fazem a dieta, por pessoas que tomam cipó, não só pelos pajés. Pega essa planta cheirosa, esfrega na mão e coloca a mão na cabeça da criança e assopra para curar. Faz uma cura completa para crianças, no rosto, na cabeça.

Plantavam também sopa, que é outro tipo de cipó. Eu conheci mas não cheguei a tomar. Isto só plantavam aqueles velhos que usavam. Agora cipó, qualquer pessoa podia plantar, porque quando precisar não tem que pedir ninguém, porque no seu roçado tem. Por isso que nos nossos roçados temos de tudo.

Nós plantamos a pimenta, *hiutxi*, não essa pimenta de hoje em dia. É um tipo de pimenta indígena mesmo, chamada *huakahiutxi*, *saibitihuitxi*, *tomohuitxi*. São três qualidades de pimenta, não para temperar comida, é um tipo de arma para fazer o mal. Plantamos em um lugar à parte, não no meio do caminho do roçado. Quem pode entrar lá é só mulher dele, filho ou ele mesmo. Qualquer um não pode visitar, pois segundo a tradição Yawanawá pode fazer mal. Dá alergia, que só pode curar o dono do roçado.

O roçado do pajé é muito perigoso, com todas essas plantas. Os pajés plantavam uma planta com nome de mara, o branco chama como taja. É uma planta muito perigosa, ninguém podia mexer. Os pajés também plantavam outro material do cipó, completando a parte do cheiro. Nesse roçado do pajé, o dono pode convidar alguém para olhar, mas não pode tocar nada. Faz aquela passagem com cuidado para não adoecer, e sempre em companhia do dono, que era o pajé. O pajé falava com aquelas plantas e as plantas respondiam, o espírito da planta era

quem respondia, por isso que essas plantas são para curar e para fazer o mal.

Tem aquela batata maniniti, que é para curar, e tem sopa, que é de aprender a fazer o bem ou o mal. Sopa, como eu disse, é um tipo de ayahuasca, mas não pode tomar qualquer um, tem que fazer uma dieta muito grande. Assim era o roçado do pajé. Nós respeitávamos muito o roçado dele. A criança não pode entrar dentro do roçado do pajé para brincar.

O roçado do pajé é muito especial, ninguém pode entrar como se fosse um roçado normal, porque ali dentro tem tudo, coisas para comer e outras plantas que não são para comer. Se ele não convidar, ninguém pode entrar porque pode pegar uma alergia logo. Por causa disso, também, na rede do pajé não pode deitar, nem sentar, nem tocar qualquer um ou criança, pois pega alergia também. Alergia é doença. Só podem deitar a mulher e os filhos do pajé. Ele é quem pode curar as pessoas que pegaram a alergia, só ele mesmo.

Agora, como é que ele vai curar? Não vai ser só com a palavra. Ele vai curar a alergia com omesca e palha, palha de jarina seca. Ele tira uma brasa viva, joga aquele bolo de omesca dentro e aquela palha, que vai fazer só fumaça. Aquela palha com omesca solta aquela fumaça com um cheiro muito agradável. Ele defuma a mão dele, manda a pessoa com alergia ficar de pé. Ele não diz nenhuma palavra, mexe as mãos na fumaça e passa no doente, em meia hora fica bom. Aí pergunta o pajé:

“Onde você andou? Tocou minha rede?”

Quem pega alergia, pega febre, o corpo fica inchado, é uma alergia forte. No assento do pajé só pode sentar se ele convidar, quem sentar sem convite já pega doença. Tudo o que é do pajé é muito complicado.

Preparação do cipó com o pajé: Tatá sentado no pilão atrás e João Pequeno sentado na frente.





Valdemar Yawanawá fazendo mão de pilão para pisar o tingui. FOTO: TERRI AQUINO E ANTÔNIO MACEDO

Alimentação

preferências e regras



Maria Katukina moquinhandando peixe. FOTO: JOAQUIM TSHAKA

Com relação à alimentação do povo Yawanawá, existem diversos tipos de alimentos.

Entre eles, o que os mais jovens, crianças, velhos e velhas devem comer. Ainda, os alimentos que as grávidas e quando os pais estão de crianças recém-nascidas podem comer. Para os Yawanawá, os alimentos fazem parte da ciência para o bem estar de cada família. Os velhos Yawanawá são os responsáveis por orientar as famílias sobre o que devem comer. Quando um dos membros da família agride os mandamentos alimentares, os anciões da aldeia não aceitam as más atitudes.

Comidas usadas pelos Yawanawá

Entre outros alimentos tradicionais existentes, os Yawanawá consideram que o *kawa* do peixe, *kawa* de carne de paca, o *vetẽ* com carne de tatu, *yawa*, *unu*, sejam os mais importantes.

Já os antigos, consideravam que *kusuya mĩsi*, *tamaya unu mapu pitxã*, seriam seus alimentos prediletos.

Abaixo alguns alimentos e a forma como as famílias Yawanawá os preparam:

Nãne

CARNE MOQUEADA

Depois de tirado o couro do animal, o mesmo é dividido em pedaços, ou seja, esquartejado. É colocado em cima de um jirau preparado para assar carne e quando for ficando assado de um lado, vire o outro lado até ficar bem assado. Com o pé da anta e uns tipos de macacos são apenas retirados os seus pêlos e colocados com couro em cima do jirau para ser assado. Esse processo é conhecido na região como 'moquinhado'.

Nane txuku ika

Cozinha a carne moqueada junto com a banana. Quando estiver mole, a comida já está pronta para comer.

Sheki vetẽ

O milho de massa seco é ralado, e de preferência, cozinha com a carne do tatu. Quando a carne do tatu estiver mole, o mingau também já está pronto.

Tamaya unu mapu pitxã/ tamaya hunihu mapu pitxã

Cozinha o amendoim junto com a cabeça de queixada ou com a cabeça de porco da mata. Quando a carne da cabeça estiver mole, a comida já está pronta para comer.

Nãmi shuy

CARNE ASSADA

Pega-se a carne, faz um corte bem fino e depois um espeto, colocando a carne em cima das brasas. Após alguns minutos, a carne já está pronta para se comer.

Nãmi pitxã

CARNE COZIDA

Cozinha a carne somente com água e sal. Passado uns 15 minutos, a carne já está boa para se comer.

Yuma nãne

PEIXE MOQUEADO

Procura-se um jirau sobre o fogo, retirando apenas o fato do peixe e colocando ele sobre o jirau. Em menos de 15 minutos o peixe já está assado.

Yuma pitxã

PEIXE COZIDO

Corta os pedaços do peixe em tamanhos pequenos e cozinha com água e sal. Após 5 minutos, o peixe já está prontinho para comer.



AUTORA: VERA YAWANAWÁ

Kawa

PEIXE ENROLADO NA FOLHA

São selecionados os peixes de tamanho médio, sejam eles do tipo que tenha escama ou de couro. Enrola com a folha de sororoca ou com a palha nova de cocão. Eles são deixados próximos ao fogo ou quando desejam, colocam por cima da brasa, de meia hora a uma hora o kawa já está bem assado.

Muru

MINGAU DE PEIXE COM MACAXEIRA RALADA

A macaxeira é ralada e é retirada toda a água da massa, cozinhando depois com pequenos peixinhos. Passados 12 minutos, a comida já está bem feita.

Vetë

MINGAU DE BANANA VERDE COM CARNE DE CAÇA

O Vetë pode ser preparado com diversos tipos de carne de caça. O preparo pode ser feito com a banana grande ou a banana conhecida por *mãnyã kũy*. A banana verde é ralada e cozinha com a carne desejada. O tempo para ficar pronto é de aproximadamente 20 minutos.



Mãniã pitxã

BANANA VERDE COZIDA

É a banana verde de qualquer espécie cozida com água e machucada. Não existe nenhum tempero e pode comer com qualquer tipo de carne ou peixe.

Nãne txuku ika

CARNE MOQUEADA COZIDA

Cozinha-se a carne moqueada junto com a banana, quando estiver mole, a comida já está pronta para comer.

Sheki vetë

MINGAU DE MILHO COM CARNE DE TATU

O milho de massa seco é ralado e, de preferência, cozinha com carne do tatu. Quando a carne do tatu estiver mole, o mingau também já está pronto.

Newa

MILHO MASSA COZIDA COM CABEÇA DE MACACO-CAPELÃO

O milho massa é debulhado e cozido junto com a cabeça do capelão. Para ficar bom, leva cerca de duas ou três horas.

Tamaya unu mapu pitxã, tamaya hunihu mapu pitxã

CABEÇA DE PORCO OU DE QUEIXADA COZIDA COM MUDUBIM

Cozinha o amendoim junto com a cabeça de queixada ou com a cabeça de porco da mata. Quando a carne da cabeça estiver mole, a comida está pronta para comer.

Ñnu kawa

CARNE DE PACA ENROLADA

Corta alguns pedaços de carne de paca e enrola com a folha de sororoca, ou com a folha de cocão novo, e coloca sobre o fogo. Com aproximadamente 2 horas, o kawa já está pronto para comer.

Kunu pitxã

ORELHA DE PAU COZIDA

É usada uma espécie de orelha de pau que é cozida. O cozido leva mais ou menos 20 minutos. Não existe nenhum tempero para o mesmo. São alimentos usados pelos antigos.

Kunu kawa

ENROLADO DE ORELHA DE PAU

Junta o kunu e enrola com a folha de sororoca, assando com a temperatura da brasa. Alimento usado pelos antigos Yawanawá, não usado na atualidade.

Wakūni kurā shena tsuy

LAGARTO DE MADEIRA TORRADA

Pega o lagarto de madeira e é arrancada a cabeça, retirando tudo o que estiver por dentro. É lavado e torrado em uma vasilha. Quando os lagartos estiverem bem secos e crocantes, já estão prontos para comer. A mistura pode ser com a banana verde cozida.

Xixiu tsuy

LAGARTO DE PALHEIRA TORRADA

O xixiu é encontrado em um lugar onde existem palheiras caídas e em processo de apodrecimento. Coloca-se dentro de uma vasilha e torra, sob temperatura do fogo, até ficar sequinho. Enquanto ele está secando, a banana verde é cozida. O tempero único com xixiw é a banana cozida.

Tānu tsuy

LAGARTO DE WAKI TORRADA

Retirado o tānu, ele é colocado em uma vasilha. Depois é torrado, com muito cuidado para não se queimar. Isso porque ele é cheio de óleo, diferente do lagarto comum. Bem seco, o tānu pode ser comido com macaxeira cozida ou banana verde.

Tsiysi shena tsuy

LAGARTO DE ATA TORRADO

O lagarto é retirado da árvore, a cabeça é arrancada e é pedido que lave bem o que tiver dentro do seu intestino e torre em uma vasilha. O seu complemento é a banana verde cozida. O lagarto precisa ficar bem seco e crocante.

Shunūã shena

LAGARTO DE SAMAÚMA COZIDA

Arranque a cabeça do lagarto, que é quase do tamanho do um palmo de comprimento. Após lavado bem o intestino do lagarto, o mesmo é cozido, mas não fica mole, é tipo elástico. Pode servir acompanhado de banana cozida.

Kusuviya mĩssi shuhu yawa

PAMONHA DE MILHO COM LAGARTA CRIADA EM MASSA OU RESTO DE CAIÇUMA DE MILHO

Coloque o resto da água da caiçuma de milho em um determinado local. As moscas de cabeça vermelha põem os seus ovos sobre o vaso e criam as larvas. Passados quatro dias, as larvas já estão grandes. Essas larvas são colocadas em um vaso e lavadas com água quente. Elas são colocadas dentro do milho verde ralado e misturadas bem. A massa com as larvas é enrolada em palha de milho verde, fazendo as pamonhas e deixando cozinhar. Quando as pamonhas estão boas para comer, são retiradas do fogo. O seu gosto é perfeito. Quando você começa a mastigar a pamonha, você sente quando as larvas espocam com o seu mastigado.

Sheki putu

FUBÁ DE MILHO MASSA

O milho massa é torrado em uma vasilha e, depois de seco, é retirado do fogo e pisado dentro de um pilão.

Txapa

MASSA DE COCÃO RALADO E ASSADO NO FOGO

Descasca-se o caroço do cocão (palheira) e rala uma quantidade que desejar. A massa ralada é enrolada com a folha da sororoca e assada com a temperatura da brasa. O txapa estará pronto após 30 min ou 1 hora.

Katsu atu nãnea

O fato do veado ou porquinho é enchido com pequenos pedaços de carne, fígado e bofe. Cheio o fato, ele é amarrado com um pedaço de envira e colocado no jirau para ser moqueado. É preciso que tenha cuidado para não queimar. Esse tipo de assado demora cerca de dois dias para que esteja pronto para comer.

Sheki tuvã

MILHO TORRADO

Torra-se qualquer tipo de milho em uma vasilha e retira-se quando estiver bem sequinho. Já passado por esse processo, o tuvã já está pronto para ser comido.

Atsa shuy

MACAXEIRA ASSADA NA BRASA

A macaxeira é assada inteira com a casca. Demora cerca de dez minutos e pode servir como mistura para ser comida com carne ou peixe.

Maku tsuy

GONGO DE COCÃO TORRADO

São retirados os gongos do caroço do cocão e torrados em uma vasilha na temperatura da brasa. Depois de seco, já pode ser comido.

Bebidas apreciadas pelos Yawanawá

Todas as bebidas são importantes para os Yawanawá. O *kākāya mānyã twa* e o *tamaya mānyã twa* faziam parte das bebidas que eram consumidas somente pela gente importante entre os Yawanawá. Essas duas bebidas não se encontram no meio do povo, mesmo porque as gerações atuais não plantam mudubim suficiente.

Kari māmã

CAIÇUMA DE BATATA DOCE COM MACAXEIRA

São cozidos pequenos pedaços de macaxeira com batata doce. Quando estão bem moles, são retirados do fogo e machucados. As mulheres mastigam e colocam em uma vasilha, para que no dia seguinte possam ser machucados com a mão. As duas misturas fazem com que a caiçuma fique bem doce.

Mānyã mutsa

MINGAU DE BANANA MADURA

É a banana madura cozida e machucada com água. O *mānyã mutsa* pode se fazer com qualquer espécie de banana madura.

Kākāya māñã tua

MINGAU DE BANANA MADURA COZIDA COM ABACAXI RALADO

Cozinha-se qualquer espécie de banana madura com abacaxi ralado, bem cozido. Retirado do fogo, machuca bem machucado. Depois cõa com uma peneira e o bagaço é jogado fora.

Tamaya māñã tua

MINGAU DE BANANA MADURA COM MUDUBIM RALADO COZIDO

A banana é cozida madura com o mudubim ralado. Quando a banana estiver pronta para machucar, retira do fogo, e machuca bem. Depois deve ser coado com uma peneira. O bagaço pode ser lançado fora.

Tuvã māmã

CAIÇUMA DE MILHO

O milho de massa seco é ralado e depois as mulheres mastigam e molham com a saliva. A massa do milho, após molhada, é colocada dentro de um vaso de água e fervido no fogo. O processo de sua passagem pelo fogo é para ficar fermentado.



AUTORA: VERA YAWANAWÁ

Atsa nāmã / matxu

CAIÇUMA DE MACAXEIRA

Descasca-se a macaxeira e cozinha em pequenos pedaços. Quando estiver mole, retira do fogo, machuca de maneira que não fique nenhum pedaço grande. Tudo machucado, as mulheres mastigam e com a ajuda da saliva é molhado e depois colocado na vasilha até encher. Pronto o processo, a macaxeira mastigada recebe o nome de *naka*. O *naka* é deixado para que, no dia seguinte, seja desmanchado dentro da água. Já um outro nome conhecido por

matxu. Com esse nome, o *matxu* é deixado por mais dias para ficar bem fermentado. Algumas mulheres preparam para o seu marido o *matxu* que não é mastigado, somente machucado com alguns pedaços de macaxeira crua e, nesse processo, acaba que o *matxu* torna-se uma bebida forte. Para o *matxu* ficar forte demora cerca de quatro dias. O *matxu* sem ser forte serve para as pessoas que tomam o *kap*¼ vomitá-lo. Também o *matxu* não fermentado é usado para que os pajés rezem sobre ele, para curar algumas enfermidades.

Mulheres Yawanawá descascando macaxeira para fazer caçuma. FOTO: DJACIRA MAIA



Carne de animais que os Yawanawá não comem

Nas aldeias Yawanawá, os costumes de comer certo tipo de alimento se dividem. Os que são de família Arara comem carne de onça, carne de mambira, carne de bandeira e outros animais que os verdadeiros Yawanawá consideram imundos.

Enquanto que os pertencentes à família Kāmanawá (Katukina) consomem alguns alimentos proibidos pelos outros grupos. Por exemplo, os Yawanawá não comem filhote de porquinho quando têm um filho doente, mas os Kāmānawa podem comer. Os Yawanawá não comem filhote de quatipuru quando está com criança recém-nascida, já os da família Arara podem comer.

Frutas que os Yawanawá não comem

As frutas na floresta são variadas e as que não são comidas pelos Yawanawá são: fruta de timbaúba, manixi, paxiubão, paxiubim, biorana massa, e nīwã. Não se sabe o motivo ou o efeito que provoca.

Entre os Yawanawá, não têm ou não se conhece a história e a prática do consumo dos legumes.

Alimentos proibidos para crianças e adolescentes comerem

Peixes que não devem ser comidos:

Curimatã, piau pequeno, bagre pequeno, *pasha yuma*, *ixkīmāwã*, surubim, piranha, *kupa*, *hushuma*, *shetawa*, *taya*, *ipāixi*, *nisa shutu*, *vashu*, peixe lenha (*kesi vāy*), bode-escova (*ipūã*), *tutu* (braço de moça).

Conseqüências dos peixes proibidos

Huwẽwã (curimatã)	Pode contrair a doença chamada na língua materna de mayna vetxitũru, um tipo de doença desconhecida e só cura através de uma planta medicinal conhecida por pinikate. Raspa a casca da planta e o paciente bebe o líquido.
Misi nutsi (piaú)	Comendo o peixe, a criança ou o adolescente poderá contrair a doença conhecida por mayna. Essa doença é curada através de uma planta medicinal conhecida por misi nutsi muka.
Payxi/ Bagre/ Kãnã	Kãnã é um peixe de couro pequeno e também é proibido para crianças e adolescentes porque pode contrair a doença mayna. A doença é curada através da planta medicinal conhecida por puyxi muka.
Pasha yuma/ Gi tubaranã	Esse peixe não é recomendado para crianças e adolescentes, como também é proibido dar os seus ossos aos cachorros. Aqueles que comem podem contrair a doença mayna e, os cachorros, se comerem, acabam morrendo. A forma de cura é a planta medicinal pasha yuma muka.
Ixkĩmãwã (bode marajã)	Esse peixe é cascudo, da família do bodó. É proibido para os jovens, porque podem contrair a doença mayna. A forma de cura é usar a planta medicinal ixkĩmãwã muka.
Ixixiwã (surubim)	Comendo esse peixe, os jovens também pegam a doença mayna e podem se tornar muito preguiçosos. A doença é curada com a planta medicinal ixixiwã muka e a preguiça é curada aplicando algumas doses de kapũ no jovem.
Make (piranha)	Comendo a piranha, crianças e jovens pegam no futuro a doença no espinhaço ou makẽ mĩa kasẽã. Essa doença somente o pajẽ cura. O processo de curar é conhecido pelos Yawanawã de sheyuki.
Kupa (piaba)	Os mais jovens, comendo esse peixe, no futuro poderão ter problemas de loucura. O meio de curar essa doença é tratá-la com a planta medicinal chamada de nisũraw.



Menino Yawanawá Francimar mostrando os peixes. FOTO: TERRI AQUINO

Outras comidas que podem provocar doenças

Tatu, filhote de porco, filhote de anta, macaco cairara, arara, papagaio, jacamim, anta, nambú, ovos de nambú, ovos de jacu.

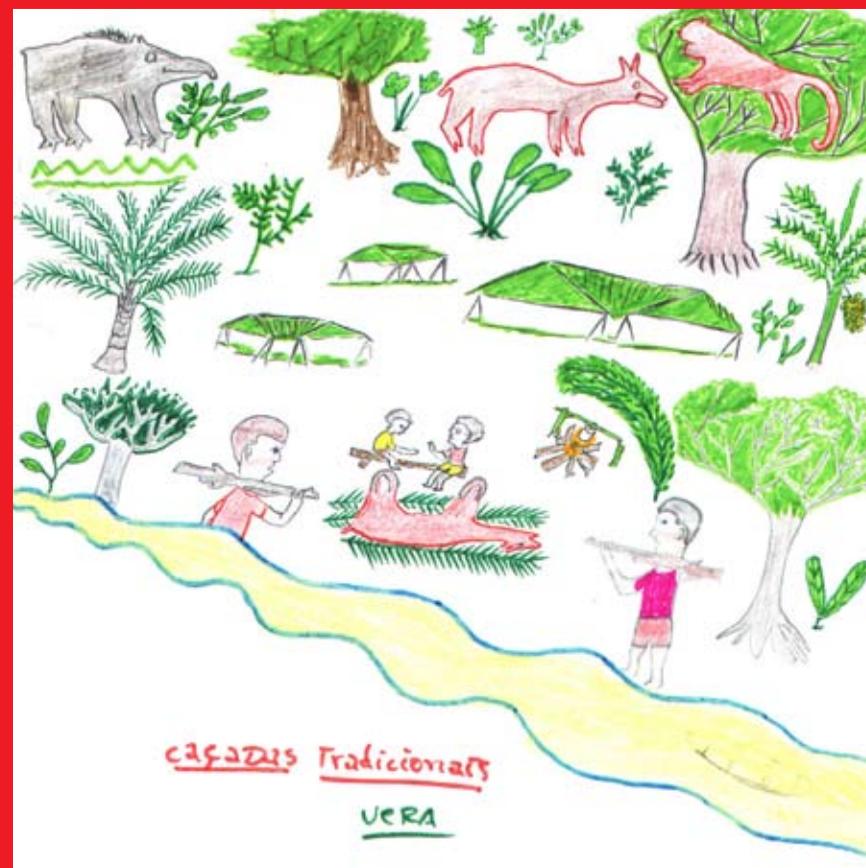
Alimentos que crianças novas não podem comer

Nambu, nambu preto, tatu, jacamim, kehu txuna, tuiku, ru, ushu kape, mari, anu, unu, wasa, riru, poraquê, sarapó, tracajá, jabuti.

Alimentos proibidos para mulheres grávidas

Tatu, jacaré, bodó de qualquer espécie.

As caçadas



Caçadas tradicionais Yawanawá VERA YAWANAWÁ

As caçadas

Os Yawanawá se dedicam mais à caça do que à pesca. Na comunidade, as famílias se reúnem e vão às caçadas nos lugares onde podem encontrar os animais com mais facilidade. Os períodos de suas caçadas demoram até cinco dias.

A melhor época do ano para se caçar, está entre os meses de novembro e maio, época das chuvas, onde os caçadores costumam rastejar as caças como o veado, o porquinho e a anta. Nessa época, a terra fica bem molhada e, se por ventura estiver passando alguma caça, o caçador rasteja até encontrá-la. Também são as épocas de diversas frutas da mata, que após maduras, caem no chão e os animais ficam se alimentando. Quando as frutas começam a cair, os animais ficam sempre bem perto de suas comidas. Uma outra época apropriada para caçar é a dos meses de junho, julho, agosto e setembro, em que os rios e igarapés estão com água bem baixa e com muitas praias. São épocas de matar a paca, o veado e a anta. Isso porque eles costumam andar no período da noite atrás das comidas como o barreiro e tomar banho.

As caçadas tradicionais são organizadas pelo chefe da aldeia chamado de *shānāihu*. São realizadas nos momentos em que a aldeia não tem alimentos suficientes para as famílias e, muitas vezes, são para conseguir alimentos para os trabalhos comunitários ou individuais. As caçadas chegam a reunir de até 48 pessoas, isso contando com as mulheres, homens e crianças.

O *shānāihu* acorda pela madrugada, juntamente com sua esposa, para fazerem o planejamento do dia. A mulher do *shānāihu* cuida desde então de fazer as comidas para que, quando amanheça o dia, tudo esteja pronto para comer. Enquanto isso, o *shānāihu* chama todos os homens da aldeia. Quando todos estão presentes na casa, o *shānāihu*, como de costume, inicia suas palavras contando prosas, algumas piadas, história de tempos passados, tirando exemplos dessas histórias para a vida atual. Ele aconselha quem esteja errado ou com problemas familiares e até diz como deveria se comportar cada pessoa e sua família dentro da comunidade local. Finalizando sua conversa, o *shānāihu*, convida os caçadores da comunidade para irem caçar na mata.

Os caçadores e suas famílias preparam alimentos suficientes para que possam passar uma semana dentro da mata. Os principais alimentos levados como comida são a banana madura, banana verde, milho, macaxeira, farinha e batata doce. Os lugares de caçadas são escolhidos em uma distância de quatro ou cinco horas da aldeia. São lugares afastados e de

difícil acesso de pessoas. O lugar onde será instalado o acampamento tem que ter bastante palha de jarina, cocão, jaci e ouricuri. Essas palheiras são conhecidas pelos Yawanawá de *epevi*, *kuta*, *kuti* e *miriari*. Quando chegam no local de acampamento os rapazes, as crianças, as mulheres e os homens adultos, juntos, compartilham o trabalho da construção do *usha* (tapiri do chefe). Em seguida, cada família trabalha na construção de seus próprios acampamentos. Podem ser escolhidos também lugares antigos, onde as casas já estão prontas. As armas que costumam levar são: espingardas, terçados, facas para tratarem as caças e machados para tirar lenhas.

Quando anoitece, o chefe convida os homens para jantar os alimentos adquiridos no período da caminhada. Convida-se algum velho para contar outras experiências de caçadas dos antigos e comentam sobre lugares de muitas caças, igarapés, distâncias, afluentes de igarapés, perigos e onde há comidas de animais. Ao amanhecer o dia, os caçadores planejam seus lugares de caçadas e suas armas. Cada caçador tem seu estilo de caçada dentro da mata e por isso alguns preferem andar sozinhos. Alguns caçadores consideram que se andar de dois, dentro da mata, lhe pode trazer azar. Mas outras pessoas costumam levar o filho para ensinar a matar diferentes espécies de caças. Os Yawanawá acreditam que ensinando seu filho desde pequeno este poderá no futuro ser também um grande matador de caça.

Caçadores Yawanawá chegando na aldeia. FOTO: TERRI AQUINO



A formação dos caçadores Yawanawá

Para se tornar um verdadeiro caçador e matador de caça é preciso passar por alguns testes e ser muito corajoso.

O caçador vai a um determinado local isolado, lugar onde é difícil receber visitas da família e amigos, principalmente de mulheres solteiras e grávidas. Antes de ir para esse local, o caçador inicia a sua preparação. Durante quatro dias tem que tomar de 30 a 40 furadas de Kapu em seus braços. A aplicação do leite do Kapu para quem está se preparando para ser um caçador é exatamente para tirar as preguiças, o sono e o azar, conhecido pela comunidade como panema. A reação ao leite do Kapu, aplicado na pequena queimadura feita por um cipó nos braços, é como se fosse uma queimadura muito forte no rosto, um mal estar em todo o corpo. E você ainda escuta, em seus ouvidos, a chegada da pressão e faz um pequeno barulho. O objetivo desse mal estar é fazer você provocar toda a caiçuma que acabou de beber antes da queimadura com o cipó. A caiçuma que você provocar simboliza a retirada do seu corpo de todo o azar (panema), coisas que você comeu como doce, o sexo que praticou, o intenso sono que tem. É de fato uma limpeza geral em seu corpo e espírito. Significa, a partir daí, uma nova vida que vai se dar.

Fazer a furadinha com cipó nos braços dos futuros caçadores e descascar a queimadura, aplicando o leite de Kapu, é permitido somente aqueles antigos matadores de caça ou quem já é matador de caça. Isso é para lhe trazer mais sorte e felicidade. Além disso, esse antigo caçador transmite toda sorte para você. Caso isso não aconteça, uma outra pessoa pode fazer essas aplicações de Kapu, mas não haverá nenhum resultado esperado ao caçador. Concluindo os quatro dias, o caçador arruma suas bagagens e utensílios que precisará no decorrer dos 30 dias isolado no meio da floresta.

Tudo preparado, o velho pajé da comunidade e outros companheiros que irão carregar suas bagagens reúnem-se e partem para o lugar indicado. Chegando ao local, preparam o tapiri, uma casinha com cobertura de palha de jarina. Em muitas ocasiões, já existe uma casa construída, que é o lugar de referência de antigas caçadas. No dia seguinte, o velho instrutor, que irá acompanhar e observar, acorda pela madrugada e desperta os jovens caçadores. Já todos acordados, o velho começa a falar das suas experiências de caçadas quando era jovem, os cuidados, onde pisar no chão, andar devagar para não espantar as caças, dar uma pequena parada quando os passarinhos te acharem para não assustá-los, andar e dar uma



Deusmar Yawanawá tirando folha para caçada. FOTO: TERRI AQUINO

parada para ver onde está a caça, abaixar e ver bem baixinho, levantar e ver os lados e a frente e depois continuar andando, parar e observar os afluentes dos pequenos igarapés, qual rio faz fronteira ou despeja, imaginar as distâncias em que está, olhar o sol e basear a hora do dia. Os jovens caçadores, com muita curiosidade, fazem algumas perguntas ao pajé sobre como devem ser seus procedimentos, comportamentos e a concentração durante o período da dieta. As perguntas são esclarecidas e orientadas pelo pajé. O dia todo claro, os jovens caçadores dividem as pequenas tarefas da manhã: um vai fazer o fogo com lenha e outros vão pegar água

e cozinhar algum alimento para comerem. Terminando o pequeno dever da manhã, o pajé comunica aos caçadores que eles terão de buscar alguns tipos de folhas. São elas: *awa yunu*, *katsa rau*, *shuma sasa*, *tete tapãñã*, *asĩ mã rare* e *ijmĩ teushi*. Entre as principais folhas, a mais importante é a *awa yunu*, porque é com essa folha que se vai tomar banho todos os dias no período de 30 dias. Chegando ao local onde está o *awa yunu*, o velho pajé recomenda que cada um dos caçadores retirem uma quantidade suficiente de folhas, conforme o tamanho do vaso que será utilizado. Ao retirar as folhas também é recomendado pelo velho que cada pessoa retire não somente de uma única árvore. Isso porque pode acontecer de alguém que está fazendo o resguardo acabar desistindo antes de completarem os 30 dias. A pessoa desistindo antes e tendo retirado as folhas de uma única árvore, poderá ocorrer azar para todos os companheiros e eles terão de parar a formação que estão fazendo.

Na caminhada de volta ao acampamento, os caçadores são instruídos sobre as melhores formas de se conseguir os resultados após a conclusão do resguardo. Chegando todos ao acampamento, as folhas são retiradas dos galhos com muita cautela e cuidado de não expressar palavras vãs contra a folha. Isso porque o espírito e o poder da folha podem sair. Já todas as folhas retiradas e colocadas no vaso, se deixa cozinhar 10 minutos no fogo. Enquanto a folha está sendo cozida, cada caçador faz a limpeza dos caminhos onde irá ficar o vaso cozido de folha. Os caminhos devem ser feitos na direção em que o caçador vai caçar. Já cozida a folha, cada pessoa leva no final do caminho que foi feito e ninguém mais pode ir ver o lugar do vaso. Se outra pessoa for lá, pode trazer azar. Já tudo pronto, o caçador precisa tomar banho com a folha 3 vezes ao dia, isto é, de manhã, antes que alguém se levante ao meio dia e à tarde. A partir daí, o banho tem que ser até 30 dias completos. Junto com o *awa yunu* cozido, também tem outras folhas que fazem o complemento, que são: *ratsa raw*, que serve para ninguém lhe panemar; *awa tewshe*, que com ela você pode assoprar nas pegadas da anta para encontrá-la dormindo ou perto.

A preparação para a caçada

Para fazer a caçada, os caçadores se preparam seguindo os costumes de antigamente e passam pelo mesmo processo de regulamento. Não podem de modo algum descumprir nenhuma regra. Se isso por acaso acontecer, a pessoa fica completamente azarada para matar qualquer espécie de caça. Além disso, tem como tradição e crença de serem perseguidos por serpente. De manhã, bem cedo, cada caçador segue sua direção à procura de caça e só chegam pela parte da tarde. Também durante o dia é proibido a qualquer pessoa dormir. Se dormir, ninguém mata nada. As carnes das caças são salgadas com sal, outras moqueadas, ou seja, assadas na quentura das brasas do fogo.

A caçada é, de fato, uma disputa de quem mata a maior quantidade de animais grandes. Para isso, realmente acontecer é preciso que cada caçador passe por alguns processos.

Às três horas da manhã, o caçador acorda e pede para que a sua mulher, ou *yushã*, como é conhecida pelos Yawanawá, que se levante e prepare a caiçuma de macaxeira ou milho em uma boa quantidade de água, se possível, bem fina. A caiçuma é conhecida na língua materna de *mãmã sheki* ou *atsa mãmã*. O nome oficialmente conhecido é *matxu*. É preciso beber uma boa quantidade de *matxu*, até que sua barriga não agüente mais. Em seguida, um outro antigo caçador e matador de muitas caças deve lhe aplicar dez, vinte, trinta ou mais injeções de *kapu* nos braços, nas pernas ou, se preferir, pode ser também no peito e na barriga. A injeção é uma pequena queimadura nos lugares preferidos da pessoa com um pedaço de cipó, conhecido como *sheu*. A cada queimadura, o caçador vai imitando o som da voz do veado, do porco da mata e outros animais se assim quiser. Isso é porque quando você vai caçar, os animais te acham e correm. O porco da mata é conhecido por *unu* e o veado é conhecido por *txahu* ou *katsu*. Já queimado com o cipó, é retirada a pequena pele queimada dos lugares escolhidos e colocado, em cima, o leite do *kapu*. Em 30 segundos, o caçador começa a sentir a pressão do *kapu* e tudo o que bebeu de *mãmã* se provoca ou vomita. A pressão é tão forte que, em muitas ocasiões, o caçador cai sobre o solo e não consegue levantar para vomitar em pé.

O *kapu* tem dois tipos de leites: aquele retirado dos braços, das pernas, barriga ou lados, e o da orelha chamado de *istũku*. O leite mais poderoso e forte é o que está ao lado da orelha do sapo. O mais fraco é o que fica nos braços, pernas e ao lado da barriga. Para os Yawanawá, tomar o leite do *kapu*, significa ter boa saúde espiritual, física, mais

disposição nos trabalhos do cotidiano. Você se apodera de grande sorte para matar caças e fica sempre esperto em tudo. Os Yawanawá acreditam que o *kapu* protege quem toma de várias doenças, às vezes até cura algumas enfermidades. Ainda, o caçador não deve dormir com sua mulher e nem comer nenhum tipo de doce. Nesse processo, o caçador retira da mata as principais folhas ou plantas medicinais para seu uso individual que servirá como sorte e proteção nos seus períodos de caçadas. Os tipos de folhas são *unu rare, tete tapãñã, asĩ tae vata, rare nixi, asĩmã rare, katsu ãnavi, hukajmi, ijmi tewshe, meyu, wãñĩ tsitsisi, tete veshzmi, sawa, awa yunu, shehõ kati muka, shuma sasa e katsa raw.*

Para que serve cada folha

Katsu ãnavi

Folha usada somente para matar o veado. Sua folha deve ser bem machucada e passada em todas as partes do corpo, assopra-se e durante o tempo todo da caçada, se faz o mesmo nos lugares onde se encontra pegadas de veado. Pode comer doce e dormir com mulher.

Ijmĩ teushi

Arranca a planta, corta o caule e deixa com a raiz. Após ser bem lavada, o caçador mastiga pequenos pedaços e engole a saliva. O gosto é igual a fel, é bem amargoso. É usado para amargar o corpo do caçador e traz sorte para todas as espécies de animais. Seu corpo amargo têm o poder de proteger das cobras venenosas.

Meyu

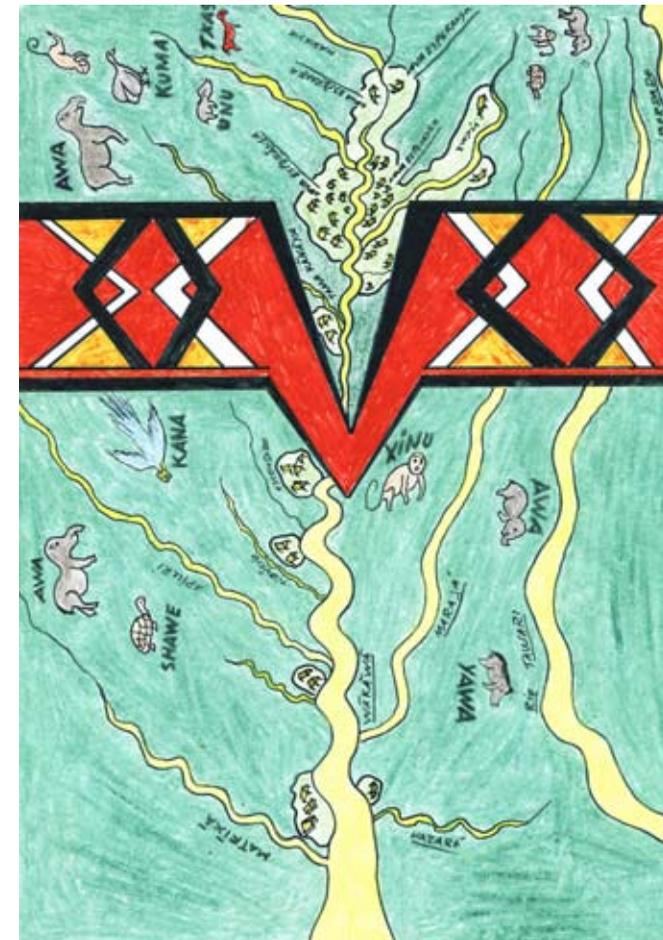
Serve para amargar o corpo e o sangue do caçador. Protege das serpentes venenosas e outros insetos. Sua casca é raspada do pé, deve ser bem machucado em uma pequena quantidade de água. Seu gosto é amargo, igual ao fel. A dieta para quem bebe o *meyu* dura até 15 dias e, nesse período, o *meyu* tem o poder de tirar todo o azar do caçador. Não deve dormir com mulher e nem comer doce.

Wãñĩ tsitsisi

É aplicado o leite da folha nos olhos do caçador. A dor do leite aplicado, dura no máximo 2 minutos. Tem que ser aplicado por uma pessoa que mata bastante caça. Segundo a tradição, a sorte dos caçadores experientes passa para você. Seus olhos ficam espertos e enxergam melhor a caça em longa distância. A dieta dura três dias e, se quiser, demora um pouco mais. Não deve comer doce.

Tete veshzmi

Retira-se do pé cinco ou seis folhas, que são machucadas. A água da folha machucada é colocada nos olhos. A dieta dura três dias. Não deve comer doce e, segundo o seu mito, assim como os gaviões abaixam para olhar todos os lados para ver os animais, o caçador faz o mesmo quando estiver caçando dentro da mata.



Localização
das caças.
DESENHO: ALDAISO LUIZ
VINNYA YAWANAWÁ



Sawa

Sawa. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

Sua dieta demora trinta dias. Não pode dormir com mulher, comer doce e nem passar diante de mulheres grávidas. A folha deve ser bem machucada junto com um pouco de água. O caçador deve beber a folha machucada e precisa ficar completamente isolado das pessoas. Caso não se cumpra o resguardo, nascem tumores em toda parte de seu corpo e o azar continua na pessoa. Sua sorte é exclusiva para matar anta.

Shenũ katimuka

Pega a folha, machuca e bebe o líquido. É apenas um complemento para acompanhar demais folhas no período da dieta e dá sorte para matar porquinho, veado e anta.

Biraci Yawanawa mostrando erva tradicional. FOTO: TERRI AQUINO



Awa yunu

Fortíssima folha que o caçador usa para matar anta e que serve para todos os animais da floresta. Somente o caçador é que pode tocar na folha. Ao chegar ao local adequado, o caçador coloca numa vasilha e deixa ferver. Após 10 minutos, retira do fogo e leva a um local já preparado, onde ninguém pode se aproximar e nem ver. O caçador toma banho 3 vezes ao dia e o resguardo é de 30 dias. Durante o período, não pode beber água, nem doce, nem tocar em mulher. A mulher que estiver grávida não pode ver o caçador que está fazendo o resguardo. Ao completarem os 30 dias, o caçador precisa tomar banho com uma espécie de barro chamado *mapu*. Após isso, o caçador já está empossado de muita sorte para matar a caça, como também dar sorte para as mulheres. A folha é tão forte, que quando passa por esse período de banho de folhas, o poder chama a mulher e a obriga a procurar o caçador. Após a conclusão dos 30 dias em diante, quem cumprir o resguardo ficará sempre com sorte para matar caças.

Hukajmĩ

Ao rastejar uma caça, o caçador pega a folha, machuca nas mãos e assopra em cima das pegadas. Isso é para que o animal não vá longe e o encontre dormindo. Serve para matar anta, veado e porquinho. Ao passar o *hukajmĩ* sobre o corpo, os animais da floresta não sentem o seu cheiro.

Shuma sasa

Uma folha usada junto com *awa yunu* para matar a anta, um complemento para o banho do caçador. Utilizado em complemento para que ninguém lhe paneme através da carne; e *tete tapãñã*, uma outra folha para dar sorte em caças menores, como o veado e porquinho. A mistura dessas folhas fortalece uma sorte jamais vista pelos caçadores. Assim como a sorte é para caça, o efeito atinge até as mulheres que você nunca esperou em sua vida. Ao iniciar o banho, o caçador aguarda 7 dias para começar a caçar dentro da mata. Chegando os 7 dias, o caçador vai caçar com muitas expectativas de encontrar a primeira caça para matar e chegar cedo em seu acampamento. Em muitas situações a sorte já se empossa do caçador e, realmente, ele começa a matar a primeira caça prevista pela folha, que é a anta. A partir daí, o caçador já tem direito de matar as caças menores, como o veado, a queixada, o caititu e outras conhecidas como as embiaras. As embiaras são: a cutia, a paca, o tatu, o jabuti, o jacaré, o nambu, o jacamim, o jacu e

outros. Quando os caçadores fazem a tentativa de matar as caças maiores e não conseguem, restam como única alternativa as caças menores.

Segundo os conhecedores dessas experiências do uso de folhas, é preciso acertar a pontaria na primeira caça que encontrar, e isso é para dar sempre sorte de matar qualquer caça no primeiro tiro. Caso não acerte, pode trazer o azar e jamais conseguirá matar aquela caça que errou no tiro. No período do banho, o caçador tem bons sonhos para matar as caças e quando a folha vai envelhecendo dentro da panela e começa a dar um cheiro podre, aí é que está o poder da folha para dar sorte em você. Quando a água que está dentro da panela for secando é preciso colocar uma nova água morna para que não deixe faltar. Ainda no período do banho, o caçador sempre leva alguns sustos e não pode se assombrar, isso é o espírito e o poder da folha que está o acompanhando. Sempre aparece em visão algo parecido com alguém ou caça nesse processo. O caçador não pode tocar em alimentos quentes, nem se aproximar da temperatura do fogo e nem fazer comida. Portanto, tem que ter alguém para preparar seus alimentos. No decorrer de duas semanas, o caçador já perdeu o peso do corpo e está bastante desnutrido. Também já se acostumou a não tomar água pura durante o dia. O caçador também não sente fome e a sua concentração é apenas para matar caça. Nos momentos em que está desocupado no acampamento, tem que trabalhar, fazer algum tipo de artesanato, para que o tempo ou o dia possa passar rápido.

Ao terminar o resguardo, o caçador precisa tomar um banho com um tipo de barro conhecido como *mapu* e, a partir desse banho, já está liberado para voltar à vida como era antes. Esse tipo de resguardo ele pode fazer individualmente, em sua própria casa ou onde escolher.

Katsa Raw

Usado junto com *awa yunu* para o banho do caçador. Serve unicamente para o caçador não voltar a ser panema (azarado).

Meyu

Tira todo o azar do caçador e segundo o conhecimento tradicional do povo Yawanawá, serve para amargar o seu corpo e sangue. Isso é para nenhuma serpente conseguir mordê-lo, assim também como outros insetos que têm veneno. O seu gosto é bastante amargo. Machuca e bebe o líquido.

Unũ Rare

Usa a folha machucada com as mãos e passa em todas as partes do corpo quando for para a caçada na mata. Ao caminhar, o caçador vai assoprando em direção à sua caçada. Dentro da mata, ao encontrar algumas pegadas do caititu, o caçador pega o *unũ rare*, machuca e assopra na direção em que forem as pegadas. O uso dessa planta é exclusivo para o porco da mata (caititu).

Tete Tapãna

Usa a folha machucada em todo o corpo. Dentro da mata, assopra-se na direção em que forem as pegadas. Não tem dieta. Pode comer doce e dormir com mulher. Serve somente para matar o veado.



Tete tapãna sttho.
DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



Sttho asĩ tae vata. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

Asĩ Tae Vata

Arranca a planta, raspa a raiz, molha com um pouco de água e coloca o líquido nos olhos. Essa planta é usada para matar o porco e o veado. Os animais são encontrados na mata em frente ao caçador e o primeiro tiro precisa acertar e matar o animal. Se não matar o animal, o azar volta para o caçador. Nesse período, não deve comer nenhum tipo de doce e nem dormir com mulher. A dieta dura até quinze dias.

Rare Nixi

Essa folha é utilizada para o caçador matar o veado ou porco da mata. No uso da folha, é proibido comer doce e dormir com mulher. Seu preparo pode ser feito machucando a folha em um vaso com um pouco de água e ser bebido em seguida. Também pode ser usada machucada na mão para perfumar todo o corpo com a folha.



Rare nixi. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

Asĩmã Rare

Sua folha é utilizada para matar somente o veado. Machuca a folha com as mãos e passa no corpo inteiro. Durante a caminhada para a caçada deve assoprar na direção em que vai. O caçador também pede secretamente em palavras, de que forma vai achar ou matar o veado. Para os antigos Yawanawá, essa folha tem o poder espiritual e não deve falar ou pedir de forma errada, não deve pensar de maneira negativa. O sumo é utilizado no olho e o resguardo é de trinta dias. Utilizado no corpo, o resguardo dura apenas quinze dias. Não obedecendo a dieta, se comer doce ou dormir com mulher a pessoa é perseguida por serpente venenosa até mordê-la. Caso não mordam a pessoa perseguida, outras pessoas da aldeia são perseguidas e mordidas por cobras.

Outros preparos usados pelos caçadores além do *kapu* e as plantas, tem sido uma pequena bolinha retirada do intestino dos animais por nome de “maçã”. Nem todos os animais têm a “maçã”. Para encontrar uma caça com esse tipo de mistério têm que ter muita sorte. É muito difícil. Somente o veado, a anta e o porquinho é que têm esse tipo de “maçã”. Mas o objeto tem que ser bem guardado e ninguém pode descobrir. Se alguém souber, perde a validade e a sorte também acaba.

Quando o caçador está com imensa sorte os animais encontram com você e não correm, ficam completamente lesados, não sentem o cheiro e não o enxergam. Enquanto isso, o caçador fica bem esperto, anda bem devagar, sem fazer o barulho, e em pensamento está sempre vendo algum animal.

Na terra indígena Yawanawá, os animais que existem com fartura são: macaco preto, anta, veado, porquinho, queixada, capelão, macaco prego e macaco de cheiro. As espécies como o jabuti, a paca, o jacaré, a capivara, o mutum, e kujubim estão desaparecendo devido à grande procura para o consumo.

As caças mais apreciadas

Durante o dia, há uma grande expectativa pela volta dos caçadores, muitos querendo saber, no período da tarde, quem é o vencedor daquele dia. Chegando o primeiro caçador com a caça, logo as mulheres tiram o couro do animal e preparam a comida para os demais que virão depois. A carne é assada na brasa e servida acompanhada com o vinho de patoá (isa) ou abacaba (kehu isã). A combinação desses alimentos é apreciada pelos Yawanawá. Ao chegarem todos caçadores, logo apresentam o resultado final das caças adquiridas durante o dia. E no final da tarde, os caçadores contam seus roteiros de caçadas feitos nos igarapés e seus afluentes.

Dentre os animais, as caças mais procuradas pelos Yawanawá são as queixadas, a anta, o veado e o porquinho. Os animais como a nambira, o tamanduá bandeira, a preguiça, o gato maracajá, as onças pretas, vermelhas e pintadas, o macaco cairara, o paruacu, o soim e a lontra são os tipos de caças que os Yawanawá não comem. Isso porque os animais como o macaco cairara

Capiro Yawanawá tirando couro do veado. FOTO: TERRI AQUINO



Caças FOTO: TERRI AQUINO



e o soim, se alguém comer pode contrair o problema da loucura. Enquanto que os outros são considerados imundos para a cultura Yawanawá.

Durante as caçadas, os caçadores Yawanawá costumam não esquecer das encomendas feitas pelas suas esposas ou filhas, que é de trazer para elas o nambu galinha, o jacamim, o jacu e o tucano. São as aves de preferência das mulheres. Quando os maridos chegam das caçadas, as mulheres já separam as aves para o seu alimento individual.

Dois espécies preferidas e consideradas importantes são o kujubim e o mutum. Se alguém matar uma dessas espécies, ao chegar no acampamento tem como dever entregar ao chefe da aldeia. Como a ave é especial e rara, o chefe tem que levar para sua casa e pedir que a sua esposa prepare a comida. Quando tudo estiver pronto, o mesmo convida as pessoas mais ilustres da aldeia para comerem juntos. Os ossos das asas dessas aves servem para fazer o kuriti, objeto usado para o rapé.

Caçadas noturnas

As caçadas noturnas são feitas por duas ou três pessoas. Isto é, dois encarregados e um caçador com lanterna. Horários de caçadas são das oito às três da madrugada. Todos têm que ficar acordados durante a noite e chegam apenas pela manhã em suas casas.

Caçadas saindo de casa

O caçador acorda às cinco horas da manhã e carrega seus cartuchos, pega sua espingarda e entra para a mata. Se estiver com mais sorte, chega em casa mais cedo ou acaba chegando apenas pela parte da tarde em casa.

Embiaras. FOTO: TERRI AQUINO



As pescarias



Pescaria comunitária. FOTO: TERRI AQUINO

Tipos de pescarias

Pescaria de *Āna Shuku*

Quando o verão está bem forte e os lagos começam a secar, o cacique da comunidade convida todos os homens da aldeia e fala a respeito da pescaria em um determinado lago cheio de peixes. Após alguma troca de idéias, cada família se responsabiliza em tirar o leite de *Āna Shuku*. Em outro dia, bem de manhã, saem de suas casas, em grupos de três ou quatro pessoas para os lugares onde tem as árvores conhecidas como *Āna*, para extrair o leite chamado de *Shuku*. (uma lata refere-se a dois litros de leite). Juntando uma boa quantidade de *Āna Shuku* (80 a 100 latas), o cacique comunica a todas as pessoas para irem à beira do lago. Antes disso, os homens preparam suas flechas, arcos, zagalhas e coxos. O coxo é um pedaço de uma palmeira cavada, tipo uma canoa, e serve para ficarem dentro para pegar o peixe no lago.

Ao chegarem no lago, os homens fazem seus acampamentos, construindo os tapiris para que a chuva não os molhe durante a noite ou durante a pescaria. Tiram bastante lenha para suas mulheres ou mães fazerem suas comidas e moquearem os peixes pescados. Ainda carregam suas canoas para dentro do lago. Tudo tem que ficar pronto para o dia

Homens Yawanawá colocando a canoa dentro do lago- preparação para a pescaria. FOTO: INGRID WEBBER



seguinte. Ninguém pode chegar atrasado para a pescaria e nem no dia da pescaria. Se isso acontecer, azara a pescaria e acaba não morrendo nenhum peixe. As mulheres que estão menstruadas também não podem participar da pescaria, pode dar azar se ela for pelo menos à beira do lago. No dia seguinte, de madrugada, o cacique desperta todos os homens do acampamento e reúne na beira de uma fogueira. Começam a falar de histórias do passado e contos. Trocam idéias para o plano da pescaria e das famílias ali presentes. Quando o dia amanhece é selecionado quem vai sair de canoa para derramar o *Āna Shuku* dentro do lago. As pessoas escolhidas têm por obrigação derramarem todo o leite em lugares que estão as águas do lago e não podem pegar o peixe enquanto não chegar a hora liberada pelo cacique ou a pessoa responsável pela pescaria. Concluído o derramamento do *Āna Shuku* no lago, sobem todas as pessoas para a terra para aguardar a chamada. Enquanto isso, todos já organizam suas canoas para sair e pegar o peixe. Chegando a hora certa, o cacique comunica com um grito para as pessoas pegarem o peixe. Todos saem e iniciam a procura dos peixes mortos pelo *Āna Shuku*. As pessoas passam o dia todo pegando o peixe. Os peixes levados são entregues às mulheres, que são responsáveis por moquear os peixes e também escamar ou salgar. Quando alguém cozinha o peixe, o chefe de família convida seus companheiros para comerem juntos. Uns voltam para suas casas no mesmo dia, outros vão embora somente no outro dia. Como de costume, cada pessoa que pegou peixe dá um ou dois peixes para o cacique. Os peixes adquiridos levam cerca de uma semana servindo de alimentação para toda a comunidade.

Pescaria de *Puykãmã*

Pela manhã, o cacique da aldeia reúne todas as pessoas que têm o *Puykãmã* e divide em grupos de cinco a sete pessoas para juntarem nos roçados. Ao juntar, combinam o local onde tem mais peixe e todos seguem na direção do local indicado. Para a pescaria no rio vão as crianças, os velhos e velhas. Chegando na beira do rio, cava-se um pequeno buraco na areia, em terra enxuta, para pisar o *Puykãmã*. É preciso que esteja bem pisado para que tenha condições de matar os peixes. Quando o *Puykãmã* já estiver todo pisado, as crianças juntam numa vasilha e levam para o ponto certo onde tem peixes. Todos os homens machucam dentro da água. Terminada a pescaria, cada pescador tem que dar um ou dois peixes ao cacique e este divide entre os donos do *Puykãmã*. Na pescaria, algumas regras têm que ser cumpridas, como: não pode pegar o peixe perto das mulheres, as crianças não podem pegar o peixe perto dos mais idosos

ou idosas. As mulheres que estão menstruadas não podem participar da pescaria e, se ela participa, pode dar um tipo de azar e os peixes não morrem. Os homens que tiverem suas mulheres com bebê recém-nascidos também não podem participar da pescaria. Os rapazes, de acordo com a tradição, são obrigados a dar peixes às mulheres que tenham filhas solteiras.

Pescaria de Ikiti

Quando chega o verão, os rios vão baixando e a sua grande quantidade de água, suas cores, vão se transformando em claras e transparentes. É época também em que estão subindo as piracemas de peixes como o piau, o surubim, a curimatã, o peixe lenha, o jaú, o pacu, as piabas e os mandins. É chegado o tempo das grandes pescarias de mergulho, onde as famílias se reúnem nas grandes praias do rio Gregório. A pescaria do ikiti dura até uma semana. Os peixes pegos pelos mergulhadores são o surubim (*ixixiwã*), o jaú (*wākāwã*), o bode-escova (*ipũã*), o peixe lenha (*kesi vãy*); bode marajá (*ixkĩmãwã*) e o cuio-cuio (*taya*). Os peixes pegos de mergulho chegam a pesar até 100 kg.

Durante o dia, há uma concorrência entre os mergulhadores de quem vai pegar mais peixe do que o outro. Cada família ou casais constroem seus acampamentos da forma que desejarem e as coberturas são feitas com a palha de tacanã, conhecido por nome de *waka tawa*. Não há um local específico em que vão dormir e nem hora em que vão parar de mergulhar. Ao findar o dia é que se escolhe a melhor praia para instalarem os acampamentos.

Os alimentos são preparados por cada família. Na hora de comer, as comidas prontas são trazidas para um único lugar. O chefe convida todos os homens para participarem da comida servida e agradece às mulheres por colaborarem no preparo dos alimentos. No período da pescaria, as mulheres assumem uma atividade importante, que é cuidar responsabilmente dos peixes pegos. Ao completarem os dias desejados para a pescaria de mergulho, as famílias retornam para a aldeia. Na aldeia, o chefe divide as carnes dos peixes para todas as casas. No final da pescaria, o melhor mergulhador é aquele que consegue pegar a maior quantidade de peixes que os demais.

Nem todos os homens são bons para pegar peixes, precisa de uma habilidade. Os mergulhadores Yawanawá conhecem os segredos de como pegar os peixes e os lugares onde existem os peixes grandes. O

mergulhador precisa ser rápido e com bastante fôlego dentro da água. É preciso ter muita coragem para mergulhar nos poços fundos e perigosos. Os lugares apropriados para mergulho são locais de remansos, ou seja, os lugares fundos, os lugares de poços e os lugares onde têm bastante pausadas (lugares de muito pau caído dentro do rio). Nos lugares de muito peixe, o mergulhador precisa ter muito cuidado ao entrar dentro da água, porque junto com os peixes estão o jacaré, a arraia e o poraquê. Esses são os protetores dos peixes e sempre estão juntos com os grandes peixes. Não é recomendado aos mergulhadores inexperientes mergulharem juntos. Eles podem cometer acidentes com seu companheiro. Podem bichar o companheiro pensando que ele é um peixe qualquer.

Mulheres Yawanawá tratando os peixes. FOTO: INGRID WEBBER



Papo de Índio

TAXAI TERRI VALLÉ DE AQUINO • MARCELO PEDRAMITA/AGÊNCIAS

“Pra não dizer que não falei de flores”

Antes de iniciar o papo de hoje, quero pedir encarecidamente a todos os (e)leitores acreanos de boa vontade que nos ajudem a eleger o professor Binho Marques para bem governar nosso estado nos próximos quatro anos.

O projeto do “governo da floresta”, bem testado no Acre nos últimos oito anos, tem que continuar e até se aprofundar ainda mais no rumo dos altos rios de nossas fronteiras. Não podemos deixar que os arautos do modelo da “rondonização do Acre”, baseado na destruição da floresta e na expulsão de suas populações tradicionais e indígenas, governem a nossa terra. Temos que seguir nosso próprio caminho em busca do desenvolvimento sustentado, que preserve a natureza e valorize a nossa rica sócio-biodiversidade. Não podemos importar experiências que definitivamente não deram certo na Amazônia. Deste ponto de vista, “o Acre não se troca” mesmo.

Conheço o Binho Marques há mais de 25 anos, desde quando ele, ainda muito jovem, estudava na UFAC, fazia teatro em Rio Branco e ajudava a pensar e implementar o Projeto Porongá, junto com o Chico Mendes e a antropóloga Mary Alegretti, com a finalidade de criar uma rede de escolas na floresta para ensinar os seringueiros e seus filhos a ler e escrever, fazer contos e, sobretudo, libertar-se do cativo dos velhos seringueiros e dos novos patrões de seringaais, os “paulestas”. Experiência muito

semelhante a que vinhamos realizando na Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) com o Projeto de Autoria, sob a orientação das professoras Nietta Monte e Vera Olinda, visando preparar os próprios índios para serem os administradores de suas cooperativas de borracha, os agentes de saúde e os professores de suas comunidades.

A experiência desses projetos de educação popular na floresta foi tão exitosa que deu surgimento ao Projeto Seringueiro e ao Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), no início da década de 80, e fortaleceu ainda mais o trabalho que a CPI-Acre iniciava junto às populações indígenas no estado.

Nos anos 90 e no início desse novo século e milênio, junto com o prefeito e depois governador Jorge Viana, Binho Marques fez uma verdadeira revolução na educação acreana, sem esquecer os seringueiros e os índios, cujos professores passaram a ser melhor preparados e novas escolas foram construídas na floresta. A educação é a base do desenvolvimento de nosso povo. E essa experiência deverá ser aprofundada ainda mais no próximo governo.

Como um florestão (não dá pra falar de cidadão na floresta) a quem ama a nossa terra e os índios, peço à Rainha da Floresta que ilumine a todos nós no dia 1 de outubro próximo para que possamos eleger o Binho ainda no primeiro turno. Se o Jorge Viana, nos últimos oito anos, zelou bem do Acre, sendo o governador melhor



Escola de Nova Esperança construída pelo secretário de educação Binho Marques no início de 2006; modelo a ser implantado em todas as aldeias indígenas no Acre nos próximos quatro anos

avaliado do país, o Binho Marques, nos próximos quatro, irá cuidar ainda melhor dos acreanos.

O papo de hoje é um presente de aniversário dos meus 60 anos que recebi do parente e amigo Biraci Brasil Nixiwaka, “governador” da aldeia Nova Esperança, onde esteve recentemente participando da segunda oficina de etnoconhecimento da Terra Indígena Rio Gregório. Trata-se de uma versão resumida do mito

de origem dos povos Pano, ou Nawa, segundo a tradição Yawanawá. Quero compartilhá-lo com os (e)leitores acreanos, na esperança de que possamos reconhecer o senador Tião Viana, este amigo de todos os acreanos, e eleger o professor Binho Marques governador do nosso estado. E, para calar de vez os falsos profetas dos desmatamentos e das queimadas, tem que ser logo no primeiro turno. (Txai Terri Aquino)

ticamente eleito no primeiro turno (“isso é bom para o Acre”), fico na torcida para que o Jorge Viana, quem bem cuidou de Rio Branco e do Acre por 12 longos anos, o ajude a governar o Brasil. Com raras exceções, e o nosso governador é uma delas, nossos políticos são ainda muito provincianos e não têm experiências executivas. Precisamos ajudar o Lula a governar bem o Brasil. Políticos menos partidos, mais interiores. (Txai Terri Aquino)

Mito de Origem dos Povos Pano

BIRACI BRASIL NIXIWAKA*

A história que vou contar agora para vocês, eu aprendi dos velhos pajés Tatá e Yawarani e do meu tio Raimundo Luis, líderes espirituais do povo Yawanawá. É uma história que eles também ouviram de seus pais e o que seus pais também ouviram dos pais deles. É uma corrente de informação que vem desde a nossa criação. Não é todos os Yawanawá que sabem contar essa história, porque essas informações a gente só aprende quando participa de uma formação espiritual. Então, para gente se formar numa liderança espiritual, num conhecido da espiritualidade do nosso povo, tem que buscar primeiro a nossa origem. Começar a história de onde surgiu o nosso povo. E saber qual é o dom e a vocação que nosso povo recebeu desde o início da criação.

O nosso Criador nos chamou de Nuke Sheni, que significa aquele que não tem nome, porque ninguém nasceu antes

dele. Sheni é o mais velho, o que nasceu primeiro. A gente também chama o Criador de Nuke Shuvima, que significa o mais antigo, aquele que nos fez nascer na Terra.

Contam os mais velhos que, de primeiro, existia uma gente muito antiga que vivia no céu. O nome dessa gente era Nái Sámuwita Ika, Nái Tumiruwa, Nái Katxaplu. São três e todos são gente do céu. Nái na nossa língua é céu. Pois bem, um dia os jovens de uma aldeia foram caçar e encontraram uma fruta caindo na mata, que nós chamamos de shekesh, o bacuri. O pé tava bem amarelinho, carregado. Ai um deles disse: “Vamos comer essa fruta”. Ai eles subiram na árvore pra comer bacuri lá em cima. No toco do pé de bacuri passava uma varedeia de anta. Ai a anta ia passando, olhou pra cima e viu os jovens comendo bacuri. Ela então perguntou: “O que vocês tão fazendo aí cima?” Um dos caçadores respondeu: “Nós estamos aqui comendo awa shuma shekesh”, que significa “a fruta



Nixiwaka colhendo folhas de kene kawa, chacrana especial para temperar o cipó uni do vinho sagrado da ayahuasca, no baixo Buriti situado nas cabeceiras do paranã Paturi, na TI Rio Gregório

do peito da anta”. Traduzindo ao pé da letra significa que “nós estamos comendo o bacuri do seio da anta”. A anta ficou mais alta, porque eles disseram que estavam comendo uma fruta que ti-

nha o nome do peito dela. Então, a anta, com muita raiva, deu um coice no pé de bacuri que jogou todos eles nos galhos mais altos de uma grande samaúma. Eles não tinham como descer. Então,

perguntaram: “E agora como é que nós vamos descer daqui?”. Eles pensaram e tiveram a ideia de se agarrarem uns nos outros até irem descendo devagarzinho, se rilando todo nos galhos e no

Papo de Índio

tronco da samaúma. Até que desceram tudinho. Eles ficaram com tanta raiva que decidiram matar essa anta. Ai, no dia seguinte, chamaram todo mundo para caçar a anta, que tinha feito isso com eles. Ai um velho falou: - “Eu não vou, não!”. Os jovens caçadores ficaram perplexos e não disseram nada ao velho teimoso. Foram rastejar a anta e a mataram. Esqueceram a anta e voltaram pra aldeia, cada um levando um pedaço dela.

Chegaram na aldeia, mas não subiram nas casas nem comeram, fazendo jejum como tivessem matado um ser humano. E como o velho não tinha ido matar a anta com eles, resolveram tomar a sua jovem esposa. O velho chateado disse: - “Então, vocês tão pensando em fazer essa desfeita comigo? Tá bom! Então, vocês me aguardem!”.

No outro dia, bem cedinho, o velho saiu sozinho para a mata. Saiu pelo caminho gritando, para ver se alguém respondia. Ele sorriu, gritou até que bem mais no interior da mata alguém respondeu. Ele se escondeu, olhou e viu uma pessoa. Ai ele flechou e a pessoa caiu e morreu. Ele espartilhado logo esse guerreiro e dentro dele tinha uma maçã. Ele pegou essa maçã, fez um cauí e guardou dentro da capangüinha dele. Rolou o pescoço e trouxe a cabeça. Quando chegou na aldeia, disse: - “Olha, vocês mataram uma anta, fazendo dieta como tivessem matado gente. Gente é assim, jogando a cabeça no meio do terreno. Ai todo mundo ficou admirado e com medo. Ai chamaram um outro velhinho da aldeia e disseram assim para ele: - “Você, que é mais velho de todos, vem olhar pra saber de quem é essa cabeça. Como o velhinho tinha sido criado pelo povo daquele guerreiro, reconheceu o rapaz e disse: - “Por que você fez isso com esse rapaz, ele e seus dois irmãos são os maiores guerreiros que existem no céu. Ninguém vai se livrar dele nessa terra, não. Vocês podem ter certeza que essa morte dele será vingada. E eu já vou me embora”. Ai o velhinho desatou a redinha dele, chamou a velhinha dele e foram se embora, abandonando a maloca.

O velho que matou aquele homem também fugiu e se escondeu na mata, não ficou mais ali. Ele foi para outro canto e ficou lá escondido, mas levou a maçã com ele. Nái Sámuwita Ika era justamente o nome daquele guerreiro do céu que o velho ranzinza matou. Ai só ficaram vivos Nái Katxa Puhin e Nái Tumiruwa, seus dois irmãos. Os mais velhos dos irmãos guerreiros foi justamente aquele que o velho matou. Daí começou a história da primeira guerra entre os povos indígenas.

Esse velho ficou então escondido no meio da mata. Ai ele fez um tapiri e guardou a maçã dentro de uma malentina de palha chamada de hunã na nossa



Biraci Brasil com caçadores e pescadores Yawanawá no acampamento de caçada e pesca no igarapé Bacuri, afluente das cabeceiras do Paturi, um dos principais paranã da margem direita do alto rio Gregório

língua. Altas horas da noite ele escutou aquela malentina balançar, girar, fazendo um som assim txikere, txikere, txikere! Um som de uma coisa que tá girando. Ai ele foi e abriu a malentina e olhou dentro e viu que tinha um cocar, começando assim a criação dos povos Nawa. “Nawa Vakehu Uni Unika”, quer dizer, “a criação dos povos Nawa, dos filhos Nawa”. Dentro dessa malentina ele tirou um cocar de penas de arara. Esse cocar simbolizava a criação, o surgimento do povo Arara. “Shawánawa Vakehu, Shawá ruri maiti”. Ai ele fechou e pendurou a malentina no mesmo lugar.

Logo depois, viu a malentina girar de novo, fazendo o mesmo barulho. Foi lá de novo e abriu a malentina. Lá dentro tinha outro cocar de penas de japó, bem amarelinhas. Japó na nossa língua é isku. Aquela cocar simbolizava o surgimento do povo Iskunawa, Isku maiti, que significa cocar de penas amarelas do rabo do japó. Ele viu que esse cocar simbolizava o nascimento do povo do japó, Iskunawahu, Iskunawa Vakehu, que traduzindo seria os “filhos do povo do japó”. Ele deixou esse cocar no chão junto com o outro de pena de arara, e trocou a malentina de novo. Com pouco tempo a malentina começou novamente a girar. Foi lá, abriu,

olhou e tirou um cocar de couro de onça. Era o nascimento do povo Kamanawa Vakehu. Kamanawa é justamente um clã do povo Katukina, nossos vizinhos. E assim ele já estava se acostumando com o surgimento desses cocares. Tirava o cocar da malentina e ela novamente começava a girar e fazer barulho. Ele ouviu de novo e foi lá. Abriu e viu um Yawarani maiti, um cocar do couro de queixada, daquele cabelo bem grosso que tem no pescoço da queixada, simbolizando o surgimento do povo Yawanawá, como somos conhecidos hoje. E assim foi gerando todos os povos Pano que conhecemos. Surgiram depois os Peirynawa, como eram chamados antigamente os Poyanawa. Depois apareceram os Shanenawahu. Os Shanenawa, desde a história da nossa criação, era como a gente chamava o povo hoje conhecido como Kaxinawá. Desde a nossa história da criação os Kaxinawá são os Shanenawahu, que significa “o povo do pássaro shane, que é todo azul”. Assim como o nascimento do povo do japó, Iskunawahu, Iskunawa Vakehu, que traduzindo seria os “filhos do povo do japó”. Ele deixou esse cocar no chão junto com o outro de pena de arara, e trocou a malentina de novo. Com pouco tempo a malentina começou novamente a girar. Foi lá, abriu,

chama Shanenawa, nós conhecemos muito bem. Esse pessoal são oriundos do nosso rio Gregório, moravam ali no igarapé Paturi. Desde a criação conhecemos eles como Iskunawa e não Shanenawa, como atualmente se chamam. Shanenawa do tempo da criação são os Kaxinawá de hoje em dia. Outros povos pano do tempo da criação foram extintos como os Ushunawa. Este não existe mais. E assim foram surgindo os Shawánawa (povo da Arara), Rununawa (povo da Cobra), Ushunawa (povo da Pele Branca), Kamanawa (povo da Onça), Waninawa (povo da Pupunha), Isanawa (povo do Grito), Varinawa (povo do Sol), Yawanawa (povo da Queixada), Shanenawa (povo do Pássaro Azul), Peirynawa (povo do Sapo Cururu), Kapanawa (povo do Quatipuru), Marinawa (povo da Cutia) e Rununawa (povo da Cobra).

Voltando à história da criação. Depois que saiu todos esses cocares, ai a malinha começou a girar de novo: txikere, txikere, txikere! Cada vez com mais velocidade. Ai quebrou a corda e essa malentina caiu no chão, quando ela caiu no chão, abriu-se um buraco na terra. Era como se fosse nascendo da terra todos os povos Pano. Saíram de dentro da terra e iam pegando cada qual o seu cocar (maiti), o seu chapéu. Ai já eram pessoas mesmas. Então, surgiram todos esses povos Nawa, ou Pano, como se diz. Um deles começou a falar: - “E agora, cadê quem nos criou? Nuke Shuvima, Nuke Shuvi. Cadê o nosso criador? Vamos procurar”. O velho quando viu tanta gente assim, logo se escondeu atrás da maloca, que nós chamamos Shuhuwá. Ele ficou com medo, porque viu muita gente surgindo de dentro da terra e colocando os seus chapéus. Ai eles saíram procurando, até que acharam o velho e disseram assim para ele: - “Você que nos fez surgir nes-

sa terra, agora nos ensina como viver nela. Ensina como nós devemos caçar, pescar, curar as doenças, como zelar da nossa gente”.

Cada povo Pano que surgiu ali trouxe um dom da criação. O Criador deu uma vocação especial a cada um deles. Nós, por exemplo, os Yawanawá somos Yuvewa Vakehu Shuvia, ou seja, aquele povo que trata as doenças cantando, só com a voz, sem uso de instrumentos musicais. Então, os Yawanawá são um povo que tem o dom da cantoria e das rezas cantadas. E também tem a vocação de tratar com massagens, shuyui. Com isso, já nascemos com o dom de curar com os cantos, as rezas que vêm desde o tempo da criação. Agora, Vana Upia, esse é dos Kamanawa, um clã do povo Katukina. Kamanawahu é um povo que nasceu com yanaya, com espírito de pajé tradicional mesmo, da susuri, a cobra d'água que gosta de viver nos baixos, nos buritizais inundados, nos igapós e até mesmo no rio e igarapés maiores. Entre esses Panos têm os são mais próximos e outros são mais distantes. Então, os Kamanawa foram os que nasceram realmente com o guia espiritual da pajelança, que nós chamamos yanaya, yanaya upia.

Já os Kaxinawa, os antigos Shanenawa do tempo da criação, são conhecidos desde então como Nipuya Vakeahu, Nipuya, porque eles são conhecedores de forças medicinais da floresta, que são muito poderosas. Tem outro povo chamado Sainawa que também nasceu com o dom do grito, da animação em suas festas tradicionais. Sai é grito e nawa é povo, gente, ser humano.

E assim surgiram todos esses povos Pano. Que a gente fale assim: Shuvia kahuu, aqueles que vem da origem. Esses daí são povos mesmo. Tem alguns outros que já são subgrupos desses aí. Já foram apelidos que receberam depois da criação. Por isso que hoje tem nome como Kaxinawá e Marubo. Esses nomes não vêm do tempo da criação. São nomes dados por outros grupos Pano. Esse nome Kaxinawá é até pejorativo, quer dizer que eles comiam gente, seus próprios parentes mortos, por isso deram o nome de Kaxi que significa mocógo, ou vampiro. Mas o seu nome verdadeiro do tempo da criação é Shanenawa, povo do pássaro azul.

Essa história a gente só aprende durante a nossa formação espiritual. Não é coisa que se transmite numa reunião e no dia-a-dia, ou numa sala de aula, não. Os velhos pajés só nos contam essas histórias numa noite de cipó, ou quando estamos nos preparando para sermos os pajés de nossas comunidades.

* Liderança política e espiritual do povo Yawanawá da TI Rio Gregório, no município de Tarauacá/AC.



Confeccionando paneiros com palhas de quiriuri noas cabeceira do Paturi



Fátima, Samanda e Nani (ao fundo) em acampamento durante pesca comunitária.
FOTO: INGRID WEBER

Casamentos e moradias



Moradia Yawanawá na aldeia Escondido. FOTO: INGRID WEBER

Casamentos e moradias

Os rapazes que têm interesse em casar costumam ajudar na casa da mulher que está grávida, nos serviços da família de seus futuros sogros. Isso acontecia muito no passado do nosso povo. Ele ajuda a trabalhar no roçado, tirar lenha, caçar, pescar e até mesmo fazer a casa. Esses trabalhos e sustentos familiares fazem parte da confiança, do respeito que se quer conseguir de uma família, onde existam filhas solteiras ou aquelas que ainda estão na barriga da mãe. Nos casos onde o rapaz espera o nascimento de uma futura esposa, o nascimento de um menino faz com que todo aquele trabalho que ele teve fique em nada. Isso porque o rapaz não teve sorte.

Em algumas ocasiões, quando num casal a mulher fica grávida e o seu marido tiver sobrinhos, logo o casal chama um desses sobrinhos do marido e entrega a criança da barriga. Se a criança nascer mulher, o noivo já tem que começar a cuidar de toda a família da criança. Quando a menina completa três anos, já deve começar a dormir com o futuro marido. Por sua vez, o marido, para onde vai, carrega a sua futura esposa nos ombros e começa a ensinar os hábitos de um casal. A partir da entrega da menina para o esposo, os pais não se responsabilizam mais pela menina. E assim se constróem filhos e filhas dentro de uma comunidade Yawanawá. Todas as famílias são assim, não existem dúvidas e nem discriminação do casamento nas famílias do povo Yawanawá. Até os dias atuais, as meninas da família Yawanawá se casam a partir dos nove anos para cima.

O casamento permitido dentro da cultura é com os filhos de um irmão ou irmã do mesmo pai e mesma mãe. Quando esse tipo de casamento acontece, as famílias do casal abençoam e apóiam. Conforme os costumes tradicionais, o rapaz precisa morar junto com o sogro e a sogra. Ele passa a cuidar das atividades familiares e está sempre sob a orientação da casa do sogro. Quando um Yawanawá não mora junto com seu sogro e sogra é porque houve, portanto, uma concordância entre a família para que este pudesse morar onde quisesse.

Em qualquer casamento, é preciso comunicar ao chefe da aldeia, para que ele possa intermediar a conversa entre as duas famílias. O chefe da aldeia também é responsável para resolver qualquer problema que houver entre os casais. É comum um Yawanawá se juntar com duas, três e até mais irmãs. Ao nascer o primeiro filho, logo o pai da criança dá o nome do filho na língua materna, de preferência o nome de seu pai, de seu irmão, de seu tio ou avô. Se nascer do sexo feminino, recebe o nome da mãe, da tia irmã ou da avó. Assim, a mãe também faz o mesmo que o pai da criança. No

caso em que os pais são de etnias diferentes, cada um dá o nome aos filhos de acordo com a língua materna de seu o povo.

Famílias mistas entre os Yawanawá

CASAL DE ETNIAS DIFERENTES

Arara com Katukina	◇	Iskunawa com Arara
Arara com Ushunawa	◇	Iskunawa com Kaxinawá
Iskunawa com Yawanawá	◇	Katukina com Jaminawa-Arara
Yawanawá com Katukina	◇	Jaminawa com Yawanawá
Arara com Shanenawa	◇	Ushunawa com Yawanawá
Yawanawá com Shanenawa	◇	Ashaninka com Arara

Um casamento ideal

Pakã Shane é o pai da minha mãe e do pai da Fátima, que é minha mulher. Nossa avó é a mesma pessoa, então não tem muita coisa que deu trabalho, porque nós viemos da mesma família. O avô e avó são os mesmos, meu e da Fátima. Eles tiveram três filhos: dois homens e uma mulher e o único que está vivo hoje é o Yawarani que é o pai da Fátima e é o meu tio.

O Yawarani casou com a Dona Seya e teve Fátima, Roque e a Juliana. Então, meu pai, o velho Antônio Luiz, preferiu fazer o casamento da Juliana com um Arara velho, que é o seu Manoel Pequeno, hoje meu cunhado. E por ser a filha caçula, minha mãe pediu que o meu tio Vicente Yawarani desse a última filha dele para algum dos filhos dela. Esperaram que a Fátima nascesse, porque a Fátima nem existia ainda. E meu irmão mais velho nasceu, esperando já para casar com a Fátima e aí ele morreu. Ficou então para o segundo meu irmão, o Jorge. Mas como a Fátima ainda estava pequena, ele não esperou, casou com outra mulher. Aí fiquei aguardando para casar com ela. Nós nos juntamos e está aqui a nossa família.

Minha mãe e meu pai tiveram duas mulheres e cinco homens. Infelizmente, o mais velho morreu e as duas meninas. Nós somos só quatro

homens irmãos. Nós somos muitos irmãos, mas só por parte de pai, mas de mesmo pai e mãe somos poucos, só quatro irmãos. Através do nosso casamento já tivemos dez filhos, mas morreu uma menina e um menino. Temos cinco filhos vivos e três meninas que estão esperando se casar para constituir família. O nosso casamento foi um casamento preferencial, nós somos primos cruzados e somos de uma família respeitada. Esse tipo de casamento é bem desejado por cada Yawanawá. Se cada um tivesse esse casamento, as famílias seriam mais felizes, porque trazia a família mais para perto da gente e se criava esse grupo de consideração e respeito. Como não existiu sempre esse relacionamento e tratamento de casamento dessa forma, como a gente teve, muita gente teve problemas. Uns se casaram com mulheres de outro lugar, aí a mulher vai embora e leva os filhos ou arranja um nawá e vem o problema de língua. A mulher vai embora lá para o lugar onde ele mora e leva os filhos ou vai no fórum e denuncia o antigo marido para pagar pensão. Se criam esses pequenos problemas porque não foi um casamento legal. E alguns que não casaram com a sua prima, aqui e acolá são criticados pelo casamento que têm. Porque só assim a gente sabia que seria uma família feliz e um casamento permitido.

Logo quando eu me casei, o meu tio foi me buscar para eu trabalhar para ele. E a intenção, hoje, dos pais Yawanawá que ainda têm esse pensamento é que se construa uma família com muitos filhos. É essa intenção de criar uma grande família. E, também, com a intenção de ter o poder. Porque quem tem muita família, tem o poder. Mas também tem muita gente que está tendo muito filho, mas não está dando conta. Às

vezes porque não é um casamento legal, às vezes deixa a mulher. A mulher é de outro lugar, vai embora e leva os filhos. Mas, graças a Deus, como meu pai e minha mãe escolheram a minha esposa, está dando certo até hoje.

Com outros o casamento não deu certo. Até meu irmão mesmo já teve problema com a mulher. Deixou mulher, os filhos dele ficaram só. Quer dizer, o pai está ali perto, mas não tem o pai todo o dia ali dentro de casa, pra aconselhar, para dar sustento pra eles como o pai que se casa com uma mulher e está todo o dia ali caçando, procurando alguma coisa e sempre junto das crianças. Quem não têm relacionamento de casamento dessa forma, está ainda desejando. E quem tem, está desfrutando da felicidade que existe entre a família e o respeito.

Nani Yawanawá

As famílias e suas moradias

As casas das famílias Yawanawá são de modelos atuais, construídas de madeira serrada, alumínio e Brasilit. Algumas são cercadas e assoalhadas de paxiúba, com cobertura de palha de jarina, ouricuri e coção. No passado, as casas construídas tinham cerca de 20 metros de altura, em forma de círculo. Havia apenas a cobertura de palha e o assoalho era no chão. As madeiras da armação das casas eram colocadas no chão e findavam amarradas no teto da altura das casas. Essas casas eram chamadas de Shunu e eram ocupadas por uma ou duas famílias.

Moradias Yawanawá. FOTO: INGRID WEBER





Família da Elina e Ecilda. Aldeia Tibúcio/ Terra indígena do rio Gregório.
FOTO: TERRI AQUINO



Arte Sikū kene. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



Geré e Arlindo Yawanawá chamando-buzinando iniciando o Festival de Cultura Yawanawá.
FOTO: JOAQUIM TASHKA

O ressurgimento da arte e a valorização de conhecimentos e práticas tradicionais

Em 1997, quando eu retornei para a comunidade Nova Esperança, saindo da cidade, é que eu fiquei curioso e comecei a perguntar para o velho Raimundo sobre os cocares, como eram feitos antigamente, quem usava, quem não usava e o que significavam. Foi quando ele começou a falar para mim e vi que somente ele tinha esse tipo de conhecimento. Fiquei impressionado com o primeiro chapéu que o velho Raimundo fez.

Nessa mesma época, também, alguns jovens e lideranças, como o velho Biraci, começaram a entrar dentro da mata para fazer todo o processo para se tornar pajé. Parece que estourou tudo dentro da cultura Yawanawá, como se fosse uma coisa presa há muito tempo. A partir daí que a gente começou a sentir a necessidade do uso dos cocares, porque nós começamos a praticar muitas coisas que não se praticavam há muito tempo, como por exemplo, as festas tradicionais, as cantorias, o rapé, as pinturas corporais e faciais. Tudo era guardado pelos velhos, mas não se praticava nada, por conta das missões. Os religiosos, quando a gente se pintava para ir para o mariri, diziam que a gente estava se fantasiando para

ir para a festa do diabo. E então, com tudo isso, a gente ficou muito tempo reprimido. Embora com a terra demarcada, não se podia praticar, porque a maioria dos Yawanawá eram crentes e não podiam ser envolvidos com as questões do demônio.

A partir desse interesse de retomar o que era nosso, eu comecei a me inspirar para o primeiro chapéu. No primeiro que eu fiz fiquei todo perdido, porque não sabia as técnicas da costura e também os tipos de pena que eram colocados nos lugares certos. Aquele desejo me transbordou de tanto ouvir o velho Raimundo contar dos chapéus, de como eram feitos antigamente. E eu comecei a sonhar. Quando chegava alguém de outro povo, pedia para me ensinar a fazer os cocares, os tipos diferentes, os tamanhos que eram usados antigamente pelos Yawanawá. No passado, eles só colocavam as penas amarradas em volta de um cipó. Eu começava a fazer algumas anotações a respeito dos nós que se dava em cada pena, solta nas cordinhas.

Eu sonhava com os cocares e quando acordava começava a desenhar o chapéu que eu via no sonho, para não esquecer. Eu pensava: 'rapaz, será que foi esse tipo de chapéu mesmo?'. Foi assim que eu comecei a tentar fazer o meu primeiro chapéu de pena de gavião real. Ele era enorme.

Quando alguém me perguntava como eu tinha aprendido, eu respondia que um sonho me trouxe a inspiração. Fiz também um enorme chapéu de rabo de arara, inspirado pelo sonho. Ia fazendo novos cocares e mudando também o tipo de costura em cada pena. Ia me inspirando em fazer novas técnicas, de amarras, de nós, em novos modelos de costura. Comecei a ensinar em minha casa aos rapazes, às crianças. Fui levando os conhecimentos para escola também e as crianças foram aprendendo. Agora, todos usavam chapéu. Nessa mesma época, o velho Raimundo me disse assim:

-Eu acho que a partir do conhecimento que eu dei para você, você se inspirou mais. Você já ultrapassou os conhecimentos que a gente tinha do passado. Com relação a fazer cocares e chapéus, você está muito além.

Com o processo da pajelança e novos conhecimentos, a gente começou a ter mirações das pinturas. O pajé dizia como via as pinturas nas suas mirações e nós tentávamos fazer como ele falava. E isso ajudou bastante a gente a usar algo que não estivesse imitando de outro povo. Era uma pintura que estava surgindo a partir dos processos da pajelança. Eu sonhava com os pajés me ensinando e no sonho eu via eles me mostrando os tipos de desenhos corporais e faciais. E isso eu não esquecia mais, já ia colocando no papel. A partir daí, fui me tornando bem prático nos desenhos



Aldayso e Josimar fazendo lança. FOTO: INGRID WEBBER

corporais, que eram desenhos de animais, de cobras, tipos de cobras, tipos de borboletas, de lagartos. E para completar tudo, comecei a emendar uma pintura com outras pinturas, no formato de pinturas maiores. Percebi que as pinturas das mulheres não se misturam com as pinturas dos homens. Com isso, eu me tornei o melhor pintor corporal dentro da comunidade. E assim, fomos praticando, guardando e ensinando às crianças e às mulheres. A escola foi ensinando também e as velhas ficavam um pouco sentidas, porque nunca tinham visto um tipo de pintura.

Os Yawanawá não faziam nada na questão da arte, do cesto, da cerâmica, das armas, do arco e da flecha, da lança, da burduna. Eram coisas praticamente esquecidas, que não se faziam mais. A partir do momento em que a gente começou com as nossas práticas culturais, era que a gente começou a dançar, começamos a fazer as nossas festas e rituais, nós sentimos a necessidade de recuperar aquelas coisas que eram da nossa cultura realmente. Nós sentimos a necessidade de fazer aquilo que era contado. Os colares enfeitados com as penas, as pulseiras. Também o arco e a flecha, para a gente novamente começar a ensinar. Nós voltamos a fazer do tronco da pupunha “braba” madura as lanças de diferentes formas. Elas eram usadas para dançar, para fazer a demonstração de como se fazia nas guerras. Elas não eram para matar caça.. Sentimos uma necessidade de sair mais bonitos com as pinturas corporais nas nossas festas, de cada pessoa se sentir mais bonita do que a outra. Começamos então a desenvolver as pinturas corporais, artesanatos, os cestos.

Também tivemos muito forte a necessidade do uso da cerâmica. Ao invés da gente oferecer em nossas festas tradicionais uma caiçuma em vasos de alumínio ou de plástico, que era muito feio, nós decidimos que tínhamos que usar os nossos objetos. Quando o pessoal começou a fazer cerâmica foi engraçado, porque ninguém sabia fazer exatamente como os velhos faziam antigamente. Começaram a fazer com dois dedos de grossura, tortos, não dava para sentar. Com tudo isso, quem sabia fazer esses vasos foi ensinando às pessoas que estavam interessadas. E hoje, feio ou bonito, até as crianças estão fazendo. Todo ano, quando chega o verão, dão continuidade. E o uso da cerâmica, na comunidade, está fazendo com que um vaso seja muito mais do que um lugar para pôr caiçuma.

A produção de artesanatos Yawanawá como as cerâmicas, colares, brincos, saia de buriti, pulseiras, cestos, paneiros, tecelagem de palhas e tecelagens de algodão são de responsabilidade das mulheres. Os arcos, flechas, bordunas, saias de envira, cocares de pena, chapéu de taboca e bambú, lanças e vassouras são produzidos pelos homens.

Velho Yawarani mostrando prato em cerâmica. FOTO: INGRID WEBBER



Adornos

CHAPÉUS, COCARES, COLARES, BRINCOS, SAIAS E PULSEIRAS

Os nossos velhos contam que no surgimento de todos os povos indígenas, cada nação que ia aparecendo, ia surgindo com os cocares na cabeça. Por exemplo, os Iskunawa, já vinham com um cocar de japó na cabeça, um cocar de penas bem amarelas, os Shawãnawa, vinham com um cocar com penas de rabo de arara, os Urunawa, com um cocar de couro de jibóia e de cobra sucuri, os Yawanawá, surgindo com um cocar com couro de queixada, com pêlo de queixada. E assim também os outros povos. A partir daí, eu descobri que os antigos faziam diversos tipos de cocares, até os primeiros contatos com os brancos. Os cocares eram feitos de pena de gavião-real, arara e outras aves encontradas na floresta. As carnes serviam como alimento. Eles aproveitavam as penas grandes para fazer os cocares e as pequenas eram para os colares.

Tipos de cocares

Shãwã mayti

COCAR COM PENA DE ARARA

São cocares grandes, suas pontas descem até o peito. É recomendado que o uso desses cocares seja feito apenas pelos pensadores do povo ou lideranças. As mulheres não devem usar esses cocares. Esse cocar simboliza ser chefe de um povo ou um responsável de alguma atividade comunitária.

Vawa mayti

COCAR PENA DE PAPAGAIO

Esses cocares podem ser usados por jovens e mulheres.

Tumi mayti

COCAR COM PENA DE CURICA

São pequenos cocares feitos exclusivamente para crianças.



Nani e seu filho durante Festival de Cultura. FOTO: JOAQUIM TASHKA

Isku mayti

COCAR COM PENA DE JAPÓ

Todos os cocares de pena de japó simbolizam inteligência, sabedoria e espiritualidade. Somente o pajé é quem usa esse tipo de cocar, porque nele está todo o conhecimento tradicional do povo. Há uma relação de espiritualidade entre o pajé e o espírito desse pássaro. Jovens, crianças e mulheres não são recomendados a usá-los.

Ayamayti

COCAR COM PENA DE MARACANÃ

Esse tipo de cocar é usado por jovens, meninas, crianças e mulheres.

Tetepãwã mayti

COCAR COM PENA DE GAVIÃO REAL

São cocares exclusivos para chefes, lideranças e outros atores importantes do povo. O tamanho dos cocares é de um metro e meio e até dois metros. O tamanho da pena é de aproximadamente 40 a 50 centímetros de comprimento. Mulheres, crianças, adolescentes e adultos simples da comunidade não são recomendados a usar esses cocares. O gavião significa autoridade, poder, coragem, força e domínio.

Enesere mayti

COCAR COM PENA DE PAVÃO

É um cocar que pode ser usado por qualquer pessoa. Não têm nenhum mistério.

Pupuã mayti

COCAR COM PENA DE CORUJÃO

Um cocar simples e comum usado por todos.

Nawa ina mayti

COCAR COM PENA DE RABO DE PAPAGAIO

Cocar recomendado somente para o uso das mulheres.



Libiane Yawanawá. Terra Indígena do rio Gregório. FOTO: DJACIRA MAIA

Shāwã ina mayti

COCAR COM PENA DE RABO DE ARARA

Usado por jovens da aldeia.

Vixtu mayti- vixtu

COCAR COM PENA DE GARÇA

Além de sua rara beleza de brancura, é uma das penas bem procuradas pelos jovens Yawanawá. As mulheres também participam no seu uso. Sua cor transmite um sorriso de tranqüilidade e harmonia para quem o usa.

Nawa kãnu mayti

COCAR COM PENA DE MÃE DA LUA

As penas do rabo de Nawa Kãnu, sempre acompanham as cores das pinturas pretas do rosto das mulheres e somente é recomendado seu uso às mulheres e às meninas.

Paka maytil/ rewe mayti

CHAPÉU DE TABOCA E BAMBÚ

As habilidades se encontram nos velhos da aldeia para a produção de chapéu de taboca e bambú. O fogo contribui no aquecimento para amolecer a taboca e o bambu partido em bandas. Depois de estar bem quente, faz a curva do objeto e seus amarros para não sair da cabeça. As pinturas são trabalhadas pelos jovens ou mulheres nos chapéus. Nos rituais, somente as mulheres usam o chapéu de bambú e taboca.



Aldayso e Paulino Yawanawá usando cocar com pena de pavão real. FOTO: DJACIRA MAIA

Colares

São feitos de diversas espécies de sementes, dentes de macaco, jacaré, onça, gato, porquinho, queixada e penas de variadas espécies de aves. Os homens dão suas contribuições nessa atividade na procura das sementes quando vão em suas caçadas. As sementes são variadas e entregues às mulheres, que cuidadosamente classificam as melhores que vão servir para o colar. Algumas sementes duras são cozidas até ficarem bem moles para a passagem da agulha. Outras sementes não precisam cozinhar. Para que o colar fique mais bonito, as mulheres colocam pequenas sementes de várias formas. O que dá o acabamento final no colar são as penas de arara amarela e vermelha ou, se for de escolha, outras penas de pequenas aves. Os pequenos caramujos são usados para colocar dentro delas as penas. Os dentes de jacaré, macaco, porco, queixada, gato e onça são utilizados junto com as sementes.

Brincos

São feitos com penas de arara amarela, arara vermelha, pica-pau amarelo, bico de brasa, tucano, japinim, curica e maracanã. As mulheres são as responsáveis no feitiço de cada produto. O uso dos brincos acontece somente na época dos grandes eventos feitos pelo povo e é somente usado por mulheres.

Saia de casca de buriti e casca de tsaut ou vixu

Na produção das saias as crianças, velhas, mulheres, os jovens e homens da aldeia participam na elaboração. Os rapazes e crianças, assim como as meninas e mulheres adultas, vão até ao local onde têm o buritizal, conhecido por nome de *Vinũ*, tiram somente as palhas novas que estão nascendo do olho, retiram da palha os talos e as cozinham. Após uma hora fervida, retiram da panela e colocam sobre uma vara de madeira para escorrer toda água e enxugar. Já enxuta a palha, a família se reúne em casa para a fabricação das saias. O pai e a mãe são os orientadores dos mais jovens da casa, para não errarem na hora de amarrar os fios de

palha sobre a corda. Para fazer uma saia demora cerca de duas horas, no máximo, e isso depende muito da habilidade de quem as faz. O uso da saia de buriti do tamanho curto, pertence às mulheres e as compridas, na altura do mocotó, pertence aos homens. Existe também um outro tipo de saia conhecida por *Tsaut* e *Vixu*. Retira-se dessas árvores suas cascas e as colocam dentro do rio por um período de seis dias. Durante esse período as enviras soltam suas cascas. As enviras são separadas e colocadas sobre uma vara de madeira para escorrer a água e enxugar. Enxuta a envira, cuidadosamente ela é desfiada e amarrada em uma corda, também de envira.

Pulseiras

São feitas com o dente de macaco e dente de jacaré junto com as pequenas sementes de *Mãni* ou pequenos pedaços de taboca (*Paka*). Os dentes são furados no meio e as tabocas furadas com agulha.

Saia de Vixu usada pelas mulheres Yawanawá. FOTO: JOAQUIM TASHKA



Cestaria

Cestos

Os cestos são feitos com tala de palha de mururu. Esse tipo de artesanato somente as velhas da aldeia sabem fazer. As jovens não conhecem essa arte e são aconselhadas a prestarem atenção no momento da tecelagem. O cesto é conhecido na língua *txitxã* e serve para peneirar o fubá de milho, coar a caiçuma de macaxeira, coar o vinho de açai, patoá e abacaba.

Paneiro

KUKI

É feito com um cipó que recebe o nome de *shew*. Com ele se carrega a macaxeira do roçado, o milho, a batata, o cará, o mamão, a lenha para fazer o fogo, o tingüi para a pescaria e o peixe. O *kuki* sempre foi indispensável para o uso individual e familiar na vida do povo Yawanawá. As mais velhas ensinam às jovens. As mães ensinam a suas filhas e as noras aprendem com a sogra. O segredo do paneiro é que, ao chegar a tarde, não se deve fazer a sua tecelagem. Isso porque, segundo a tradição Yawanawá, *tsave veska veruya mia vepastiru*, que quer dizer “o seu rosto fica avermelhado e inchado”.

As palhas de cocão, ouricuri e jaci são também usadas pelas mulheres nas suas artes. Para que isso aconteça, retiram dessas árvores as palhas novas que ainda se encontram no pé. Com um pouco de paciência vão abrindo as palhas até deixá-las todas abertas. Todas prontas, as mulheres iniciam as tecelagens de duas maneiras: o *Vashu Shaka* e o *Peke* comum. As palhas novas tecidas servem para se sentar e colocar também os alimentos. esse tipo de objeto é conhecido como *Pixi*, e o que é feito menor recebe o nome de *Payati* e é utilizado para abanar o fogo do fogão a lenha. A cobertura da casa usa palhas também tecidas pelas mulheres. Na oportunidade, os homens mais criativos auxiliam as mulheres na tecelagem da cobertura da casa.

Tecelagem

Tecelagem de algodão: retira-se o algodão do pé, são separadas as sementes, o algodão é espalhado de forma achatada e arredondada. Depois fia-se e arruma-se os fiados em forma de rolo. O algodão fiado tem a utilidade de ser usado nas armações das flechas, nas produções de redes, tiaras e pulseiras. Esses conhecimentos e técnicas apenas duas pessoas jovens conhecem. Diferentes pinturas são bordadas em cada peça.

Cerâmica

Um grupo de mulheres se reúne e vai a procura do barro conhecido como *ushu mapu* e *uxĩ mapu*. Essa espécie, em sua maioria, é encontrada na beira do rio. Encontrando o *mapu*, cada mulher é responsável por trazer um pouco. O lugar em que se trabalha com a cerâmica já é reservado. No lugar é proibida a entrada de qualquer pessoa, a não ser que seja convidado.

Mulheres Yawanawa pegando barro na margem do rio Gregório para fazer cerâmica. FOTO: INGRID WEBBER



Para que cada vaso saia perfeitamente bem feito, as mulheres misturam com o *mapu*, o pó da casca do caripé ou, como é conhecido na língua materna, *mey*. As mulheres pegam a casca e queimam. Depois pegam uma boa quantidade e machucam junto com o *mapu*. Terminado o processo da mistura, cada mulher faz o que desejar. Umas fazem o pote, outras preferem trabalhar com tamanhos diferentes de vasilhas.

Nos vasos feitos, as mulheres Yawanawá dão os melhores retoques para presentear seus filhos, maridos e conhecidos. Já tudo pronto, as mulheres aguardam mais doze dias para queimar. A espera é para que os vasos enxuguem e estejam duros para resistir ao fogo. Chegado o dia de queimar, as mulheres levantam bem cedo e vão no lugar reservado para queimar. Fazem o fogo. A lenha já estava preparada um dia antes. Nesse dia, quem vai queimar o pote tem como dever não ter dormido com o marido e não ter tomado banho de manhã. Antes de colocar os vasos dentro do fogo, as mulheres vão aquecendo os vasos aos poucos até não resistir a temperatura. Estando bem quente, os vasos são colocados nas brasas. Nesse período de queimação é proibido beber água e receber visitas de qualquer sujeito. Se alguém beber água ou chegar estranhos no local onde estão sendo queimados os vasos, acontece um desperdício em tudo o que foi trabalhado e os vasos quebram por completo. As crianças e jovens observam de perto o processo de fabricação das cerâmicas para depois iniciarem por conta própria novas fabricações de vasos de barro.

Armas

Arcos e flechas

PIAKĀNETI

Esses materiais são produzidos pelos jovens e velhos da aldeia. São deles que vem a técnica de trabalhar com a pupunha para fabricar diferentes tamanhos de arcos e também as flechas conhecidas como *tawa*. Existe uma habilidade ao fazer a flecha. Trabalhar com o fogo, a queimadura do fogo é necessário para deixar a *tawa* apumada para ser lançada na hora da precisão e não haver nenhum erro no alvo. Os bicos da ponta da flecha são de diferentes formas. As penas das asas das aves auxiliam na velocidade do lançamento da flecha. Na aldeia é bastante raro o uso do arco e da flecha pelos jovens.

Borduna

WINU

Quem faz o *winu* é apenas o velho da aldeia. São produzidos e usados somente em festas especiais e amostras para os jovens da aldeia. A borduna é feita de pupunha madura, o que chamamos de *nāna kāni kānia*.

Pinturas corporais

Kene é o nome que damos para cada pedaço que encaixa nas partes do nosso corpo e em nossas faces. Estão escritas em nossas memórias e registradas em nossos corações as palavras ditas pelos nossos antigos avós, “*sepā ikashe, paxīti, kenewahāyniy*”. Palavras recomendadas a filhos e netos que querem dizer: faça a pintura em seu corpo com urucum misturado com sepa. A pintura nas partes do corpo e na face nos traduzem proteção dos maus espíritos, das doenças e das más intenções do seu próximo. A pintura na face e no corpo significam a beleza e o orgulho do seu corpo com diferentes traçados. Os lugares que recebem o feitio são os braços e as pinturas descem de cima do ombro até as mãos, dependendo do tipo de desenhos. Também as costas, a barriga e o peito são lugares reservados, onde as pinturas e os desenhos aparecem em destaque.

As pinturas feitas no rosto dos homens são de tamanho pequeno, com pouco detalhe. Já as pinturas feitas no rosto das mulheres são bem detalhadas. Elas recebem as pinturas no rosto, nas pernas, nas costas e

Pintura corporal e facial. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



barriga. São apenas coloridas com a tinta do urucum. Os desenhos Yawanawá são variados e feitos com muita criatividade. Segundo a concepção do mundo Yawanawá, “se você não se pintar, o espírito mal pode te ver”.

Dentro da aldeia, quem faz frequentemente as pinturas são as mulheres mais jovens e os tipos de desenhos apreciados são *vashu Shaka* (escama de tambuatá), *runũã mapu* (cabeça de sucuri) *itxĩyka kene* (pintura da cobra coral), *paspi* (ponta de lança), *vesãru* (pintura da cobra salamanta), *axuyka kene* (pintura da cobra *axuyka*), *mãñã puyãwma kene* (pintura da jibóia); além das misturas de uma pintura com as outras que dão origem a pinturas diferentes. Atualmente, as pinturas corporais e os desenhos corporais Yawanawá são criados através de inspirações e sonhos no processo de pajelança das novas gerações.



Cláudio Yawanawá fazendo Kene. FOTO JOAQUIM TASHKA

Cada pintura e desenho tem suas representações

Vashu shaka

ESCAMA DO PEIXE TAMBUATÁ

Vashu Shaka. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



É recomendado que seja feito em homens e os antigos nos dizem que esse peixe os jovens e crianças não devem comer, por que o tambuatá é um peixe sujo e cheio de lodo. *Mĩ vashu piakay, mĩ naxijima itiru*, em outras palavras, quer dizer: “você é uma pessoa que não gosta de tomar banho”. A cultura Yawanawá não permite que uma pessoa não goste de tomar banho. Você é mal visto pelas famílias e é considerado puramente um nojento. O uso dessa pintura é por causa da beleza dos desenhos que enquadra nos braços e nas costas dos homens.

Runũã mapu

CABEÇA DE COBRA SUCURI

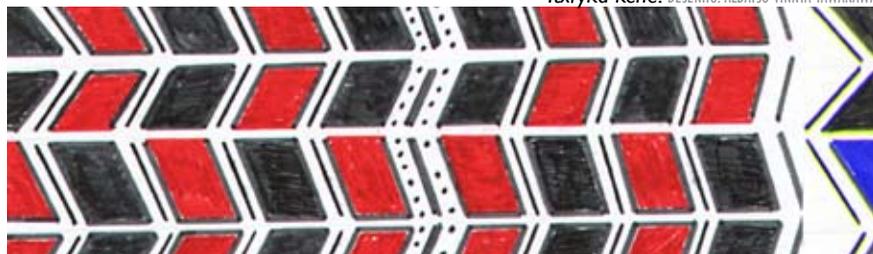
Runũã mapu. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



A pintura da cabeça da sucuri é feita nos braços das mulheres e nas costas dos homens. Nas mulheres esses desenhos são produzidos com *paxĩtixita*, *sepu* e *vĩpuy* com *sepa* (cor vermelha e cor preta misturada com sepa). Nos homens as pinturas são feitas com genipapo qualhado. Para a cultura Yawanawá, a sucuri é considerada uma serpente sagrada por ser ela uma das cobras que ajuda os Yawanawá a se tornarem pajé. Dentro dos costumes dos ancestrais, se qualquer Yawanawá vir uma sucuri, ao chegar em sua casa não pode comer doce ou comer apenas um pouco e é proibido de dormir e fazer relação sexual com sua mulher. Ao ver ou encontrar a sucuri, peça a ela o que desejar e o seu pedido será realizado. É assim que fazem todos os Yawanawá em suas histórias.

Itx̄yka kene

PINTURA DA COBRA CORAL



Itx̄yka kene. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

São pinturas feitas apenas em homens com pouca disposição e os lugares onde são desenhados são nas costas e nos braços. Os Yawanawá temem matar a cobra coral. Se por acaso alguém matar, poderá sofrer com tumores que surgirão em todo o seu corpo por um bom tempo.

Paspi kene

PINTURA DA LANÇA



Paspi. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

São lanças usadas pelos guerreiros Yawanawá nos conflitos com outros povos. Armas com poder de contra-ataque, com dois lados. Os velhos nos contam que em um desses conflitos havia uma tribo imbatível e que estava destruindo outros povos. Havia também um grande guerreiro famoso nessa tribo e que ninguém nada podia fazer por ele ser ágil e muito esperto. Certo dia, quando uma outra tribo estava se preparando para um conflito contra o povo desse guerreiro, um rapaz pediu ao seu tio que fizesse um paspi para ele. O tio do rapaz deu uma risada dizendo: – “O que um rapaz do seu tamanho vai fazer no meio dos grandes guerreiros? Assim mesmo, vou fazê-lo para você.” Então, o tio do rapaz fez a lança e deu para o seu sobrinho. Quando as duas tribos estavam em conflito, o grande guerreiro estava em uma matança e extermínio e, de repente, sentiu ser atingido em cima do umbigo pela desconhecida e poderosa paspi. Ao ser atingido, o jovem guerreiro sentiu que a ponta do paspi



Paspi Kene. FOTO: JOAQUIM TASHKA

o tinha atingido no cordão do seu umbigo e ali enfraqueceu a sua alma. Quando os companheiros deram por sua falta, o encontraram morto. Na mesma noite, a sua segunda mulher sonhou que ele chegava e lhe falava: – “Veja, eu fui atingido com essa lança!”. A esposa do guerreiro acordou desesperada e comunicou à família que seu esposo já não estava mais vivo. E assim, o pequeno rapaz matou o grande guerreiro. Hoje, há uma recomendação dos antigos aos jovens: – “O valente de seu povo poderá ser morto por uma criança inútil ou por alguém que para nada presta”.

Vesāru kene

PINTURA DA SALAMANTA



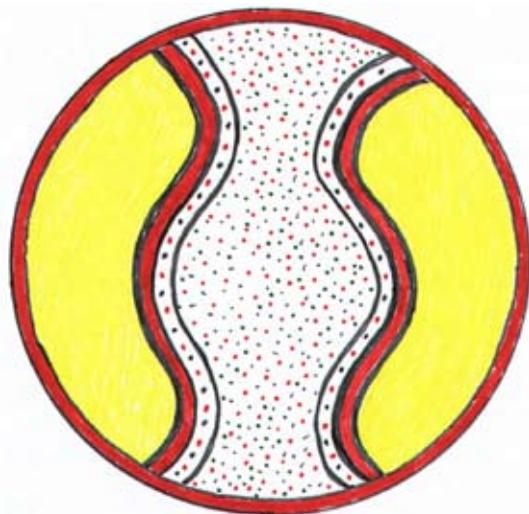
Vesāru Kene. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

São desenhos feitos somente nos homens e a pintura tem que ser com a tinta de jenipapo qualhado. O uso do kene do vesāru é porque a sua pintura é arredondada, feito uma corrente, e os Yawanawá usam por achar bonito.

Axuyka kene

PINTURA DA COBRA AXUYKA

Somente as pessoas que são pajés ou que fizeram resguardo para ser pajé é que podem usá-la. Isso porque o *axuyka* é uma das serpentes mais poderosas, que transforma uma pessoa em pajé. Se alguém encontrar essa serpente e não morrer, a família toda acaba morrendo. Não se conhece uma história de alguém que viu essa serpente. Só ouvem sua voz imitando os animais.



Axuyka kene. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



Professor Valmar Yawanawá usando Nānā Puyāwma Kenē. FOTO: JOAQUIM TASHKA

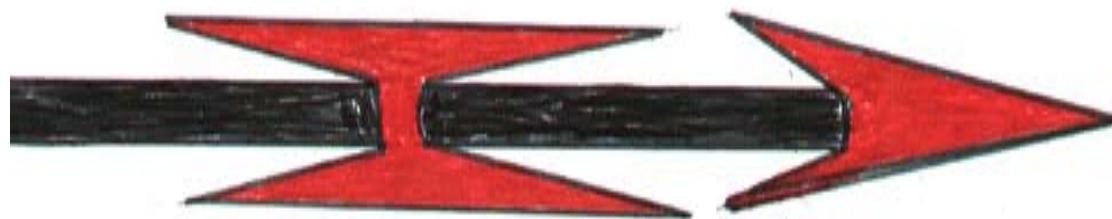
Nānā puyāwma kene

PINTURA DA JIBÓIA

Essa pintura é usada em homens. A jibóia também é uma das serpentes consideradas sagradas pelos Yawanawá. Ao encontrar essa cobra você pede o que desejar e tudo será realizado. Faz a dieta, não come doce, não dorme com mulher e nem mantém relação sexual com ela.

Mestēti

PINTURA DE LANÇA MEST@TI



Pintura do Mestēti. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ

O nome dessa lança é *mestēti*, uma arma sagrada para o povo Yawanawá. É uma arma desconhecida pelos inimigos dos Yawanawá e utilizada somente nos tempos em que se faziam correrias contra outros povos. Nos ataques aos inimigos, se a lança atingisse alguma parte do corpo, ela só poderia ser retirada rasgando a parte atingida. Em muitas ocasiões, não precisava nem lançar em cima do adversário, era somente passar encostando e arrastar que fazia o mesmo efeito.

Cores

Significado e preparo

Em uma cerimônia ou festa tradicional, se não aparecerem as cores vermelha, preta e azul, a festa não está boa para os Yawanawá. Essa geração traz consigo a marca em seu sangue, em seu espírito e em seus corações, da verdadeira imagem da magia das cores tradicionais de seus ancestrais. Cada traçado das cores que atravessam as costas, os braços, os peitos e o rosto, é um símbolo de um registro deixado pelos antigos há centenas de anos.

O vermelho vem do urucum e os velhos nos contam que quando uma mulher traça com a tintura do urucum seu corpo e sua face, ela orgulhosamente passa diante de outras mulheres mostrando a beleza de seu corpo e o perfume do cheiro do urucum. O urucum preparado recebe o nome de *paxiti txita*. As mulheres juntam uma grande quantidade de urucum, descascam, lavam as sementes em uma boa quantidade de água. Dentro das sementes lavadas, colocam um líquido grosso da casca de uma árvore chamada *vixu*. A água com a tintura do urucum é fervida até secar

Coors Paxiti Txita Sepayavĩ puy sepaya. DESENHO: ALDAYSO VINNYA YAWANAWÁ



toda, ficando por final somente a tinta pura do urucum coalhada. Durante o tempo em que a tintura do urucum estiver dentro da panela fervendo é proibido as pessoas ficarem observando o processo de secagem. Caso as pessoas fiquem olhando a tintura fervendo, o líquido da tintura do urucum não consegue secar. Seca a tintura, o *paxiti txita* é colocado dentro de um cano de taboca ou de bambu para ser conservado.

A tinta preta vem do carvão ou da fumaça da lamparina e com ele se mistura o leite de uma árvore conhecida por *sepa*. Após a mistura, a tintura preta fica totalmente grossa e recebe, dentro do tempero feito, um pouco de óleo de coco para ficar um pouco mais fino e derretido. Com o *sepa* também se prepara o *paxiti txita*, juntamente com o óleo de coco. Mulher e homem podem fazer o preparo da tintura preta. Para os Yawanawá, o *sepa* é considerado um perfume natural, devido ao seu cheiro. É recomendado, pela tradição, que as crianças estejam pintadas durante o dia inteiro com o *paxiti txita* e *vĩpuy*. A pintura com as duas cores protege a quem está pintado dos espíritos maus. *Mĩ sepã ikamã, yuxĩnĩ mya ãytĩru*. O *sepa* é usado pelos pajés nos momentos em que vão fazer um trabalho de cura. É queimado um pouco sobre o fogo, e quando começa a sair a fumaça o pajé faz seus pedidos sagrados aos deuses do seu povo, que os proteja do mal.

Festas e músicas

Para os Yawanawá não existem datas e nem dias específicos para se fazer uma festa. Quando todos da comunidade estão em harmonia, como de costume, as festas começam à noite e vão até a manhã do outro dia.

Um dia antes de acontecer a festa conhecida como *sayti*, o cacique da comunidade convida os chefes de famílias para comparecerem para a preparação da festa. Os homens e rapazes trabalham na fabricação dos cocares de penas, saias de envira de *vixu*, os bastões de *mushu* e nos ensaios das músicas tradicionais. Por sua vez, as mulheres são responsáveis por preparar as tinturas corporais. Juntam uma quantidade de urucum, descascam, pegam as sementes e misturam com o leite de uma árvore chamada *vixu* e deixam ferver numa panela até chegar a coalhar, dando assim uma cor vermelha. Ainda para cor preta, as mulheres fazem o carvão da lamparina junto com o leite de uma árvore chamada *sepa*. As duas cores são para a pintura corporal e facial.

Chegando o dia, pela parte da tarde, as mulheres começam a pintar as partes do corpo dos homens, e por fim, inicia-se a festa. O cipó, conhecido como *huni* faz parte da cerimônia da festa durante toda a noite. Quem costuma beber o *huni* são os velhos cantores, rapazes, mulheres que estão de bem com o espírito. As danças e os balançados dependem de cada música que se canta. As vozes dos homens têm que ser iguais, assim como as das mulheres. Não se cansam de cantar. Os gritos dão os toques de finalização para a música.. Os belos cocares de diferentes aves da região dão orgulho a cada adolescente que usa em sua cabeça. Na festa tradicional Yawanawá, as mulheres não devem dançar na roda com roupa dos brancos da cintura para cima. Elas usam saias de envira (casca de árvore chamada de *vixu*). Para diferenciar da saia usada pelos homens, as saias delas são mais curtas.

Quando chega meia noite, o chefe da comunidade pára a festa e costuma fazer uma conversa de 20 minutos sobre a visão no período em que estava bêbado de *huni*. Alerta o povo para os cuidados familiares, em que podem ocorrer quaisquer problemas imprevistos, aconselha quem está problemático, comenta a respeito da importância de manter a cultura e dar até sugestões para os trabalhos de futuro. A pausa leva aqueles que ouvem os conselhos a refletir sobre a vida e consertar o que está realmente problemático. Terminado o discurso do chefe, é oferecido mais *huni* para quem gosta de cantar e dançar.

Mulheres Yawanawá reunidas durante festival de Cultura. FOTO: JOAQUIM TASHKA



Música tradicional

A comunidade Yawanawá é um povo constituído por outras etnias como Shanenawa, Kaxinawá, Katukina, Arara, Iskunawa, Ushunawa. A maioria das famílias é de Katukina e Arara, onde é comum ver filhos e filhas de um casando com os filhos e filhas da outra. Em segundo lugar temos Shanenawa com Ushunawa, Iskunawa, Kaxinawá e Yawanawá. Todas estas etnias apresentadas dominam uma única língua materna, que é a do povo Yawanawá. Isso ocorreu porque um antigo grande chefe Yawanawá não permitia outra língua dentro da comunidade e todos eram obrigados a falar e aprender somente a língua do chefe, que era um Yawanawá.

Com relação às músicas tradicionais do povo Yawanawá, elas são tão diversas, com as letras e sons diferentes. Nossos avós têm ensinado nossos pais e estes nos ensinaram conforme aprenderam com seus pais. As músicas e os sons das vozes nunca foram alterados. Quem se interessa em cantar nossas músicas precisa ter inspiração e estar de bem com o espírito. As músicas são ensinadas, desde gerações passadas até os dias de hoje, em uma roda no meio de um grande terreiro. As crianças, adolescentes e os mais jovens da aldeia têm que se esforçar para aprender. Os mais velhos são responsáveis em corrigir se realmente o som da voz está saindo certo. As músicas são repetidas diversas vezes pelos cantores até os mais jovens aprenderem.

Yawarani e demais Yawanawás reunidos durante Festival de Cultura. FOTO: INGRID WEBER



Os tipos de música

Existem muitas músicas usadas para cada momento, intenção da festa ou brincadeira. Alguns tipos são:

- Músicas para dançar com muita alegria;
- Músicas para pisar nos pés das mulheres e dos homens;
- Músicas para falar mal das mulheres e dos homens;
- Música para dançar lentamente;
- Música para chamar o dia;
- Música para curar doentes;
- Música para tirar o espírito de pessoas vivas e matá-las;
- Música para cantar quando estiver com saudade de uma pessoa querida;
- Música que fala sobre animais das florestas;
- Música da água e do fogo.

Música para dançar com muita alegria

Quando cantamos esse tipo de música é porque estamos dispostos a dançar, pular, correr, cantar com voz alta e gritar. Coloca-se em disposição toda sua energia e espírito.

Música para pisar nos pés das mulheres e dos homens

Enquanto todos cantam juntos, dividem-se em fila de forma horizontal. As mulheres de um lado e os homens de outro lado, ambos segurados nos braços dos outros companheiros. Os homens vão andando em direção as mulheres e voltam para trás cantando. E as mulheres vão andando em direção aos homens chegando bem perto, as mulheres pisam nos pés dos homens. Os homens por sua vez vão andando em direção as mulheres e acabam insultando as mulheres, tocando nas partes do sexo das mulheres.

Música para falar mal das mulheres e dos homens

Essas músicas os homens costumam cantar quando estão dançando, e por sua vez, as letras das músicas falam das partes do sexo das mulheres. As mulheres, ao ouvir a música, respondem de uma forma maliciosa aos homens. Ambos ficam trocando ofensas através da música.

Música para dançar lentamente

Após um grande cansaço na festa, começam a cantar uma música lenta para tranquilizar o espírito.

Música para chamar o dia

Os mais velhos da aldeia acordam, mais ou menos, às duas horas da madrugada e começam a cantar diversas músicas, entre elas as músicas que chamam o dia. As letras e passagens das músicas são exatamente chamando a claridade do dia, o sol.

Música para curar doentes

Existem músicas especiais e sagradas para curar qualquer doente. São guardadas em segredo nos sentimentos dos nossos pajés ou dos nossos conhecedores. Possessos de sabedorias e conhecimentos, os nossos pajés têm o poder de curar quaisquer enfermidades sofridas pelo nosso povo. Durante a noite o pajé chega pertinho do doente com um vaso de barro chamado xumu, cheio de caçuma de macaxeira. Após inserir um copo de huni, o velho pajé interroga o doente sobre o que ele tem ou vem sonhando todas as noites e como ele está se sentindo. O pajé, ao ouvir e examinar as palavras do doente, começa a cantar a música conforme os sonhos do doente e o que ele está sentindo. São letras que detalham os sonhos do doente e como iniciou a doença. O espírito da sabedoria empossa e se comunica com o pajé. Suas palavras são de destruir a enfermidade e fazer voltar a saúde do doente através da bebida, feita de caçuma de macaxeira colocando em frente aos lábios do pajé durante a cantoria da noite toda. O doente, após a reza do pajé com a caçuma, precisa tomar a bebida para ser curado da doença. Essas músicas não podem e nem devem ser ensinadas para ninguém. Os trabalhos são feitos durante a noite, em sigilo absoluto.

Música para tirar espírito de pessoas vivas e matá-las

Assim como existe o bem, também existe o mal, considerando os dois lados que rodeiam o homem, dentro da cultura Yawanawá. Existem, dentro da música Yawanawá, cantorias que têm o poder de tirar e afastar o espírito de uma pessoa viva. O processo é feito quando o pajé não tem boas relações com alguém da aldeia ou quando este fez mal ao pajé. O mesmo decide eliminá-lo em questão de 24 horas. O pajé vai no meio da mata, de preferência em um lugar afastado e isolado. Junto com ele, leva objetos que pertencem a seu inimigo, como roupa, cabelo, saliva, lugar onde o inimigo faz xixi e até em cima da marca de seus pés. Logo neste local, muito bem adequado, o pajé começa a cantar uma música especial, chorando com um som de voz quem perdeu alguém muito amado. O ritmo do choro tem que ser bastante triste e perfeito. Após isso, é só aguardar o resultado e questão de um dia a pessoa morre.

Música para cantar quando estiver com saudade de uma pessoa querida

Essas músicas são expressas nos momentos em que a pessoa está com muitas saudades de uma pessoa que foi embora para outro lugar, ou falecida. As músicas lembram os momentos em que estiveram juntos. A música é boa para se aprender e ser ensinada.

Músicas que falam dos animais

Durante a festa, existem as músicas que falam dos animais da floresta, seu movimento, sua convivência, suas características, suas brincadeiras, sua voz, seus gritos e seus passos. Quando se canta essas músicas, geralmente a festa fica com força e todos com muita vontade de cantar e dançar. A referência está nos animais como garça, veado, onça, queixada, paca, macaco preto, guariba, sôim, anta, macaco-prego, cutia e o porquinho. A música traz mais dinamismo a quem está dançando.

Música da água e do fogo

Quando a festa está bem animada e todos estão com bastante calor inicia-se a música chamando a água. Alguém do grupo pega uma boa quantidade de água e sai jogando em cima de quem está dançando. Em seguida, quem está dançando começa a chamar o fogo, as mulheres se juntam, ascendem montões de palha e saem levando perto de quem está dançando. Quando os homens começam a insultar as mulheres para apagar o fogo, elas começam a queimá-los em suas pernas.

Brincadeiras

- *Brincadeiras do macaco prego (tuyku);*
- *Brincadeira do jabuti (shawe);*
- *Brincadeira do lançamento do bastão (kenānā ikīnay);*
- *Brincadeira do peixe- boi (kuxānay);*
- *Brincadeira do urubu (kusku);*
- *Brincadeira do caraḗpanā (vii);*
- *Brincadeira da abelha (vakū);*
- *Brincadeira do sapo (txashushe);*
- *Brincadeira de caçada (yuina yunuti);*
- *Brincadeira da gia (eu)*
- *Brincadeira do morcego(kaxi-kaxi)*
- *Brincadeira do yawa yaway*

Brincadeira do macaco prego

TUYKU

Para fazer a brincadeira do *tuyku* é recomendado que as mulheres casadas não participem. Se participar, faça uma combinação com o marido para que durante a brincadeira, não leve a mal o que poderá acontecer no período do ritual. Ao iniciar a brincadeira, os homens se preparam, fazem o rabo com a saia de *vixu*, amarrando por detrás do bumbum. Tiram seus chapéus de pena da cabeça, sobem nas pequenas árvores, e balançam os galhos, penduram de cabeça para baixo, derrubam as frutas e folhas das árvores, vão se aproximando das casas, quebrando tudo o que encontram pela frente, sobem nas casas e comem as bananas maduras, derrubam, jogam no chão e pisam as bananas maduras, quebram os ovos das galinhas, se aproximam do centro do terreiro, agarram as mulheres por trás e ficam imitando como se estivessem transando conforme os macacos pregos. Ainda os homens ficam brincando entre si, fazem caretas e deitam pelo chão. Nessa brincadeira, as crianças participam juntamente com seus pais e são carregados nas costas pelos irmãos ou primos. Isso porque, quando o macaco prego (*tuyku*) tem filhote, os machos carregam as macacas fêmeas e as mães dos macacos carregam somente os macaquinhos machos. No período do ritual, os participantes imitam os dois tipos de macaco, o macaco prego conhecido por nome de *tuyku* e o macaco cairara por nome de *tuyku ushupa*. Os dois macacos são considerados os mais teimosos e danados da floresta. Os participantes imitam as vozes dos macacos e seus comportamentos dentro da floresta. Quando acontece essa brincadeira, o chefe, os velhos e as velhas não participam. Ficam, portanto, observando e instruindo o jeito certo da brincadeira. Se houvesse algum erro no período da brincadeira, os jovens seriam repreendidos e afastados da participação do ritual. Cada participante demonstra o que sabe e o que aprendeu com os velhos da aldeia. Terminada a brincadeira, os homens e as mulheres finalizam satisfeitos, com um grito bem forte.

Brincadeira do jabuti

SHAWE

Antes de começar a festa do mariri, com um mês, o cacique ou o chefe pede que os caçadores procurem o jabuti (*shawe*) em suas caçadas. Encontrando o jabuti, ele é guardado e alimentado até esperar o dia da festa. Chegando o dia da festa, o jabuti é levado cuidadosamente pelo chefe ao centro da roda de mariri, e ali é homenageado com um forte grito pelos participantes do ritual. No centro da roda do mariri, fica o velho

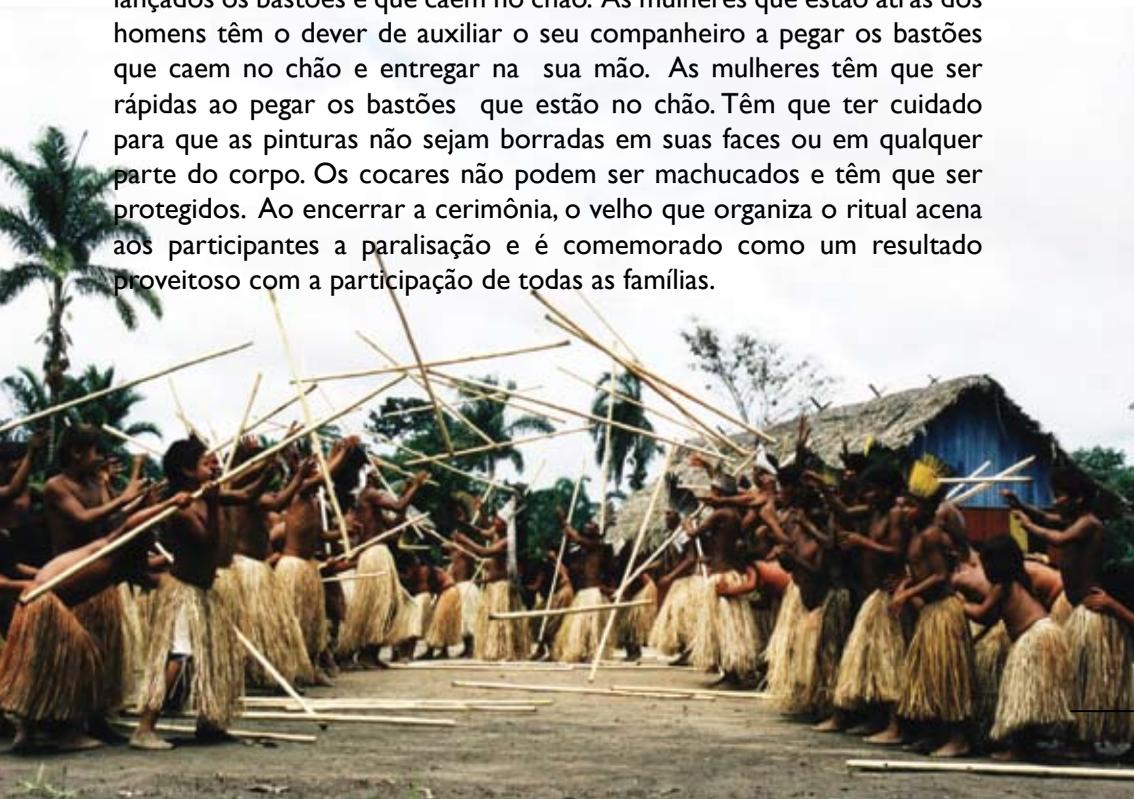
conhecedor das músicas tradicionais, ensinando e ouvindo o som das vozes das mulheres, dos homens e os gritos dos homens. São também observados os pisados das danças das mulheres, os balançados dos homens, a formação de cada entorno do *shawe*, e a separação das mulheres em alturas diferentes. Enquanto se faz a preparação, os jovens aguardam para ver quem vai ser o primeiro a medir a sua força com o jabuti nos braços, diante de dezenas de pessoas. As mulheres também ficam, combinando entre si para tomar somente os seus primos. Tudo pronto, o primeiro desafiante sai na frente para pegar o jabuti que está no centro da roda e os participantes recepcionam o grande desafiante com um forte grito. Desde então, as mulheres saem de duas em duas para tomar o jabuti e, dependendo da força do homem, chegam até oito mulheres em uma única pessoa. As mulheres usam suas habilidades e meios para tomar e levantar o troféu da cerimônia. Ao tomar o jabuti, cada mulher sabe o que deve fazer para enfraquecer a força de um homem. O meio mais utilizado pelas mulheres para tomar o jabuti é quando elas pegam nas mãos dos homens, separando-as do jabuti, batem nas coxas, puxam os cabelos e agarram nos testículos dos homens. Logo, os homens deixam o jabuti por estarem cansados e fadigados, por terem colocado nisso suas últimas forças. A mulher que toma o jabuti, levanta diante dos participantes com duas mãos para cima e sinaliza com um sorriso para os homens dizendo que elas são as melhores na disputa do jabuti, no período do ritual. Os homens sentem humilhados e escolhem entre os participantes o que pode representar a classe por um período de tempo com um jabuti nos braços. Alguns demoram até cinco minutos com o jabuti e ainda não é o suficiente para as mulheres que têm mais força. Nessa brincadeira, as mulheres idosas e os homens idosos não participam. Enquanto a disputa acontece no centro da roda do mariri, conhecido pelos Yawanawá como *sayti munukāni*, o som forte sai das gargantas dos homens e das mulheres, acompanhado do ritmo de seus pés. A combinação das duas vozes, fortalece o desejo da nova geração à continuidade e manutenção dos seus rituais. Ao findar a brincadeira, é cantado o ritmo da cerimônia por mais três minutos e todos encerram com um forte grito.

Brincadeira do lançamento de bastão

KENĀNA IKĪNAY

kenānā ikīnay é um verdadeiro desafio de coragem e rapidez para os praticantes desse ritual. Os jovens são ordenados a retirarem bastões de 1,5m, que recebem acabamento com a tinta de urucum com sepa. Além da

tintura vermelha, os bastões conhecidos como Mestēti recebem o retoque da cor preta (*vīīpuy*). Os mestēti são expostos ao sol até ficarem bem secos e leves. Ao iniciarem a cerimônia, os rapazes e crianças recebem orientações e treinamentos para manusearem o lançamento dos mestēti, enquanto que às mulheres são ensinadas as músicas dos rituais e as danças que acompanham os pisados dos homens. O velho organizador do ritual forma a fila em laterais, colocando as mulheres por detrás dos homens. Elas têm por obrigação segurar as cinturas dos homens. Os participantes têm que estar acompanhados de uma mulher, de preferência os casados com sua própria mulher e os solteiros com suas primas. Tudo organizado começa as danças dos homens e as danças das mulheres assim também como as músicas. As filas formadas nas laterais vão ao encontro da outra e retornam novamente para trás, acenando os mestēti em direção de seu par. No ritual, os participantes precisam escolher o seu primo para que, com ele, troquem o lançamento dos bastões. O seu olhar tem que ser direcionado ao olho do seu adversário e não pode perder de vista o momento dos lançamentos dos bastões. Caso o seu companheiro esqueça por um segundo o que está fazendo, na troca nos lançamentos dos bastões você será atingido na face ou em alguma parte do corpo. No período da troca dos bastões, não se pode repousar nenhum segundo até que se quebrem todos os bastões que estão sendo lançados. A cada lançador ficam assegurados três ou quatro bastões em suas mãos, e quando são lançados os bastões e que caem no chão. As mulheres que estão atrás dos homens têm o dever de auxiliar o seu companheiro a pegar os bastões que caem no chão e entregar na sua mão. As mulheres têm que ser rápidas ao pegar os bastões que estão no chão. Têm que ter cuidado para que as pinturas não sejam borradas em suas faces ou em qualquer parte do corpo. Os cocares não podem ser machucados e têm que ser protegidos. Ao encerrar a cerimônia, o velho que organiza o ritual acena aos participantes a paralisação e é comemorado como um resultado proveitoso com a participação de todas as famílias.



Brincadeira do peixe-boi

KUXĀNAY

Kuxānay, essa é a palavra que desafia a nova geração para o centro de um terreiro para mostrar coragem de um legítimo e verdadeiro guerreiro Yawanawá. A tradição, nos dizem, que *Kenānē Ikīnay* é um único momento e oportunidade de você fazer a vingança em seu cunhado que maltrata e não cuida de sua irmã. Também é a hora da vingança em qualquer pessoa que namora com sua irmã, ou que já teve algum caso no passado. No dia da cerimônia do *Kenānē Ikīnay*, os participantes do ritual amanhecem com muitas perspectivas, esperando a hora em que vai começar o esperado dia da vingança. Para isso, bem cedinho, todas as pessoas preparam seu corpo com as pinturas variadas, retiram as talas das bananeiras e cortam do tamanho de 2 metros de comprimento. As talas são deixadas no centro do terreiro. As mulheres também participam desse ritual e, segundo as regras, elas devem trocar as vinganças com suas cunhadas. Enquanto que as crianças aprendem fazendo o seu exercício com primos e primas. Tudo preparado, os participantes começam a organizar a fila e iniciam as cantorias da abertura do ritual. A fila sai se movimentando no centro da aldeia, fazendo as voltas como se fosse a caminhada de uma serpente. Os pajés se posicionam na primeira posição da fila, depois estão as lideranças de cada comunidade e os demais membros considerados importantes dentro da aldeia. O grande terreiro recebe os seus convidados e nele se faz fila imitando um caracol de um lado para outro até formarem um círculo gigantesco. Essa primeira demonstração demora cerca de 10 minutos no centro do terreiro. Em seguida, após o círculo formado, todas as pessoas dançam abraçadas com as mãos em cima do pescoço de seus companheiros e companheiras, somente com o som da voz da garganta fortíssima levando apenas um ritmo, acompanhado pelas mulheres com uma outra voz fina. Após cinco minutos contados, reabre o grande círculo segurando apenas nas mãos de cada participante. Desde então, os jovens já se preparam para sair no centro da roda e escolhem o seu verdadeiro rival para a primeira demonstração. As moças também se preparam para ver quem poderá ser sua primeira desafiante do dia. Tudo acertado para a demonstração, vão para o centro da roda os dois primeiros desafiantes, com a tala de bananeira na mão ou com a tala de buriti torcido com um nó no final. Os dois desafiantes ficam dançando de um lado para outro e as talas de bananeiras ficam cruzadas, batendo suas pontas sobre o chão. A dança das duas pessoas demora cerca de três minutos e essa demora acontece porque precisa dar a volta completa no centro da roda em que está sendo feito o ritual.

Passados os três minutos, o primeiro desafiante levanta a tala de bananeira em direção às costas do companheiro e, para que o seu companheiro levante o braço, é preciso que a tala fique sendo puxada sobre as costelas. Fazendo esse sinal, os braços do seu adversário, são levantados para cima, aguardando o que vai acontecer. Nesse instante, o primeiro desafiante levanta a sua tala e dá-lhe a primeira chicotada usando a sua máxima força contra as costelas de seu companheiro. Ainda bem rápido, é dada a segunda e a terceira chicotada. Na primeira chicotada, a dor é tão forte que você fica com o corpo inteiro adormecido. A tala de bananeira, ao pegar em seu corpo, logo estoura o couro da sua pele, deixando uma marca do tamanho de 15 cm em sua cintura, escorrendo bastante sangue. A primeira, a segunda e terceira chicotada são saudadas por um forte grito pelos participantes. Em seguida, a pessoa que pegou a chicotada faz o sinal para que o seu companheiro também levante os seus braços e, quando os braços são levantados para cima, a chicotada é dada na altura do abdômen. Cada desafiante tem o direito de dar e receber três chicotadas em seu companheiro sem o direito de questionar. Para os Yawanawá, cada batida no próximo é levada no espírito como uma forte emoção. Em alguns momentos, as irmãs de quem está sendo chicoteado interrompe a cerimônia e agarra na cintura do seu irmão. Esse gesto é entendido no período do ritual. Seu irmão, pai ou tio não deve mais ser chicoteado. No ritual do *kuxānay*, nem todos os jovens participam. A maioria dos adolescentes e adultos temem a dor e os desafiantes que são corajosos e preparados para a cerimônia. Chegada a hora das mulheres, elas vão no centro da roda da cerimônia, dançam um pouco e, em seguida, fazem o primeiro sinal para a sua companheira levantar os braços. Quando os braços são levantados, o chicote é atingido na altura da cintura. Dadas as três chicotadas, a companheira lhe devolve as mesmas chicotadas. As crianças também participam fazendo o mesmo exercício que os adultos. No final da cerimônia, os participantes do ritual do *kuxānay*, após chicotear o seu companheiro, saem do centro da roda com as mãos dadas com seu irmão, como símbolo de desculpas. E ali tudo fica enterrado, no ritual, sem haver rancor entre os irmãos. Encerrada a cerimônia, os sinais e as cicatrizes dão o orgulho às gerações em carregar o espírito dos seus antepassados.

Brincadeira do urubu

KUSKU

Quatro pessoas ficam deitadas no chão servindo de comida aos urubus. Enquanto isso, os urubus fêmeas ficam sobrevoando por cima das comidas e de vez em quando, passam por perto das comidas e observam se realmente já está podre para comerem. Os homens ficam protegendo a comida para que os urubus não possam machucar os homens que estão servindo a comida. Essa brincadeira segue acompanhada de uma música exclusiva do urubu. Também pode ser feita por mulheres e crianças.



Brincadeira do Kusku. FOTO: JOAQUIM TASHKA

Brincadeira da carapanã

VII

Os homens sentam no gramado onde estão acontecendo as brincadeiras e as mulheres formam fila atrás das outras com um espinho em suas mãos. Fazendo um pequeno barulho como se fossem carapanãs, saem furando nos homens (a furada com espinho é de brincadeira). Nessa brincadeira os homens não podem correr e sim considerar que está matando os carapanãs batendo nelas devagarinho. Isso pode ser feito também pelos homens.



Brincadeira da abelha - Shushuti Vakuã. FOTO: INGRID WEBBER

Brincadeira da abelha

VAKÛ:

Pendura um cacho de banana madura em uma vara, embaixo cava um pouco de terra e dela se faz um pouco de lama. Todos os homens ficam dentro da terra molhada aguardando que as mulheres se aproximem do cacho de banana madura para comer. Ao se aproximarem da banana, as abelhas começam a melar as mulheres de lama e só devem parar de melar quando todas estiverem totalmente meladas. Também podem fazer essa brincadeira sem a banana. Só participam dessa brincadeira mulheres solteiras e as casadas somente com a permissão dos maridos. Os homens e as mulheres podem fazer essa brincadeira.

Brincadeira do sapo

TXASHUSHI

Os homens ficam de pares, um atrás do outro, imitando o som da voz do txashushi. As mulheres se preparam com um pedaço de madeira e se aproximam do txashushi para matá-lo. Os pares formados saem pulando e as mulheres agarram- nos batendo em suas cabeças. Depois colocam todos em um único lugar. As mulheres não podem brincar de txashushi é permitido apenas aos homens.

Brincadeiras de caçada

YUINAYUNUTI

Durante a tarde, às cinco horas, são convidadas todas as pessoas da comunidade, entre homens, mulheres e crianças. Os homens ficam em fila, incluindo as crianças, aguardando que as mulheres os mandem caçar pedindo diversos tipos de carne de caça (veado, caititu, queixada, anta, tatu, paca, cutia, jacaré, jacu, nambu e jacamim). Antes das mulheres iniciarem os pedidos, Ihe são ensinadas como se deve pedir. As palavras usadas na hora do pedido são: *Kunu, yukã meskeshuwẽ, yukũyti, tarãku*.

No dia seguinte, todos os caçadores pegam suas espingardas e vão caçar, enquanto duas pessoas vão a um local do encontro dos caçadores para fazerem a limpeza, lugar onde são divididas as carnes dos animais mortos. A divisão da carne é de acordo com a quantidade que cada pessoa pediu. Após toda a carne dividida, iniciam a fila, desde os maiores até os menores. Quem faz a frente na caminhada da fila é o cacique da comunidade. Enquanto isso, as mulheres aguardam os homens em forma de fila, para receberem as carnes pedidas. Algumas mulheres mandam de 1 a 5 homens. Ao receberem as carnes, as mulheres entregam aos caçadores mingau de banana, mingau de macaxeira, açaí, pamonha, canjica, e outros alimentos preparados exclusivo para os caçadores. A brincadeira é encerrada quando todos vão embora para suas casas.

Brincadeira da gia

EW

Os homens ficam espalhados no meio do terreiro imitando a gia. As mulheres pegam as palhas secas em forma de um facho aceso e colocam embaixo do bumbum dos homens. Ao mesmo tempo, eles saem pulando e as mulheres pegam a gia pelo pescoço, batem em suas cabeças e os carregam e colocam todos em um monte. As mulheres não participam da brincadeira.

Brincadeira do morcego

KAXI-KAXI

Enquanto as mulheres preparam fochos de palhas acesas com fogo, os homens adultos e crianças apanham galhos de pequenas árvores e fazem fila para iniciarem o movimento da dança. Começando a marcha da dança, as músicas que os homens cantam é de falar mal das mulheres. Em troca, as mulheres reagem cantando uma outra espécie de música, falando mal dos homens e ao mesmo tempo, passam o facho de palha acesa bem próximo das pernas dos homens, ouvindo as respostas das mulheres. Todos os homens respondem com um grito bem forte. Acabando os fochos de palha, encerram também as brincadeiras.

Brincadeira do yawa Yaway

É um dos rituais mais apreciados pelos antigos Yawanawá e pela geração atual. Os costumes nos dizem que nessa cerimônia, acontecem momentos de oportunidade em que se permite fazer relação sexual com qualquer mulher da aldeia, seja ela casada ou não. O que acontecer no período da cerimônia não se deve levar a mal, nem considerar o que ocorreu nem carregar rancor contra seu próximo pois ali fica enterrado o que foi visto. Para que essa cerimônia aconteça, os homens casados fazem um acordo com sua esposa para que suas participações sejam aceitas e bem sucedidas no período do ritual. Assim também fazem as moças com seus pais e irmãos. Acertos concordados e palavras firmadas, dá – se início a formação das filas, desde maiores até menores, cantando a primeira música do *Yawa Yaway*. Os homens, rapazes e crianças, vão cantando e dançando no mesmo ritmo, em forma de movimento de uma serpente em torno das mulheres, que estão atentas e observando o que vai acontecer. Ao passar ao lado das mulheres, os homens tocam nas partes íntimas das mesmas e, para se defenderem, elas batem com um pedaço de madeira em quem as tocam. A cada movimento, que acontece em volta das participantes, mais agressivos os homens se tornam, e ali vão se combinando entre si, quem será a primeira a ser arrastada do meio das outras mulheres. Já tudo combinado entre os homens, ao fazerem a volta entre as mulheres, três pessoas pegam uma das mulheres e carregam para um determinado lugar afastado e mantém relação sexual com a mesma. Isso não só acontece somente com uma mulher, mas com várias que estão participando do ritual. Se as moças tiverem mãe ou tia, somente elas é que podem socorrê-las no momento em que estão sendo arrastadas. Os irmãos e o pai da moça não têm o direito de reclamar do que viram no período do ritual. Todas as mulheres que participam da cerimônia têm o dever de ajudar a sua companheira para não ser arrastada para fora do grupo. Os homens são orientados pelos velhos: devem fazer esse tipo de brincadeira somente com suas primas ou alguém que não seja parente. Essa cerimônia demora cerca de duas horas, porém as crianças não podem acompanhar os homens. Ficam apenas observando o que os adultos estão fazendo. A dedicação dessa cerimônia é homenageada por todos os participantes da aldeia. A atenção está em todos os lugares onde as moças estão sendo arrastadas pelos homens que comemoram o ritual. Ao finalizar essa cerimônia, todos os participantes agradecem os momentos ocorridos e encerram com um forte grito.

Papo de Índio

TXAI TERRI AQUINO • BIRACI BRASIL NIXIWAKA

V Festival de Canto, Dança, Expressão Artística, Manifestação Cultural e Espiritual do Povo Yawanawá

TXAI TERRI AQUINO

Quando o velho Raimundo Luis, os pajés Tatá e Yawarani, o Biraci Brasil Nixiwaka e o Joaquim Tashká, lideranças políticas e espirituais Yawanawá, me convidaram para participar do V YAWA, na aldeia Nova Esperança, em fins de julho passado, pensei logo em chamar todos os meus filhos, espalhados por vários cantos desse país, para participar juntos da grande festa do povo das queixadas. Também para comemorar meu aniversário de 60 anos.

De Brasília, vieram o Chico Aquino (engenheiro florestal, DJ e baixista da banda Ha Ono Beko - "Siga o Sol e Vá em Frente") de 30 anos, a princesa Isabel Panteani, 19, atualmente se preparando para o vestibular no curso de ciências sociais, e o Caetano Bané, 23, estudante de psicologia no CEUB. Daqui de Rio Branco, o Lucas Maná, 27, estudante de biologia na UFAC, estagiário do IMAC e vocalista da banda Dona Chica. E de Tarauacá, os mais novos, a Rosália Ayani, uma linda mocinha de 11, e o Jorge Luan, um moleque pretinho e danado de apenas seis. Só faltou mesmo o Irineu Yubé, um indiozinho de verdade, de quase 15, que só fala hãxa kuin, a "língua verdadeira" de seu povo Kaxinawá, porque ele tem muita vergonha de falar português como um gringo. Lá na sua aldeia só se fala o nosso idioma com os cachorros. "Passa cachorro, desce! Me respeite cabra sem vergonha!".

Nosso "pequeno" grupo familiar, acrescido de pessoas lindas e cheias de vibrações como o Junai (Luis Gonzaga da Costa Júnior, vocalista da banda Ha Ono Beko e do grupo Kulu Kesso, que fabrica instrumentos sonoros com meninos de rua na periferia de Brasília), responsável pelo registro das cantorias do V Yawa, a Jú-



lia Thainá, o Marcel e a Stéfane, também integraram nossa pequena tribo dos "Txaiwanawa", de 11 membros.

Os Yawanawá como sempre, souberam fazer a festa à altura das dificuldades de se alcançar sua longínqua aldeia. Só para chegar lá passamos quatro dias viajando, dois dos quais pela BR 364 dentro de um toyota-gaiola, que nos levou da Estação Experimental, onde moro em Rio Branco, às margens do rio Gregório, na localidade São Vicente. Pelo frete de seu gaiola, o seu Raimundo de Sena Madureira, assustado com a quantidade de filhos, me cobrou mil e quatrocentos reais.

De São Vicente viajamos outros dois dias, subindo o rio em dois pequenos barcos de madeira tocados por motores Honda de 13 HP de rabeta, mais adequados para se navegar nos altos rios de

nossas fronteiras. Nesse verão amazônico, o Gregório estava bem seco e cheio de bulseiros e pausadas. Só alguns motoristas fluviais conhecem muito bem os canais mais fundos por onde descem suas águas rasas. É perigoso navegar essa época nos rios. Toda a atenção é pouca. O Biraci Brasil Nixiwaka, às vésperas do festival, sofreu um grave acidente numa pequena voadeira, porque seu motorista, um rapaz Arara do Riozinho Cruzeiro do Vale, desconhecia os canais do rio e bateu num banco de areia, fazendo com que caísse de cara numa quina da embarcação.

Perdemos apenas a abertura do festival na tarde de 25 de julho, dia anterior à nossa chegada. Agora, finalmente, em Nova Esperança, cenário da grande festa, passamos outros quatro dias intensos, quase sem dormir,

porque os Yawanawá simplesmente cantam, dançam e encantam de manhã até o amanhecer do outro dia. Os mais animados foram os velhos pajés Tatá e Yawarani. Quase sempre pegavam o sol com a mão. E gostavam de dizer, assim meio zumbi, sem dormir há vários dias, que ficaram acordados durante todo o festival, com alguns cochilos nos intervalos, "porque ninguém é de ferro".

Nunca vi um povo com tanta disposição para cantar e dançar. Conta um mito de origem dos Yawanawá, narrado pelo Biraci Brasil, que o grande Criador, quando fez os povos de língua Pano, deu a cada um deles um dom específico e uma vocação diversa. Assim aos Katukina, seus vizinhos nos rios Gregório e Campinas, deu o dom de ser os mais finos pajés, "rumeya", que

curam com os espíritos das cobras sucuri e da jibóia. Por sua vez, aos Kaxinawá, que os Yawanawá chamavam antigamente de "Xanenawa, o povo do pássaro azul", como diz Nixiwaka, pois bem, para eles o Criador deu o conhecimento e a ciência de todas as folhas medicinais perfumosas da floresta. E aos Yawanawá justamente o dom de cantar muito, "sem uso de instrumentos musicais", como diz o Joaquim Tashká.

O V YAWA foi, sem dúvida, a realização e atualização desse mito de origem do "povo das queixadas". Foram cantos de mariri, da caicumá e do cipó da ayahauasca. Danças de todos os tipos, de roda, de fila indiana, de cobra, além das fantásticas brincadeiras de yuxin (espíritos da floresta), da abelha, em que todo mundo é jogado dentro de uma



Papo de Índio



poça de lama, enlameado até alma naquela base de "querendo ou não querendo, tem que querer". Surpreendente foi a dança em que eles imitam o bater de queijo das queixadas. Parecia de verdade! E ainda aquelas provocações saldaíveis entre homens, mães filieira, e mulheres na outra, tentando pisar nos pés dos outros. Uma mulher Yawanawá me deu uma rasteira, que acabei deitado no pátio da aldeia.

Meu amigo Joaquim Tashka, um dos mais animados nessas brincadeiras, chegou até emagrecer sete quilos de tanto mostrar seus parentes nos cantos e danças, imitando os bichos e almas penadas do outro mundo. Só não virou todas as noites, porque a Laura Soriano Yawanawá, como ela gosta de ser chamada, como uma decidida índia mexicana, descendente de Sapoteca e Mixteca, não deixou que ele amanhecesse em todos os dias de festa.

Os destaques foram as crianças e adolescentes Yawanawá que participaram ativamente de todos os cantos e danças tradicionais, resgatadas a partir das memórias dos mais velhos, especialmente do velho Raimundo Luis e dos pajés Tatá, Yawarani e, mais recentemente do Nixiwaka, das irmãs Kátia e Raimundinha Luis, do Nani e da Fátima, do Luizinho e de outros. A sensação durante todo o festival era a de que eles estavam atualizando conhecimentos antigos, como se estivessem numa sala de aula de sua cultura tradicional.

Foi fascinante ver a alegria estampada nas caras e nos corpos pintados de vermelho do urucum e do negro do jenipapo e do sepá, com suas saias de palhas de buriti, seus chapéus de penas de arara, papagaio, gavião real, cantando antigas canções e participando alegremente de todas as danças. Pode também vislumbrar uma cultura viva de um povo alegre e inteligente, que a cada festival vem reafirmando suas antigas tradições culturais. E que também vem contribuindo efetiva e positivamente para o movimento de reafirmação étnica e cultural, hoje partilhado por todos os povos indígenas no Acre. Isso me dá a certeza de que a diversidade étnica das culturas indígenas, em suas diferentes manifestações, estão aí bem vi-

vas e que elas vieram para ficar no novo século e milênio, apesar dos "cem anos de solidão" no interior dos seringais, de correrias e massacres, de carrancismos e cativeres dos antigos patrões dos seringais estabelecidos em seus territórios tradicionais desde fins do século XIX e início do século passado.

O V YAWA também se destacou pela participação de representantes e embaixadas indígenas de dentro e fora do estado, como a dos Ashaninka do rio Amônia, a mais numerosa, todos vestidos com seus tradicionais cusmas coloridos, pintados de urucum, que os embelezam e protegem. No dia certo, acho que no terceiro, fui tomar ainda cedo um delicioso piarienti com o seu Anteonio Pianko e a dona Peti, que completou seus 58 anos em plena festa, e ainda com os seus filhos Francisco Pianko, secretário da SEPI, o pajé Moisés, o Bebêto, e sua esposa Yawanawá, o Cláudio e outros.

Os Ashaninka também tocaram seus tambores e flautas fazendo a festa em determinados momentos do festival. Eu e meus filhos dançamos e cantamos ao som de seus instrumentos musicais e de suas canções tradicionais. Outra embaixada indígena importante foi a dos Marubo das aldeias do alto rio Itui, na TI Vale do Javari, no oeste do Amazonas.

Vi também a embaixada dos

Arara do Riozinho Crazeiro do Vale, de Perio Wálter, lideradas pelo Anchieta, candidato a deputado estadual pelo PT e a Frente Popular do Acre. Revi também meu velho amigo Sil Kaxinawá, expressiva liderança política do município de Jordão, onde até recentemente era vice prefeito, que também é candidato a deputado estadual pelo PV, na mesma Frente Popular. Espero que eles sejam eleitos, embora em meu entendimento deveria haver um só candidato indígena para não dividir o voto étnico.

Encontrar o Ailton Krenak, atual coordenador dos povos indígenas de Minas Gerais, foi ainda um grande privilégio. Ele e seus dois amigos cineastas filmaram parte desse festival para um documentário que estão fazendo sobre os povos indígenas que enviaram embaixadas aos festivais que ele organizou na Serra do Cipó, como ocorreu com os Yawanawá do Gregório, Kaxinawá do Jordão e Ashaninka do Amônia. Essa série será exibida futuramente no Canal Futura. O Ailton também comandou a festa e a dança da sucuri, a cobra grande d'água. Ele é uma pessoa cheia de luz própria, um pajezinho espiritualizado, assim meio guru da galera indígena acreana.

Por lá também pintaram o Perfeito Furtuna, produtor cultural carioca ("e, nas horas vagas, bandido de novela de TV",

como ele mesmo disse) e o seu amigo Rolando Monteiro, especialista em quase todas as "ervas de poder" do planeta Terra. Perfeito, que é compadre do Biraci Brasil, quer levar com índios e índias Yawanawá, como uma homenagem aos centenários da Revolução Acreana, para apresentar o próximo YAWA no Circo Voador do Rio de Janeiro. Poucos políticos compareceram à grande festa, a não ser uma comitiva de grandes líderes do PCdoB acreano, liderados pela combatente deputada Perpétua Almeida, a quem, até hoje, os Yawanawá reconhecem o seu trabalho de articulação política, junto ao Ministério da Justiça e à presidência da Funai, no sentido de fazer avançar a fase inicial do processo de revisão de limites da TI Rio Gregório, uma terra exuberante onde nascem importantes rios acreanos, que eles compartilham com os Katukina. Também presentes os deputados Edvaldo Magalhães e Moisés Diniz, além do Chagas Batista.

O Bruno Filizola, do PROBEN/MMA de Brasília, também era um dos mais animados da festa. Dançou e cantou, todo pintado de urucum e jenipapo e sepá. Ele é um dos articuladores no PROBEN/MMA no "Projeto Kampos", uma pesquisa sobre o uso da "injeção de sapo Kapun" entre os Katukina, Yawanawá e Kaxinawá, que brevemente acontecerá nas aldeias desses

povos, inclusive em Nova Esperança. O Dr. João Guerreiro e sua inseparável esposa Sirlei também participaram ativamente da festa. Só reclamaram da falta de cipó, que só deu para as duas primeiras noites de festa. Não poderia esquecer as meninas do Rio, que dançaram e cantaram de verdade. Algumas delas tiraram a roupa e vestidas apenas de saias de palhas de buriti, como todas as mulheres da aldeia, pintaram seus lindos corpos de urucum e jenipapo. Dentre as mais animadas, destaco a Maira, Lúcia Jaber, Paloma Sol, Marcela Zurur, Carolina Xavier, Thais, Luiza e Marcela Colombiana. Junto com elas, o João Carlos e o Rodrigo Fala-bela. Quase todos estudantes de geografia, que viraram o Acre "de cabeça pra baixo", antes e depois do Encontro Nacional de Geografia (ENG), ocorrido em Rio Branco no início de julho passado.

O festival Yawanawá, realizado nos últimos cinco anos, desde que o Joaquim Tashka e sua esposa Laura Soriano produziram e dirigiram o excelente documentário YAWA, vem se constituindo de fato "uma importante escola de educação de nossa cultura", com bem assinhou o cacique e pajé Nixiwaka, em depoimento dado a antropóloga Ingrid Weber no IV Yawa do ano passado.

Finalizo o papo com a poesia da letra de uma música recebida pelo meu filho, Lucas Maná, durante o V YAWA. Foi composta nas rodas de viola à beira de um fogo em que a jovem galera das meninas do Rio, lideradas pelo Macilvo Yawanawá, se reunia para celebrar a vida e as estrelas, nas noites frias de lua crescente.

No meio da mata tudo pode acontecer/Tem florestas e paisagens que não há como esquecer, não há Yawanawá, não há como esquecer, não há Coqueiro Macilvo e sua viola.Introduzindo uma cultura nova/Podes crer, vai acontecer/O preto azul do jenipapo/O vermelho vivo do urucum/Povo que canta, canta e encanta/Não existe em lugar nenhum/Um, Issai, unike/O cipó e o rapé dão força e inspiração pra escrever essa canção/ Yawanawá, não há como esquecer, não há (Lucas Maná, que aniversariou de seus 27 anos em pleno festival). Parabéns lelozinho Maná!



Escola Yawanawá Wixi Tapimati Peshe Iva Istiho. FOTO: TERRI AQUINO

Como é a educação tradicional entre os Yawanawá

A educação entre o povo Yawanawá é feita de diferentes maneiras. A primeira educação começa pelos pais. Segundo são os ensinamentos das pessoas mais velhas da aldeia, que são os contadores de história e os pajés. As histórias contadas dão vários exemplos de pessoas que viveram no passado. Por exemplo: a história do jovem que não obedecia a seus pais, a história do jovem preguiçoso e a dos pais que não davam conselhos para seus filhos homens.

Entre os Yawanawá, o pai de um menino é responsável por educá-lo desde pequeno. Os ensinamentos são: ser educado, ser trabalhador, não mentir, não andar rindo na frente das pessoas mais velhas, não comer os alimentos que não podem ser comidos quando ainda se é jovem, tomar banho bem cedo e acordar de madrugada para planejar o trabalho do dia.

A educação das meninas fica sob a responsabilidade das mães na hora que o pai sai para caçar, pescar ou qualquer outro trabalho fora de casa. A mãe, em casa, começa a trabalhar em uma atividade de fazer paninho de cipó, abano, cerâmica, cozinhando macaxeira para caixuma e fazendo comida para família. É nessas horas que a mãe vai contar como a menina tem que ser, como deve ser o seu comportamento diante da sociedade e o que ela deve fazer para ser cobiçada pelos jovens Yawanawá. Muitas conseguem, mas outras não.

Os trabalhos são divididos entre o menino e a menina, tendo os específicos para cada um. Os namoros e os casamentos só acontecem com a aprovação dos pais, ou seja, são eles que determinam quando e com quem deve ser.

A educação feita pelo chefe é mais rígida e é feita para a população sem segredo, aberta para todo mundo. O chefe chama aquela pessoa que já tem muita experiência e que sabe contar história para poder tirar o resultado da história contada, fazer uma avaliação e resolver o problema.

A conquista da terra e o surgimento da escola entre os Yawanawá

Em 1973, quando nosso povo vivia no seringal Kaxinawá de um lado do rio Gregório e os patrões seringalistas do outro lado, passou o txai Terri Aquino. Nessa passagem à nossa aldeia, ele falou que nós povos indígenas tínhamos direito à nossa terra sem intervenção de ninguém. Antes de 1973, os Yawanawá viviam trabalhando, limpando ramos, brocando roçado, trabalhando a diárias, cortando seringa para o patrão branco, sendo enganados de uma forma ou de outra, sendo massacrados, proibidos de falar a língua e praticar a cultura tradicional. A partir dessa passagem do Terri, algumas pessoas daquela aldeia começaram a lutar pelos direitos que tinham. Naquela época nós éramos pequenos, mas já acompanhávamos nossos pais. O chefe era Raimundo Luiz e os “testas-de-ferro” da aldeia eram o João Luiz, Fernando Henrique, o finado Arnaldo, velho Luiz, Chicó e o velho Alderico.

Quando foi em 1980 para 1982, junto com o representantes da FUNAI, CIMI e da CPI, resolvemos fazer a demarcação da nossa terra indígena do Rio Gregório. A partir daí, nós precisávamos tomar conta de tudo, sem a ajuda de mais ninguém.

A primeira coisa que os Yawanawá fizeram foi tomar as suas borrachas do patrão. Só isso já mostrou para o patrão e seus fregueses brancos que os índios não iam mais dar certo com eles. Aproveitando esse momento, já fomos dizendo aos não indígenas que não iam mais poder morar naquela terra, porque a terra era nossa e que deveriam procurar outro lugar para morarem.

Com a saída do patrão, o povo Yawanawá passou a controlar uma cooperativa, a mexer com a venda de seus produtos e fazer compras para o abastecimento dela. Foi então que se iniciou a necessidade da leitura e da escrita para o mundo dos negócios e foi feita uma reivindicação para as organizações que ali estavam. A partir daí, houve a necessidade de formar professores, agentes de saúde e tocar a nossa vida por conta própria. Em 1983 foi feito o primeiro curso de formação de professores indígenas na antiga Fundação Cultural em Rio Branco – Acre, cuja coordenadora do projeto era a professora Nietta.

Na minha aldeia foi escolhida a primeira professora indígena: Mariazinha Luiza Nãni Weni Yawanawá. Em 1986 a comunidade precisava ter alguém que cuidasse da parte de saúde e aprendesse a mexer com remédio. Mariazinha passou a cuidar

Velho Luís Yawanawá ensinando os tipos de ervas medicinais para as crianças. FOTO: INGRID WEBER, 1998





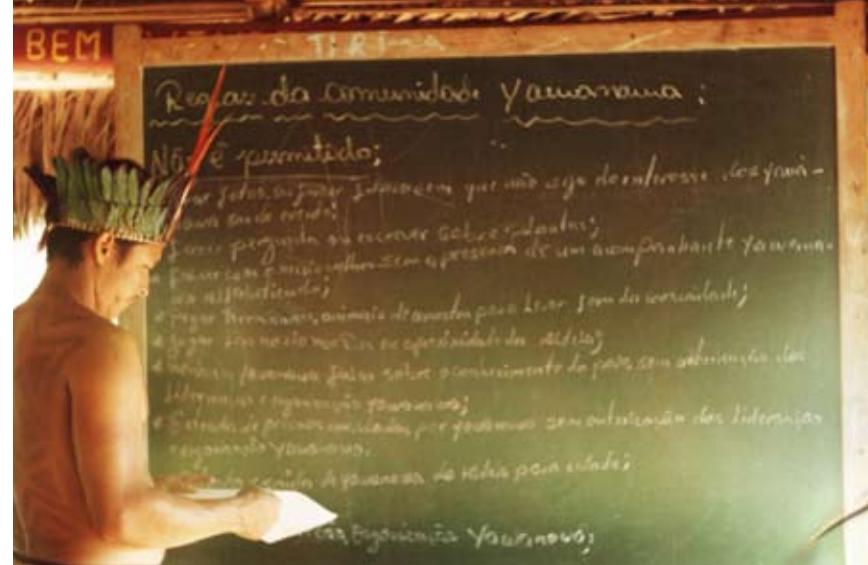
Professor Chicó e seus alunos. Aldeia Escondido. FOTO: INGRID WEBER, 1998

da saúde e Raimundo Luiz, meu chefe, escolheu a mim (Nani) para ser o professor da aldeia. Eu então comecei a participar dos cursos da CPI, onde pude descobrir o valor que um grupo indígena tem. E a partir de 1997, com a volta do Aldaíso para a aldeia, até porque agora já há muitos alunos, estamos trabalhando juntos, além dos demais professores, para fazer o melhor para a comunidade Yawanawá.

Educação tradicional e escola

A educação tradicional e a escola são como dois amigos que sempre estão juntos, que um aprende com o outro sem prejudicar o ensinamento que cada um tem. Os velhos são uma escola viva que falam todo dia e toda hora sem parar. Eles são os arquivos da história, são os geógrafos, os cientistas dentro do seu mundo de conhecimento. A escola precisa dessa parceria de trabalho para ter o que ensinar. A educação tradicional oferece à escola a importância de manter os costumes tradicionais como a língua, as festas e os rituais, as crenças e as cantorias do povo.

A escola veio para dizer que tudo o que a educação tradicional oferece a ela é verdadeiro para a identidade de um povo, para continuar vivendo onde sempre estiveram. Ela veio para registrar na escrita a língua para a futura geração. A escola garante que o povo Yawanawá vai continuar vivendo como índio mas sem perder de vista que a sociedade do povo branco é diferente da nossa.



Professor Yawanawá durante Festival de Cultura. FOTO: DJACIRA MAIA

O que faz a escola diferenciada?

Cada nação indígena no mundo tem seu modo de viver, tanto no Brasil como em outros países. Cada nação indígena têm suas formas de aprender e ensinar. As línguas são diferentes no modo de falar também. Na escola são ensinadas e faladas as duas línguas. Quero dizer que no nosso caso, aqui no Brasil, falamos a língua portuguesa e a língua do nosso povo, que é Yawanawá. A educação diferenciada nas escolas indígenas significa mostrar os dois mundos, mostrar que um não é igual ao outro. O mundo da sociedade não indígena tem uma enorme diferença em todos os sentidos.

A escola diferenciada nas aldeias indígenas significa fortalecer nossa tradição e costumes para continuarmos com vida sem manipular as belezas que a natureza nos oferece.

Educação diferenciada nas escolas do povo Yawanawá é o professor usar o livro feito por ele, com sua palavra usada no dia-a-dia. O professor na escola não só ensina a ler e a escrever, ele tem por obrigação participar dos trabalhos coletivos da comunidade. O professor na escola diferenciada dá aos alunos oportunidade de aprender mais coisas sobre a educação tradicional, vendo e fazendo também as brincadeiras e as músicas que sempre estão presentes na escola do povo Yawanawá. Os tipos de atividades na escola diferenciada são escolhidos pelo próprio professor, de acordo com a necessidade dos alunos. O professor respeita os alunos e seus pais, reconhece e respeita os velhos como arquivos de histórias e mitos, reconhece os velhos como geógrafos, como cientistas dentro dos conhecimentos indígenas.

Hoje, o que se pode ver entre os Yawanawá é que na educação escolar indígena diferenciada não está entrando somente a leitura e a escrita, mas também outro conhecimento que é dos índios, dividindo assim os conhecimentos para um não atrapalhar o outro. Nos dá também o privilégio de ensinar o que for interessante para a nossa família, para o nosso povo, contribuindo para valorizar nossos costumes sem perder de vista o mundo da sociedade não indígena.



Crianças Yawanawá da aldeia Mutum. FOTO: INGRID WEBER

Histórias da Floresta



Festival de Cultura Yawanawá. FOTO: JOAQUIM TASHKA

As histórias são contadas apenas pelos velhos e velhas da comunidade e, como sempre, os momentos escolhidos para contarem são pela madrugada ou às 7h e 8h da noite. Às vezes, em momentos em que estão tomando o Uni, em alguns momentos em que estão pescando, indo à uma caçada, ou acampamentos e até mesmo nos trabalhos cotidianos. Através das histórias, tiram e fazem comparações aos problemas do dia-a-dia. Mas não existe interesse dos jovens em aprenderem com os velhos as histórias do povo. Somente as pessoas que querem ser pajé são os que acabam aprendendo a contar as histórias do povo.

História do tatu

Era uma vez uma família que morava com a sogra. Quando o genro fazia o roçado e plantava milho, a sogra acabava com o milho verde, porque ela fazia caçuma, pamonha, cozinha etc. O genro ficou com raiva porque ela não deixava o milho secar. Mas quando chegou a época do roçado, o genro fez o roçado bem escondido e plantou. Depois que ele plantou o roçado, falou para a mulher dele que ia fazer o roçado. A mulher falou: “faz logo o roçado meu marido porque eu quero comer milho cozido”. A mãe perguntou à filha se o marido já tinha feito o roçado, e a filha respondeu que não. Ela disse que ele ainda ia fazer, mas na verdade o milho já estava nascendo. Passou duas semanas, o dono do roçado foi ver o milho, já estava pendurado. A mulher perguntou sobre o milho e o marido falou que estava nascendo agora. Após mais duas semanas, o milho já estava no ponto de fazer caçuma, pamonha, mas ele não disse para ninguém. A mulher falou: “que tal homem?” E o marido disse que o milho já estava pendurado. Ela então disse que iria comer milho cozido. Passou muitos dias e ele foi ver o milho. Já estava seco, mas ele não falou para a mulher. Trouxe uma espiga de milho na aceira do roçado que estava boa de cozinhar. Quando chegou amostrou para a mulher: “olha o milho agora está bom para comer”. A mulher chamou os filhos dela: “vamos buscar milho no roçado”. A mãe pegou o panela e os filhos também. A mãe ia à frente e os filhos atrás, e o pai foi olhando bem escondido para ver o que ela ia fazer quando chegasse no roçado. Quando a mulher chegou no roçado, viu o milho que já estava seco, ficou com muita raiva e deu um grito bem alto. Ela se transformou em um tatu junto com seus filhos. Quando o marido viu que ela soltou o panela, correu atrás para pegar ela, mas não conseguiu. Ele voltou para casa só. Quando passou dois dias, o vizinho foi caçar e achou uma morada

de tatu. Ele matou o tatu com uns filhotes, trouxe para a casa dele e a mulher do vizinho cozinhou o tatu, ralou a banana, fez mingau de tatu e chamou o marido da mulher que virou tatu. “Vem comer mingau de tatu”. Então ele disse que não iria comer mingau de tatu, porque sua mulher e seus filhos viraram tatu.

Leda Matilde Ferreira

História da velha e do rapaz

Era uma vez uma velha que morava em uma outra aldeia com suas duas netas. O rapaz morava em outra aldeia, onde moravam outras pessoas. Ele foi para outra aldeia e quando chegou viu duas moças bonitas morando com a velha. Ele simpatizou com as moças. Quando foi à noite, o rapaz viu aonde ia dormir, em qual rede. As moças dormiam perto da velha, e perceberam que o rapaz ia dormir junto com elas. O rapaz atou a rede dele bem perto da rede delas. Quando o rapaz levantou para fazer xixi, a moça pediu que a avó deitasse na rede delas e que elas fossem para a rede dela. Então, a velha deitou na rede das moças e as moças na rede da avó. Às nove horas da noite o rapaz foi deitar na rede da moça e se enganou, deitou com a velha pensando que era a moça. Mas ele não percebeu, passou a noite toda com a velha pensando que era a moça. Às quatro horas da madrugada, o rapaz falou: “como é que você chama aquele pássaro que está cantando?” Mas com a voz bem diferente, que não era voz de moça, era voz de velha: “Nós chamamos de caporé”. O rapaz ficou com medo: “Meu Deus, não é a moça, é a velha”. Então ele pensou: vou embora senão as moças vão mangar de mim. Ele falou: “vou fazer xixi”. A velha falou: “vou também”. As moças, quando acordaram de manhã e viram aquilo, começaram a mangar da avó. “Você me espera que eu vou fazer cocô. “Eu vou também”. O rapaz começou a correr e a velha começou a correr. O rapaz era novo e corria muito. A velha corria pouco, mas não deixava ele subir no pé de açaí. Com cinco minutos, a velha chegou e disse: “eu já cheguei”. O rapaz andou muito para a velha cansar e depois correu de novo. A velha acompanhou até chegar na aldeia do rapaz. O rapaz pelejou para deixar a velha, mas acabou ficando com a velha. Esta história se chama *yushahaú txivani*.

Leda Matilde Ferreira

História do caboré

Os índios saíram para caçar na mata. Eles passam 10 dias na mata para trazer alimentos para sua família. Eles marcaram o dia para sua chegada, mas não chegaram no dia marcado. Aqueles que tinham ficado não estavam mais agüentando a fome. Eram mais ou menos oito horas da noite, caboré começou a cantar, e aquele que tinha ficado em casa pegou a flecha e flechou caboré. No outro dia bem cedo, a mulher fez um mingau de caboré num camburão bem grande e chamou todo mundo para comer mingau de caboré. Ali perto dele cada um chegava com um prato nas mãos pedindo mais mingau de caboré. A mulher disse que não tinha mais mingau, que já estava raspando o camburão. Ela estava negando mingau. Quando ela disse que não tinha mais mingau, os caçadores vinham chegando da caçada. Uns vinham buzinando, outros cantando. Então ela disse: “aqui ainda tem mingau para vocês”. Eles disseram que não queriam porque ela havia dito que não havia mais mingau. Então, a mulher ficou com muita vergonha porque ninguém queria o mingau. Ela derramou todo o mingau.

Francisco Luis Yawanawá

História da mucura

Um homem chamado de pica-pau resolveu passear na casa do primo. Quando ele chegou lá, seu primo não estava em casa, somente sua mulher, pois ele havia saído para caçar.

A mulher do seu primo o recebeu muito bem, e disse que ele tinha ido caçar porque não tinha nada em sua casa, mas que voltaria logo. Ela disse para ele deitar na rede. Quando ele deitou na rede, o marido dela chegou. Oh! Meu primo você veio nos visitar, nunca mais nos vimos! Então ele falou com a mulher: “nós não temos nada para dar de comer a nosso primo, da minha caçada eu não matei nada, apenas quando vinha da caçada encontrei uma mucura”. O primo pica-pau falou para ele: “meu primo, eu como a mucura. Ele respondeu: “você come”. A mulher disse para ele ir buscar a mucura para ele comer. O marido então foi buscar a mucura e ela preparou. Bem, no outro dia, ele amanheceu morto. Ele não levantou da rede, mandou a mulher ver se ele estava dormindo ainda. A mulher chamou e ele não respondeu, então a mulher falou para o marido: “ele morreu porque comeu a mucura”.

História do Gavião Real

Perto da maloca tinha um roçado. Na aceira do roçado tinha um pé de samaúma. Era morada do gavião real e tinham filhotes. Infelizmente não encontravam nada para dar de comer aos filhotes todos os dias. Ele começou a pegar os índios. Quem saía para caçar, para o roçado, para pescar, não voltava mais. O gavião estava acabando com os índios daquela maloca. Quando não conseguia pegar um índio naquela maloca, ia pegar em outra. Eles não podiam mais sair de casa. A casa era toda amarrada, as portas eram todas fechadas. Os índios estavam perto de morrer de fome. Aos pés da samaúma tinha muitos ossos de gente de todas as partes. Isso era para dar alimento aos filhotes.

Era noite de lua muito bonita, perto tinha um lago, o sapo começou a cantar. Eles falaram pros índios: “como que nós vamos fazer para pegarmos aquele sapo para comer? Ou então vamos morrer de fome”. Eles pensaram: “vamos mandar uma velhinha pegar o sapo. Se o gavião pegar ela, não vai fazer falta, pois já está velhinha”. Pegaram a esteira de palha taniçara. Pobre da velha, mandaram ela ir buscar o sapo. Quando a velha chega onde o sapo estava cantando, não era mais o sapo, era muita gente dançando mariri, eles a receberam, deram comidas. Ela contou o que estava acontecendo com eles e arranhou arma para matar o gavião. Eles ensinaram como se usava aquela arma e pediram que quando matassem o gavião, ela viesse deixar a arma deles na boca do caminho. Ela chegou e entregou a arma para o filho dela. Ele saiu na lua clara, fez como lhe ensinara a fazer. O gavião não esperava pelo que ia acontecer com ele. A arma era de assopro, chama-se tipi. Então, ele deu 2 assopros no velho gavião e nos filhotes. Quando deu mais ou menos duas horas da madrugada, os dois gaviões caíram mortos. Nesse tempo não tinha sororoca, começou por causa da pena do gavião real.

Francisco Luis Yawanawá

História de Antigamente

Era uma vez um homem que se casou com uma menina bem pequena. Nesse casamento, ela chegou a engravidar. Depois que engravidou, ela ficou bem feia e ele tinha vergonha dela, não andava com ela. Chegou um dia que ele foi caçar e lá encontrou uma fruta gostosa que se chama spotá e nesse dia não matou nada. Quando chegou a noite, deitado ele disse: “amanhã vou

comer a fruta que vi”. Ela respondeu: “eu vou contigo!” E ele respondeu que não estava chamando ninguém. Quando chegou cedo, ele pegou a sua flecha e saiu. Quando ela viu, disse para a mãe dela: “mãe, eu vou com meu marido, comer fruta que estou desejando.” E a mãe dela disse para ela não ir, pois ele poderia deixá-la sozinha na mata. Mas ela não quis dar ouvidos e foi atrás dele. Quando chegou lá na mata encontrou o marido dela e disse: “marido, me jogue uma fruta.” E ele respondeu que não chamou ninguém para ir com ele. Mas assim mesmo ele jogou uma fruta verde e jogou embaixo de uma terra bem grande. A coitada foi buscar e, enquanto ela foi buscar, ele desceu depressa, foi embora e deixou a coitada sozinha. Quando ele chegou em casa, tirou a rede de sua flecha e foi embora.

A mãe dela disse: “oh! Meu Deus, este homem deixou minha filha sozinha e agora o que vou fazer?!” Não tinha nada a fazer, só fazia chorar. Quando era à tarde, a coitada chegou sozinha. Nesse lugar que aconteceu isso, morava um homem que queria muito se casar com ela, e viu tudo o que havia acontecido. O marido dela só a fez sofrer assim porque ela era muito feia e barriguda, com pernas finas e braços finos. O homem que queria ficar com ela não quis saber de nada disso. Ela achou foi bom quando o marido dela foi embora. No outro dia, ele foi buscar as frutas que ela queria comer. Trouxe uma sacola cheia de frutas e casou-se com ela. Cuidou dela muito bem, tirava folha para ela e fez com que ela ganhasse neném. Logo depois que ela ganhou neném, ela ficou muito bonita pelos cuidados que o outro marido teve com ela e o filho dela também cresceu rápido. Ela e o filho se formaram muito bonitos da região. Todos que moravam lá, ficaram admirados. Aí teve um dia que um homem foi passear, viu aquela mulher bonita e disse: “porque você, meu primo, deixou está mulher tão bonita? Façam uma festa e convidem ela e o marido para vocês verem a mulher bonita”. Eles combinaram em fazer a festa e depois convidaram eles. No dia da festa, o marido que abandonou soube e não quis que as mulheres dele ficassem perto dele. Sabe o que ele disse? “Não venham perto de mim fiquem perto de suas mães”. Entre as multidões, ele saiu devagarzinho, escondido dos outros até chegar perto dela, e falou: “*a wea vake we e kumessime*”. E ela disse: “o que está me perguntando? Se eu já tive filho? Será que você não tem vergonha?” Ela enfiou o dedo na testa dele e disse: “*eri, eri, ri*”. Quando ouviram isso as pessoas gritavam: “olha o que está acontecendo com nosso primo”. Aí ele saiu todo desconfiado e foi embora.

Shaya Yawanawá

Maxi vakë

Era uma vez um homem muito ciumento, que se chamava *Tavayuvê*. Ele tinha um ciúme tão grande de sua mulher, que não queria que a mulher conversasse nem outras mulheres. Se o cachorro latisse e ela olhasse, era um tapa na cara. Ela não podia olhar para ninguém e se olhasse ele batia ou passava merda de cachorro em seu rosto. A coitada nunca olhava para ninguém, ela passava por esse sofrimento desde o dia em que se casou. Nunca foi feliz, até que um dia ela pensou em sair deste sofrimento e ir embora. Até que chegou o dia e a época de fazer roçado. Nesse dia ela ficou feliz porque o marido ia derrubar o roçado. Quando viu ele sair, ela falou para sua mãe: “mãe, passa jenipapo em mim, faz kenê no meu corpo inteiro e depois corta uma das suas roupas novas pra”. A mãe dela respondeu que não iria fazer isso, pois o marido dela podia matá-la. “Eu não quero saber de nada, faça o que estou mandado”. Daí a mãe fez tudo que ela havia pedido. Ao terminar, ela pegou uma espiga de milho, assou e colocou na panela nova. Pegou o macaco que ela criava e saiu dizendo para a mãe dela: “vou visitar meu marido derrubando o roçado”. Fez que ia para lá e varou por outro caminho. Esse caminho era por onde moravam os inimigos do seu irmão. Depois que ela tinha ido embora, chega o marido pedindo água para beber. Ele fez isso só umas três vezes ao dia: ia no roçado e voltava pedindo água. Mas não encontrou a mulher porque ela havia ido embora. Quando chegou a tarde, ela nada de chegar, o irmão foi atrás dela, mas não a encontrou, apenas viu o lugar onde ela tinha sentado e chorado. Chorando ela fez pintura na orelha de pau. Ele veio embora, não a encontrou. Quando foi à noite, ele saiu de rede em rede caçando a mulher dele e dizendo: “onde vocês deixaram Suinha? Traga ela pra mim”. Passou a noite e nada da mulher chegar.

Quando a madrugada chegou, um assobio chegou dizendo: “cunhado acorda que preciso ir atrás de minha irmã”. Otava respondeu que já estava acordado, mas o irmão da mulher não estava chamando Otava, e sim outra pessoa que ele tinha vontade da irmã dele para ele. Saiu bem cedo para a procura da irmã e não encontrou. Caminhou lá em cima da terra onde eles tinham o costume de ouvir a voz do inimigo, ouviu a batida do pilão da irmã e disse: “esse é o cântico da minha irmã”. E começou a chorar. E então, foi pastorear para pegar sua irmã quando ia pegar água, mas não deu. E foi até a casa onde ela estava. Quando chegou, disse: “me dê caiçuma que você fez para seu marido”. Ela pegou, colocou no pote e embolou para ele. Não deu para ele pegá-la e foi embora.

Shaya Yawanawá

História do homem que namorava uma preguiça

Era uma vez, um homem que morava distante de sua família. Um dia ele resolveu visitar sua irmã e, quando foi visitar, no caminho, encontrou uma preguiça e começou a ter um caso com a preguiça.

Ficou na casa de sua irmã por uns três dias e foi embora. No caminho foi encontrar a preguiça e fez um tapiri onde ninguém andava. Foi morar com essa preguiça. Passou dois dias com ela e voltou para a casa de sua irmã. Vim te ver e quero que torre milho para mim. Mas, na verdade, o milho era para a preguiça. A irmã fez como ele mandou. Ele pegou o milho torrado e foi embora. Passou mais dois dias e voltou novamente. Daí o cunhado dele desconfiou: “porque seu irmão vem todas as vezes, manda torrar milho e fazer muncunzá. Vou segui-lo para ver o que esta acontecendo”. Seu cunhado viu quando ele ia embora, foi seguindo devagar. Ele saiu no caminho, olhou para todos os lados, não viu ninguém e saiu correndo. Quando chegou lá, viu ele dando de comer à preguiça o milho torrado. Apenas viu e voltou. Ele pensou: “um dia te pego”. Outra vez ele foi na casa de sua irmã e pediu milho para trazer. Nesse dia, seu cunhado viu ele chegando e disse à mulher que iria caçar. “Fique aqui, seu irmão está em casa”. E saiu olhando devagar. Chegou até o tapiri e viu a preguiça pendurada. Quando viu ele, fez barulho. Ele disse: “não namorei ninguém, só você”. Ele chamou a preguiça para perto dele e matou a preguiça com a lança. E levou para seu cunhado ver. O seu cunhado não ficou com raiva em ver sua mulher- preguiça morta. Ele perguntou porque ele havia matado a pobre preguiça. “Você diz isso só porque é sua mulher, mas já está morta, não tem jeito.”

Shaya Yawanawá

História do hutuixi

Era uma vez, um homem chamado hutuixi que se casou com uma menina nova e bonita. Desde que ele se casou, nunca tinha deixado ela.

Onde ele fosse a levava com ele. E no lugar que ele morava, tinham pessoas que queriam sua mulher. Ao descobrir isso, aí é que ele não se afastava de sua mulher. Até quando ele ia caçar ela ia junto com ele.

Um certo dia, as mulheres convidaram a mulher dele para ir no roçado e ele disse que iria junto também. Mas as mulheres não gostavam dele e por isso haviam chamado só a mulher dele para ir para o roçado. Certo dia, combinaram de fazer brincadeiras, só para judiar com ele. Ele foi convidado e levou a mulher junto. Quando começaram as brincadeiras de yawa, que a gente roda muito até derrubar o outro. Foi isso que aconteceu com hutuixi. Quando ele caiu na brincadeira, levaram a mulher e fizeram o que quiseram com ela. E ele caído não esquecia da mulher e falava: “mulher onde você está?” E ela respondia: “estou aqui, não fui para nenhum lugar, estou aqui”. Isso ela já tinha namorado outro, só que estava enganando ele, e ele acreditando. Foi passando e ele não mudava suas atitudes.

Até que chegou o dia em que a mulher dele engravidou e ganhou neném. Quando ela ganhou neném não podia dormir mais com ele porque estava de resguardo. Ele não se conformava e queria dormir com ela. Ele chorava muito, até que ele disse: “porque minha mãe não me deu de comer kushu para eu morrer e hoje estou sofrendo assim”. Só porque ele não queria dormir sozinho. Ele estava chorando demais, e ela disse: “venha deitar comigo, desse lado da rede”. Ele logo foi deitar. Se deitou com a mulher e dormiu com ela. No outro dia, ele se levantou todo melado de sangue, parecia que tinha ganhado neném. As pessoas ficavam rindo dele porque ele era muito ciumento. Essa foi a história do hutuixi.

Shaya Yawanawá



Velho Raimundo Luís fazendo chapéu. FOTO: INGRID WEBER

Posfácio

A área de Pesquisa na Proposta Curricular do Programa de Educação “Uma Experiência de Autoria dos Índios do Acre” é um espaço para interação entre as diversas áreas do conhecimento no currículo, e um facilitador na capacitação e no desenvolvimento do estudo independente dos professores indígenas. Essa área foi iniciada com a sistematização de um trabalho que vem sendo desenvolvido nas várias etapas de formação dos professores ao longo de vários Cursos de Magistério Indígena.

Mesmo apoiando outras disciplinas, foi com a História, a Pedagogia e Línguas que a área de Pesquisa, teve sua maior aproximação. No caso da História, o amadurecimento das reflexões ao longo dos anos, somado ao incentivo e à instrumentalização dos professores para a pesquisa realizada, proporcionou o aumento no número de projetos de pesquisa e de registros histórico-culturais.

Enquanto os estudos desenvolvidos na disciplina Iniciação à Pesquisa aproximavam-se, através da etnografia escolar e linguística aplicada da Pedagogia, o debate sobre pesquisa e a construção de roteiros na disciplina de História abordavam questões relativas aos processos históricos e práticas tradicionais como a medicina natural (ervas, rezas etc.), e a musicalidade relacionada às festas e rituais tradicionais. Como disciplina do currículo de formação, a pesquisa foi proposta ligada a três transversalidades: temático-funcional, pedagógica e linguístico-cultural. Isso significa dizer que na Formação Continuada a pesquisa é abordada em duas frentes. A primeira delas, voltada para a observação da prática dos professores, constrói uma etnografia escolar indígena orientada pela profa. Marilda Cavalcanti. A segunda, de viés mais histórico-cultural, em diálogo com a área de História é desenvolvida pelo conjunto dos professores indígenas orientados pelos assessores formadores Maria Luiza Pinedo Ochoa e Gleyson de Araújo Teixeira. É importante notar que apesar da ênfase dada à pesquisa nessas disciplinas, o interesse pelo estudo dirigido, realização de levantamentos e registros, é também encontrado nas atividades propostas para o estudo independente e formação à distância por outros profissionais/consultores do Programa.

Na disciplina de História o material pesquisado passou a ser organizado através das transcrições e digitação de fitas e manuscritos que chegavam das aldeias. Feito um levantamento prévio da situação de cada pesquisa, cada professor recebeu material de apoio que são vários documentos relacionados à sua pesquisa: textos não indígenas, relatórios de assessoria, do projeto, transcrições de depoimentos e entrevistas, além de seus levantamentos

transcritos e digitados a fim de serem lidos, revisados e melhorados. Durante esse processo de construção da História Indígena no programa de educação da CPI/AC, os principais levantamentos foram com os velhos, com dados novos ou com os que já estavam disponíveis em nossos arquivos.

Nesse processo surgiram diversos materiais como a série Caderno de Pesquisa com os títulos Doenças e Curas do Povo Huni Kuin e Nixi Pae – O Espírito da Floresta. O primeiro, produto das pesquisas realizadas pelo prof. Edson Medeiros “Ixã” Kaxinawá e o segundo de autoria do prof. Isaías Sales “Ibã” Kaxinawá, sobre cantigas relacionadas á bebida do cipó. A escolha desses temas por um lado, expõe a afinidades desses professores com seus objetos de estudo; por outro, são conhecimentos que devido ao contato com a sociedade nacional estavam se perdendo como prática cultural. Como o prof. Joaquim “Maná” Kaxinawá afirma, a escrita poderá contribuir para manter um conhecimento que a oralidade não está mais dando conta sozinha.

Essa série se propõe a divulgar práticas de registro, sistematização e reflexão desenvolvidas na pesquisa por cada professor indígena sobre os temas e áreas de seu interesse. O incentivo a outras pesquisas inspiradas nessas, sobre os mesmos temas ou outros e, a possibilidade de emprego como saber escolar, são também objetivos propostos. Cada Caderno expõe o projeto e objeto de estudo de um professor. A esses títulos serão somados outros que estão em fase de edição final com lançamento previsto para este e os próximos anos.

O livro Costumes e Tradições do Povo Yawanawá é o resultado de um processo de sistematização de dados da pesquisa, que assumiu características particulares dentro da série dando a obra um outro formato. Nasceu como projeto do prof. Aldaiso Vinnya Yawanawá e aos poucos foi incorporando material de pesquisas realizadas por outros professores Yawanawá, levantamentos realizados em documentos oficiais, crônicas de viajantes e notícias de jornais, além dos acréscimos obtidos também nos levantamentos realizados em 2006 pelo Grupo de Trabalho da FUNAI para revisão dos limites da Terra Indígena do Rio Gregório. Portanto, tornou-se obra coletiva de pesquisa e organização. Nesta última fase, merece destaque a contribuição do prof. Aldaiso na concepção da obra e auxílio em nosso trabalho de integração dos diferentes materiais e informações para chegarmos a formato final, que temos a satisfação de apresentar. Trabalho de mãos e lembranças que professores como Fernando Luiz, Inácio, Alderina, Leda, Francisco Luiz, Raimundo Luiz e outros produziram com orgulho de sua cultura e história.

*Maria Luiza Pinedo Ochoa
Gleyson de Araújo Teixeira*

Bibliografia

COMISSÃO PRÓ INDIO DO ACRE, Pesquisa em Educação. Projeto: O que é Educação Diferenciada em algumas Escolas Indígenas do Acre. Relatório de pesquisa, 1999 a 2002.

CARIA Naveira Miguel. Da Guerra à Festa. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

FUNAI, Relatório de Revisão de Limites Terra Indígena do Rio Gregório/AC. Povos Indígenas: Yawanawá e Katukina. Brasília: setembro, 2005.

TASTEVIN, C. 1928. LC Riozinho da Liberdade. In: La Geographie. Tomo XLIX.

contra-capă
parte internă

Costumes e Tradições do Povo **Yawanawá**



APOIO

*Rainforest Foundation
Noruega*

Governo Federal / MEC

*Organização dos Agricultores e Extrativistas Yawanawá
do Rio Gregorio - OAEYRG*

REALIZAÇÃO

*Comissão Pró-Índio
do Acre - CPI AC*

*Organização dos Professores
Indígenas do Acre - OPIAC*